

Maurício Elias Zouein  
Andréa Casa Nova Maia  
Organizadores

# O Vale do Rio Branco

Edição especial com estudos críticos



# O Vale do Rio Branco

Edição especial com estudos críticos

## UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA - UFRR

**Reitor:**

Jefferson Fernandes do Nascimento

**Vice-Reitor:**

Américo Alves de Lyra Júnior

**Editora da UFRR**

Diretor da EDUFRR:

Cezário Paulino Bezerra de Queiroz

**Conselho Editorial**

Alexander Sibajev

Edlauva Oliveira dos Santos

Cássio Sanguini Sérgio

Felipe Kern Moreira

Guido Nunes Lopes

Gustavo Vargas Cohen

Lourival Novais Néto

Luis Felipe Paes de Almeida

Madalena V. M. do C. Borges

Marisa Barbosa Araújo

Rileuda de Sena Rebouças

Silvana Túlio Fortes

Teresa Cristina E. dos Anjos

Wagner da Silva Dias



Editora da Universidade Federal de Roraima

Campus do Paricarana - Av. Cap. Ene Garcez, 2413

Aeroporto - CEP.: 69.304-000. Boa Vista - RR - Brasil

Fone:+55.95.3621-3111 E-mail: editoraufrr@gmail.com

A Editora da UFRR é filiada



Asociación de Editoriales Universitarias de América Latina y el Caribe

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA

O Vale do Rio Branco  
Edição especial com estudos críticos

Maurício Elias Zouein  
Andréa Casa Nova Maia  
Organizadores



EDUFRR

Boa Vista-RR

2017

Copyright © 2017

Editora da Universidade Federal de Roraima  
Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei n. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.



Núcleo de Pesquisa Semiótica da Amazônia

EXPEDIENTE

Reitor:	Organizadores
Jefferson Fernandes do Nascimento	Maurício Elias Zouein
Vice-Reitor:	Andréa Casa Nova Maia
Américo Alves de Lyra Júnior	Foto da Capa: George Huebner

Dados Internacionais de Catalogação Na Publicação (CIP)  
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

---

Z85      Zouein, Maurício Elias.  
O Vale do Rio Branco / Maurício Elias Zouein, Andréa Casa Nova Maia. – Boa Vista :  
Editora da UFRR, 2017.  
156p. : il.  
ISBN: 978-85-8288-144-6

1– História de Roraima. 2 – Fotografia documentária. 3 – Fotografias. 4 – História regional. I. Título.

CDU – 77.039

---

A exatidão das informações, conceitos e opiniões é de exclusiva responsabilidade dos autores

## APRESENTAÇÃO

O poeta amazonense Thiago de Mello, como parte de sua profícua criação artística escreveu “Como um rio”. Neste poema, o autor atribui ao rio a prerrogativa de decifrar o segredo do chão, sendo ainda mais inspirador ao dizer:

“Como um rio, aceitar  
essas súbitas ondas  
feitas de águas impuras  
que afloram a escondida  
verdade das funduras”

A obra “Vale do Rio Branco: edição especial com estudos críticos”, organizada pelo professor da Universidade Federal de Roraima, Maurício Elias Zouein em parceria com a professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro Andréa Casanova Maia se conecta ao poema, não pelo gênero literário, e sim pelo propósito que move um segmento importante dos estudos históricos, aquele que recua o olhar no tempo para compreender nessas “funduras” os “segredos do chão” sobre o qual socialmente navegamos.

Neste caso, organizar e prover criativamente uma nova linha de acesso à edição oficial da obra de Jacques Ourique, datada de 1906, com um rico dispositivo imagético, por meio das fotografias de Georg Huebner & Amaral, nos transporta para um tempo remoto da nossa própria sociedade. De tal modo que o presente ensaio oferece aos leitores a oportunidade de perceber e/ou reiterar a importância do Rio Branco e seus afluentes como marca de identidade a tracejar um processo dinâmico de formação de uma região, acolhendo uma pulsante relação social, cultural e de poder em diferentes frentes.

A obra que em muito reflete a competência e o apreço pelo tema por parte dos professores e pesquisadores Maurício Zouein e Andréa Casa Nova Maia, está estruturada sobre duas bases interdependentes: a primeira que reproduz o conjunto de textos e imagens do álbum oficial no início do século XX sobre o Vale do Rio Branco e o segundo momento que apresenta estudos críticos a desnaturalizar, por meio de uma reflexão contemporânea, a produção encomendada pelo então governador do Amazonas, Antônio Constantino Nery. Assim, a leitura crítica do álbum oficial como estratégia editorial, inspirada em teóricos e pesquisadores de campos interdisciplinares da história, da sociologia e da comunicação, oferece uma contribuição importante para emancipar o pensamento, desprendendo-o unicamente das motivações iniciais e oficiais.

A leitura atenta levará o leitor a deparar-se com o antigo e insistente desejo de progresso e de desenvolvimento alimentado pelos representantes políticos para a região, a requerer acima de tudo o seu povoamento e exploração. Outro aspecto que se sobressai é a própria dificuldade de desbravamento, pelo caráter inóspito da região, paragens remotas, com a descrição minuciosa dos esforços dos viajantes para vencer o rio; além das particularidades no uso da língua e as expressões de época.

“Vale do Rio Branco” é um painel diversificado do cotidiano, dos conflitos e tensões resistentes ao tempo, ao inventariar aspectos geográficos, a diversidade de recursos naturais e minerais, a polêmica relação entre indígenas e não indígenas, a produção econômica, as dificuldades de deslocamento, os modos de viver dos que se deixaram encantar pelos caminhos do rio.

Enfim, pelo tanto que a narrativa aguça em curiosidade, pelo muito que promove e amplia visões, pela oportunidade singular de compartilhar textos, fotografias e uma contextualização crítica sobre o Vale do Rio Branco, é que a Universidade Federal de Roraima reconhece e valoriza publicações como esta, que sofisticam e incentivam novas pesquisas, contribuindo para enriquecer o processo de produção do conhecimento na Amazônia e sobre a Amazônia.

Profa. Dra. Vângela Isidoro de Moraes

Agradeço a ajuda inestimável dos professores  
Dr. Carlos Alberto Marinho Cirino  
Dra. Gioconda Santos e Souza Martinez  
Dr. Jefferson Fernandes do Nascimento  
Dr. Vladimir de Souza

As fotografas e fotógrafos da Amazônia

## SUMÁRIO

Apresentação	I
O Vale do Rio Branco	01
Estudos críticos	
Diferença e repetição : um álbum europeu e uma paisagem brasileira nos paradoxos da República e da imagem fotográfica.	127
O valor simbólico da fotografia : entre margens a imagem da fronteira.	143



*O Valle do*  
*Rio Branco*

ESTADO DO AMAZONAS

EDIÇÃO OFFICIAL  
— 1906 —

JACQUES OURIQUE

---

# O VALLE DO RIO BRANCO

ESTADO DO AMAZONAS

EDIÇÃO OFFICIAL

1906

O dr. Antonio Constantino Nery, Governador do Estado do Amazonas, desejando promover o povoamento e progresso do alto Rio Branco, mandou fazer esta obra pelo engenheiro Alfredo Ernesto Jacques Ourique, com o fim de tornar conhecido essa uberrima região, e deu-a a imprimir aos Sñrs. G. Huebner & Amaral, que a illustrarão com vistas dos pontos mais interessantes, e um mappa de Ermanno Stradelli.

MANÁOS — 1906.

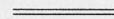




*A. Constantino Nery*

Dr. A. CONSTANTINO NERY, Governador do Estado do Amazonas.

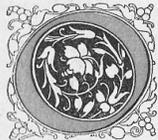
# O VALLE DO RIO BRANCO



PRIMEIRA PARTE

# I

## O Rio, sua posição geographica, accidentes naturaes e navegação — Povoações ribeirinhas e principaes affluentes — Dados historicos.



Rio Branco, tambem denominado *Paraviana* ou *Queceune*, desagua no Rio Negro por tres boccas em frente á povoação de Carvoeiro, distando a prinzipal 330 kilometros de Manãos. Carvoeiro está a  $1^{\circ}-24'-00''$  de lat. S. e  $18^{\circ}-48'-5''$  de long. O. do meridiano do Rio de Janeiro.

Mede de extensão, desde a foz até as embocaduras do Uraricoera e do Tacutú, nos quaes se bifurca em frente ao Fôrte de S. Joaquim, 606 kilometros. Ahi perde seu nome, querendo alguns que o ramo que se dirige para O., o Uraricoera, seja ainda o mesmo Rio Branco.

As coordenadas astronomicas do Fôrte de S. Joaquim são:  $3^{\circ}-1'-45''$  de lat. N. e  $17^{\circ}-16'-37''$  de long. O. do Rio de Janeiro.

Seu percurso, da foz até a barra do Coratirimani, aproxima-se muito da linha N. S. e dahi até perder o nome da de N. N. E. A linha equatorial o corta quasi perpendicularmente nas proximidades da barra do Curiucú, abaixo da povoação do Carmo.

Sob o ponto de vista de sua navegação, que é periodica e não continua como adiante veremos, podemos assim dividir esse percurso: o *Baixo*

*Rio Branco*, da foz ao Caracaray, no começo do trecho encachoeirado, com 388 kilometros; as *Cachoeiras*, com 24 kilometros; e o *Alto Rio Branco* com 172 kilometros, do extremo superior das *Cachoeiras* até á confluencia do Uraricoera e Tacutú.

A epoca das enchentes vae no Rio Branco de março a setembro commumente, sendo o mez de junho o de maior altura d'agua; e o da secca de outubro a abril, tendo logar as maiores estiagens em dezembro e janeiro.

Deve-se, entretanto, ter em vista que este regimen não é nem absoluto nem mesmo normal. Se bem que não falhe completamente, annos ha em que apresenta variações importantes.

As differenças de nivel, entre a enchente maxima e a maxima estiagem, attingem, ordinariamente, a dez metros abaixo das cachoeiras e a treze acima.

Na parte superior do trecho encachoeirado o rio bifurca-se, continuando seu curso principal a oeste e abrindo um braço para leste, o qual constitue o Furo do Cojubi.

E' por esse trecho principal de oeste que se faz a maior parte da navegação, apesar das difficuldades, porque o Furo do Cojubi só a dá, por pouco tempo durante as enchentes, tornando-se

perigosa desde que a vazante se accentúa. Nas grandes estiagens o leito desse furo fica quasi completamente a secco.

Essa zona encachoeirada de 24 kilometros, apresenta á navegação canaes mais ou menos desimpedidos, por onde sobem as lanchas a vapor e batelões, francamente nas grandes aguas, até á queda denominada Pancada Grande.

As principaes cachoeiras são, para quem sobe: *Lage da Onça*; *Rabo*, antigamente *S. Felipe*; *Bota-Panela*; *Pedras do Germano*; *Rebôjo* antigamente *Rabino*; *Pancada Grande*; *Cotovello*; *Guariúba* e *Sucuriju*; sendo todas comprehendidas na designação de — *Cachoeiras de S. Felipe*.

A Pancada Grande que na estiagem tem um metro e meio de queda, é formada por uma crista de penhascos que se estende, em linha ligeiramente obliqua da margem oriental para á occidental, terminando nesta por grandes pedras, por entre as quaes passa o rio em vertiginosa carreira, dando canal que só pôde ser galgado á sirga e em dadas circumstancias. Nas grandes cheias a navegação pode-se considerar como franca, desde a foz do Rio Branco até além da confluencia do Uraricoera e Tacutú, passando-se pelo Furo do Cojubi.

Emquanto as aguas, porém, não attingem á altura sufficiente para permittir a subida por esse furo, sem tocar nas pedras que lhe ouriçam os canaes, a navegação se faz pelo leito principal do rio, chegando as lanchas e batelões, quando o podem fazer, até pontos determinados, acima e abaixo da Pancada Grande, ficando separados entre si por um trecho, insuperavel pelos meios normaes, de cerca de 200 metros.

Nestes casos, faz-se a permuta ou transbordo da carga por terra, pelo varadouro ahi existente, n'uma ponta de terra que entra pelo rio a cavalleiro das maiores enchentes, denominado actualmente — do *Bem Querer*.

Este serviço, sempre penoso e caro, é feito em canoas ou pequenos batelões puxados á sirga; e, ainda assim, quando a estiagem é completa, só até ahi podem chegar, luctando com as maiores difficuldades, canoas que não sejam de grandes dimensões.

A força da correnteza no Rio Branco, cujo leito é bastante inclinado mórmte das cachoeiras para cima, é dada por competentes entre 1 e 3 milhas da vazante á enchente, assim como a sua largura de 700 a 4000 metros.

Em todo o seu percurso, sobretudo no trecho em que se divide para formar o Furo do Cojubi é rico de pitorescas ilhas de maior ou menor desenvolvimento, que na vazante descobrem longas e avermelhadas praias, em que desovam as tartarugas abundantes neste rio, tambem muito farto de todas as qualidades de peixes das regiões amazonenses.

Suas margens, ainda em grande parte desconhecidas no interior das terras, são em geral altas, excepção feita da parte baixa e lacustre do seu curso. Esta é formada por uma grande

planicie, limitada ao norte pelas terras altas e ao sul pelo Rio Negro que, nas enchentes, represa as aguas de varios rios e igarapés, entre elles do Jauapery, Seriuini e Anajaú, os quaes transbordando as alagam em grandes extensões.

Sob um ponto de vista geral, pôde-se apanhar todo o valle do Rio Branco, dentro de uma divisão synthetica, que se nos afigura bem caracteristica: a *Região dos campos*, desde as fazendas nacionaes até o Caracaray; e a *Região lacustre*, comprehendendo toda a parte baixa e em geral apaulada, desde esse ponto até o Rio Negro.

E' verdade que, ainda á jusante do Caracaray, até uma certa distancia rio abaixo e de ambos os lados, se encontram manchas de terras relativamente altas e alguns campestres, mas essas excepções constituem o terreno de transição em lucta eterna nestes valles amazonenses com a desnudação que os busca avassallar.

A rica e uberrima região dos campos, preciosa e exotica joia engastada no meio das riquezas communs ao Amazonas, pelo seu alto valor economico e social merecer-nos-a estudo detalhado em outro capítulo.

Suas terras bastante elevadas, e tanto mais altas e accidentadas quando mais avançam na direcção das nossas fronteiras com a Guyana Ingleza e Venezuela, morrem nas margens do Rio Branco quasi sempre em barrancas, na maioria dos casos elevadas de muitos metros. Nessa região, tão semelhante a dos *pampas* argentinos e mais bella pelas serranias distantes que lhe recortam o horisonte, a natureza tudo accumulou para que ella se tornasse um dia — o principal e mais farto e mais variado celloiro desse grande Estado.

Ahi predominam lindas e verdejantes cam-

pinas que se desdobram, a perder de vista, em suaves ondulações, em serena e triste continuidade, só interrompida por um ou outro capão de matto e pelos grupos raros das elegantes myrityseiros, a assignalarem, quasi sempre, limpidas lagoas de leite arenoso e núas de vegetação, onde se desaltera o gado sedento nas horas de calmaria.

Seu clima amenisado pela altitude e constantes brisas de N. E. e de N. O. é agradável, sadio e criador.

Do Caracaray á povoação do Carmo, o valle do Rio Branco vae descendo até a região baixa e apaulada a que nos referimos.

E' esta a zone da seringueira, na qual sua exploração já é feita, até nos rios que desaguum no começo do trecho encachoeirado, constante ser muito rica de gomma toda esta região, principalmente do longo do Jauapery.

O que tem retardado a penetração dos exploradores em busca da preciosa borracha, cujo valor angmenta diariamente com o augmento e multiplicidade do seu uzo, nessas paragens ainda em grande parte desconhecidas, é o receio dos indios, sobretudo das ferozes e traiçoeiros jauaperys. Quer nas terras altas da região lacustre quer na região dos campos a agricultura, nos pontos em que é explorada, dá os mais satisfactorios resultados.

A navegação a vapor do Rio Branco pôde ir, hoje, até a povoação de Santa Maria, quasi francamente durante todo o anno, só fallando nas grandes estiagens.

De Santa Maria do Caracaray só pôde ser ella feita durante as cheias, assim como desse ponto ao Fôrte de S. Joaquim e mesmo além, Tacutú acima até proximo da fazenda do Bom-successo, passando as lanchas pelo Furo do

Cojubi, porque, como já vimos, a cachoeira da Pancada Grande em caso algum, nas condições actuaes, pôde ser vencida para cima por embarcações dessa ordem.

Com o que temos dito ficam bem claras as difficuldades de transporte dos productos do Alto Rio Branco, de que tanto necessita o mercado de Manáos, assim como das mercadorias e instrumentos de trabalho de que carecem alli os fazendeiros e agricultores.

\* \* \*

Para esclarecer ainda mais este assumpto, que bem o merece, vejamos como se faz, actualmente, uma viagem de subida, no Rio Branco, nas *aguas medias*, quando já não se possa ir, de róta batida, ao Tacutú passando pelo Furo do Cojubi.

Phantasiemos para isso uma expedição com os melhores e mais seguros dados praticos.

Tomemos a lancha a vapor de pequeno calado como meio de conducção, por ser o mais empregado naquelle rio, visto poder augmentar facilmente sua capacidade de transporte, pelo additamento de batelões apropriados a essa navegacão, além de outras vantagens. De ordinario a lancha navega com um só batelão amarrado ao costado, lateralmente, levando tambem uma ou mais montarias a reboque.

O combustivel empregado é a lenha que, em todos os rios do Amazonas que tem navegacão regular, se acha empilhada em determinados pontos da barranca, nos quaes os vapores se abastecem.

Onde não existem taes depositos, a embarcaçãopára o tempo necessario para se cortar e embarcar o combustivel, o que occasiona a demora de duas horas e mais.

Como conte actualmente o Rio Branco com uma linha de navegacão subvencionada pelo Estado, já existem alli depositos de lenha em varios pontos do seu percurso.

Trinta e cinco horas, mais ou menos, depois de sahir de Manáos, monta-se a foz desse rio.

D'ahi se vae francamente até Santa Maria com uma media de 12 horas de navegacão, deixando á esquerda a embocadura do Seriuini em frente a ilha de Atauá. O Seriuini é um rio lacustre de pequeno curso, no qual se deve ver, talvez, o principal collecter das aguas das vasantes e dos lagos da região alagadiça que o cerca. Santa Maria foi uma antiga povoação fundada em principios do seculo XVIII pelos missionarios Carmelitas, os primeiros que entraram no Rio Branco, á montante do igarapé Jarani e abaixo das cachoeiras. Destruida com outras, já então existentes e que floresciam satisfactoriamente, pela insurreicão da Praia do Sangue em 1798, com os seus restos o Principal Prudente Gonçalves restabeleceu-a, com a denominaçãode Santa Maria Nova, em uma grande mancha de terras altas, actualmente muito reduzida pelas desnu-dações, a 16 leguas da foz desse rio.

Em 1841, achando-se em via de completa decadencia, foi encorporada á fazenda do Arari. Em 1852 contava uma populaçãode 550 almas vivendo em 60 fogos assaz dispersos.

A populaçãohoje alli estabelecida, em dez ou doze casas, é moderna, tendo havido, antes disto, tempo em que nem uma *tapêra* se via nessa localidade, como quando por ella passamos em 1888. Na epoca em que a antiga povoaçãofloresceu, chegando a contar cerca de 200 almas, outras povoações existiam, numa e noutra margem

do Rio Branco, que tambem alcançaram grande desenvolvimento.

Citaremos entre ellas: o Carmo com 320 almas em 40 fogos; N. S. da Conceiçãocom 286 almas; S. Filippe com 244; e S. Martinho e Santa Barbara, cujo algarismo de populaçãonão encontramos.

Na margem direita, desde o Seriuini até o contorno de S. O. das terras altas da povoaçãodo Carmo e dahi para o interior, na direcçãode N. O., até onde não é possivel saber por ser desconhecida a região, estende-se vasta zona naturalmente lacustre e cortada pelos affluentes desse rio e do Coratirimani.

O que irá de riquezas em seringaes, madeiras, preciosas essencias nesses sertões, cuja penetraçãoainda nos é vedada pelos seus primitivos possuidores, bem facil é de imaginar.

E, come estas, existem muitas outras regiões do Estado do Amazonas, ainda inexploradas, que bem mostram a espiritos previdentes a grandesa do seu futuro.

Na margem esquerda, acima de Santa Maria e da bocca do lago de Boyassú faz barra o igarapé da Agua-Bôa de Taparâ, já explorado em canoa até 12 dias da foz, sem que fossem encontradas cachoeiras, nem assignalada a presençaua habitaçãode indios.

Logo acima do Taparâ fica a barra do Curiucú, que só consignamos por passar perto della a linha do equador.

Dahi, deixando-se á esquerda a antiga povoaçãodo Carmo, onde existem hoje duas casas sómente, e pouco acima da curva que faz o rio para tomar a direcçãode N. N. E. encontra-se ao occidente a barra do Coratirimani, a menos de legua da Agua Bôa de Ineuini, que lhe fica acima,

e na margem opposta, a montante desta, a do Anauá.

A povoação hoje abandonada de N. S. do Carmo, na margem direita, acha-se a 23 leguas da foz do Rio Branco, foi florescente, como já o dissemos, não tendo podido jamais se reerguer depois do seu aniquilamento em 1798.

O Coratirimani foi explorado pelo coronel Manoel da Gama Lobo d'Almada, quando fez o levantamento do Rio Branco e de seus principaes affluentes em 1787, do que nos deixou um *Plano Geographico* ainda hoje muito apreciado. Nessa exploração chegou elle até o logar que denominou Repartimento, pouco acima do Porto de Cayari, que limita ainda actualmente nossos conhecimentos sobre esse rio, e que demora a cerca de dous grãos de latitude norte.

No Repartimento divide-se o Coratirimani em dous braços, um que desce de nordeste e cujas nascentes se suppõem virem das serras que acompanham o baixo curso do Mucajay, e o outro das raizes orientaes da cordinheira Parima, d'onde nasce tambem o rio deste nome, affluente das cabeceiras do Uraricoera e nas contravertentes venezuelanas — o Orenoco.

E' nessas regiões até hoje impenetraveis que a tradição colloca ainda o *Lago dourado*, que dizem ser o lago Parima, em cujas margens existeria a phantastica *Manoa del Dorado*, edificada pelos peruanos fugidos á crueldade dos hespanhoes, e na qual os mais treviaes utensilios de uzo domestico seriam de ouro macisso.

Quasi todos os que tratam desde assumpto, confundem o Parima que acabamos de assignalar com o Parimé, affluente da margem esquerda do baixo Uraricoera, entre o Majari e a confluencia do Tacutú, situando nas suas cabeceiras a cidade

phantastica, quando bastaria considerar a extensão e difficuldades da viagem que teriam de fazer os peruanos fugitivos (que segundo a lenda, subiram pelo Orenoco), afim de chegar ao Parimé, deixando a retaguarda a região do Parima, para se ver facilmente que é ao Parima e não ao Parimé que se referem as tradições.

O que é certo é que esta vasta superficie, que deveria ter sido estudada e levantada pela commissão portugueza de 1789 de que era chefe o coronel Lobo d'Almada, que segundo as ordens recebidas tinha de estender suas explorações até a zona limitrophe com as antigas possessões hespanholas, não o foi; assim como não o foi tambem pela commissão brasileira de limites com a Venezuela, de 1883, que tendo de demarcar o — *Divortium aquarum* — pelo cimo das cordilheiras que a limitam, e tendo de subir o Mucajay, que nessa mesma região tem os seus mananciaes, recuou diante das difficuldades encontradas, affirmando um dos seus commissarios, o dr. Dionisio Cerqueira: «E' convicção minha e das raras pessoas que conhecem essas paragens remotas, mysteriosas e desertas, que emquanto conservarem-se no estado actual, isto é, desprovidas de recursos e dominadas pelas hordas bravias dos Maracanãs, Kirishanas e tantas outras que as infestam, as solidões do Parima permanecerão inacessiveis ao homem civilisado e envoltas no mysterio em que até hoje tem existido. Nem pelo Uraricoera nem pelo Mucajahy, poder-se-ha por ora lá chegar. O imprudente que aventurar-se a penetrar com uma expedição regular em tão inhospitas solidões, ou pagará com a vida tanta temeridade ou voltará sem ter chegado ao seu destino».

Pelo que se conhece hoje do Coratirimani pouco se adianta ao que nos deixou a commissão

portugueza. Dizem que na estação das cheias se communica com o Demeneni e que existem bons seringaes a algumas etapes da sua foz. Seu curso, a começar da latitude de um grão, é a todo o momento cortado por cachoeiras e rapidos.

Na barra do Ineuini, situada logo acima da do Coratirimani, existe o maior barracão de seringueiros de todo o Rio Branco.

Na margem oriental, pouco abaixo da latitude de um grão, está a bocca do Anauá, igualmente explorado por Lobo d'Almada. Vem de lêste e, apesar das curvas que apresenta, tem sua direcção media parallelamente ao equador. E' muito encachoeirado em seu curso superior, o que privou os expedicionarios de irem mais adiante, ficando mais ou menos na altura de dous grãos norte.

Actualmente, em consequencia da exploração dos seringaes encontrados nas suas margens e nas dos seus affluentes, é percorrido até um pouco acima da foz do Barauana.

Nas enchentes dá navegação a pequenos batelões até as cachoeiras superiores, porém na estiagem a nega mesmo á canoas, sendo os poços que então se formam ao longo de seu leito, riquissimos em peixes e tartarugas, o que serviu de chamariz aos seus primeiros povoadores.

Tem como principal affluente o Barauana que se suppõem vir dos lagos onde nascem o Auiá, o Anno Bom e o Cachorro, e atravessa uma região de campos, em parte alagados, antes de entrar nas mattas que bordam o Anauá.

Acima da barra deste ultimo e na mesma margem demora o logar denominado Inajatuba, onde existiu uma malóca de Uapixanas; tendo ficado abaixo, na margem opposta Carapanatuba, tambem ponto habitado antigamente e hoje reduzido a tres casas apenas.

Continuando a subir e deixando á direita os ribeirões e lagos do Auiá e Anno Bom e á esquerda o Gerimè e o Jarani ou Aiarani, que recebe um braço vindo dos campos do Caracaray, chegamos á antiga povoação de Vista Alegre na margem oriental, hoje tapèra, primeiro ponto d'onde se começam a ver os campos ribeirinhos e grandes planicies, limitados ao longe pelas serras do Barauana, do Costanhol e do Caracaray.

Vista Alegre é hoje o ponto terminal de um projecto de estrada, approvedo pelo Congresso do Estado, que deve unir a fazenda da Serra da Lua, pertencente aos herdeiros de Sebastião Diniz, a um porto abaixo das cachoeiras.

Em suas immediações existem campos, de muito melhor qualidade e mais vastos do que os do Caracaray.

E' esse o porto do Rio Branco até onde se pode levar, por mais tempo, a navegação franca durante o anno, depois de Santa Maria Nova.

Ahi começam a apparecer no leito do rio as primeiras pedras que, augmentando em numero e em volume mais acima, tanto difficultam sua navegação.

Caracaray situado na margem opposta e um pouco acima é uma parada da navegação, quer na subida quer na descida, onde se refazem e se preparam as expedições ou caravanas, para affrontar as cachoeiras ou dirigir-se a Manãos.

Não encontramos esta posição no mappa de Lobo d'Almada e sim, quasi em frente, na margem oriental e proximo a bocca inferior do Furo do Cojubi, Santa Maria Velha, que, certamente, antes de sua destruição a que já nos referimos, desempenhava o papel de estação forçada da navegação fluvial, hoje entregue ao Caracaray,

talvez com maior somma de vantagens e commodidades.

E', este ultimo logar, insalubre e de máos campos que além de sujos e escassos são, aliás como os demais dessas paragens, incluindo mesmo os de Vista Alegre, infestados por toda a sorte de insectos, que tanto aniquilam o gado e incommoam os viajantes.

De Santa Maria Nova ao Carmo a viagem é na media de 16 horas e do Carmo ao Caracaray de 24.

Deste ponto ha tres caminhos para vencer o trecho encachoeirado.

O primeiro vae até Paracuúba, ou como chamam hojé, Bocca da Estrada. E' uma estrada para gado com quatro leguas mais ou menos de desenvolvimento.

Foi dirigido o seu traçado com o intuito de evitar os alagadiços, mas, como sua passagem fosse forçada pelas baixas do Igarapé Grande, atravessa nesse ponto terrenos que, no tempo das cheias, se tornam incommodo tremedal, de cerca de meia legua de percurso, com penosos atoleiros em alguns logares.

O segundo pelas cachoeiras, subindo em lancha a vapor nas aguas medias ou maximas.

Das aguas medias para menos é sempre perigosa. Têm-se de navegar por canaes tortuosos e de difficil praticagem, por causa das pontas de pedras que se erguem sob as aguas, de ordinario nos trechos de maior correnteza ou de rebôjo.

Luctando sempre com taes difficuldades chega-se ao porto de baixo da Pancada Grande, no varadouro hoje denominado do Bem-Querer, ficando as lanchas, muitas vezes, por causa das aguas, abaixo da Pedra do Germano. Como já

vimos, ahi se faz o transbordo da carga, approximando-se as lanchas o mais possivel, do lado de cima e de baixo, afim de reduzir o transporte.

O terceiro é o Furo do Cojubi nas aguas altas até o começo da vasante, habitualmente de maio a setembro, por onde, nessas condições se faz a navegação de subida e raramente a de descida porque, como a Pancada Grande e trecho encachoeirado dêem bôa passagem e mais rapida para baixo, quando se tem bons pilotos todos preferem por ahi descer.

Para esta empreza, não sem perigos, as lanchas, batelões e canoas possantes, preparam-se na ilha da Coragem, situada acima do trecho encachoeirado e pouco abaixo do Cotovello, junto a qual, ainda não ha muitos annos, foi á pique a lancha «João Pedro», por ter batido seguidamente em varias pedras.

A navegação do Cojubi, além de augmentar extraordinariamente o percurso da descida, offerece embaraços e difficuldades desde o Castanhal, a um terço do começo do seu desenvolvimento subindo, até a sua sahida, acima das cachoeiras.

Logo ao entrar na sua bocca inferior encontram-se tres penedos, dando um delles nome ao furo, os quaes, obrigando as embarcações para vencel-os a descreverem um rapido S, constituem um trecho sempre a receiar, principalmente na descida.

Além disso, o grande numero de canaes e ilhas que apresenta, quando só ha um canal navegavel, exige uma longa praticagem para qual nem sempre é facil encontrar bons pilotos.

Na estiagem sêcca quasi completamente, só havendo no seu leito um filete d'agua no canal principal e alguns poços esparsos.

Do Caracaray pelo primeiro caminho, a estrada de gado, gastam-se, mais ou menos, cinco horas a cavallo.

Pelo Cojubi, subindo 12 e descendo 3.

Pelas cachoeiras é difficil dar um percurso em tempo, mesmo medio, pelas muitas causas de atrazo, entretanto, é sempre a viagem por ahi, quando não se tenha de fazer grandes transbordos de cargas, mais curta e mais rapida do que pelo Furo do Cojubi e mesmo pela estrada, até Paracuúba.

Do porto da Bocca da Estrada, ponto acima das cachoeiras analogo ao Caracaray abaixo, continuando a viagem, depara-se-nos na margem occidental, logo acima do lago Arauary, a Praia da Desgraça, antes denominada Praia do Sangue, pelo papel que desempenhou na insurreição de 1798, a que assim se refere o capitão tenente Amazonas:

«Nesse anno uma expedição ao mando do tenente Leonardo Jose Ferreira bateu os indigenas Paravianas e Uapixanas no Rio Branco, os quaes rebellados haviam assassinado hum director, os soldados de hum destacamento e alguns moradores; do que resultou chamar-se — Praia do Sangue — o lugar desta atrocidade. Setenta indigenas, poupados ao massacre da refrega, foram distribuidos pelas aldeias de Pariutins, Villa de Borba e Logar de Alvellos, donde outros se trasladarão para as desertas aldeias do Rio Branco.»

Estas insurreições de indios, provocados, quasi sempre, pelas injustiças, maos tratos e perseguições com que os opprimiam os portuguezes, não eram infelizmente raras e geralmente acabavam pelo aniquilamento e dispersão dos indigenos.

Na margem oriental, um pouco a jusante do logar denominado Cachoeirinha, está o ponto onde existiu S. Philippe, antiga povoação igualmente destruida pela insurreição a que acabamos de nos referir.

Caracaray denomina-se a serra aberta pelo rio, para ter passagem até o valle do Rio Negro, a qual se prolonga transversalmente, de um e outro lado do trecho encachoeirado, tomando o nome de Castanhal na margem do Cojubi.

Desde muito antes desse povoado hoje deserto, começa-se a avistar a Serra de Araraquara, tambem conhecida por Serra Grande.

Esta pequena cordilheira, que começa junto a barra do rio Cuitaúá na margem esquerda, como em prolongamento a serra das Pederneiras que se interna pela outra margem, dirige-se, costeando o rio na direcção de N. E., até proximo da Serra Pellada, achando-se mais adiante e no mesmo alinhamento a de Malacacheta, ficando, entretanto, todas isoladas entre si.

Como os nomes indicam, a serra das Pederneiras é formada de sillex avermelhado, tambem esparso pelo sólo em fragmentos de fractura característica, e a de Malacacheta, apresenta a vista, nos pontos descobertos, pedaços de laminas de mica.

A menos de uma legua das Pederneiras, subindos, existe a primeira fazenda de gado pertencente a Fuão Franco.

Não muito a montante deste ponto está a barra do Cuitaúá, a que já nos referimos, ficando pouco acima na margem occidental a do Mucajay.

O primeiro, que nasce nos contrafortes da Serra da Lua, percorre, na maior parte do seu

curso, regiões de campos entremeados de largas fachas de matto.

O Mucajay, cuja bocca está situada pouco acima da Serra da Cachoeirinha, não foi explorado pela commissão portugueza de Lobo d'Almada; entretanto, parte do seu curso é hoje conhecida por ser o limite sul, nessa margem do Rio Branco, da zona de campos francos e abertos que tão notavel torna essa bella região. Tem suas nascentes nos contrafortes orientaes da Serra Parima, nessa região desconhecida a que já nos temos referido.

Pouco acima da sua embocadura era a malôca do tuixana macuxi Pepena, onde pernoitamos quando, em 1888, nos enviou o governo imperial em commissão ao Alto Rio Branco afim de estudar o meio de colonisal-o. Acompanhou-nos então o sr. conde E. Stradelli, que sobre esse rio escreveu suas *Note di viaggio, impressas no Bolletino della Società Geografica Italiana, Marzo-Aprile 1889.*

Não distante da Serra de Araraquara, que como já vimos começa nestas paragens e na margem esquerda, ha na direcção do sul uma grande pedra arredondada, posta sobre altos cabeços de morros, a que chamam Carumam ou Caraumam, que é o mais elevado cume das montanhas desta parte dos campos do Alto Rio Branco. Dão-lhe a altura de 1.150 metros.

A Serra Pellada, tambem situada nesta mesma região, é formada de tres grandes serros desguarnecidos de arvoredos, documentos materiaes das desnudações geradoras do valle em que nos achamos.

Deste ponto da margem oriental, como já succedeu com o Mucajay na apposta, começa a região franca e desempedida dos campos geraes.

Dahi a poucas horas de viagem, chega-se á Villa de Boa Vista.

Do Caracaray á Boa Vista gastam-se, subindo, cerca de 33 horas e descendo 16.

\* \* \*

A Villa da Boa Vista, situada na margem occidental, foi fundada ha, mais ou menos, trinta annos, quando para o ponto em que ella está se transferiu a pequena povoação de S. Joaquim que demorava á sombra das baterias do forte do mesmo nome.

E' cabeça da Comarca do Rio Branco, Capital do Municipio, e mantem, com regular frequencia, duas escolas primarias para os dous sexos.

Além dessas, ha duas outras escolas no Alto Rio Branco, uma na Capella e outra no Igarapé Grande do Uraricoera.

Do seu commodo porto, cortado pela natureza em curva regular no barranco da margem, sobe-se por suave ladeira até o chapadão, em pleno campo, onde está construída a villa.

Seu conjunto apresenta perspectivas em geral encantadoras e, de alguns pontos de vista, realmente bellas.

Possue boas casas, algumas de alvenaria e uma capella edificada singellamente, mas com relativa elegancia.

Pode-se considerar Boa Vista como o centro mais importante de todo o movimento commercial, industrial e agrícola do Alto Rio Branco.

Cerca de uma legua acima da Villa e do mesmo lado do rio, está a barra do Caimé que corre em região de campos onde se acham estabelecidas muitas fazendas.

Este rio é o limite da Fazenda Nacional de S. Bento que, segundo dados officiaes, se estende do Caimé ao Uraricoera, correndo entre esses dous rios para oéste até encontrar a fronteira venezuelana, com a área de 18.000 kilometros quadrados calculada pelo minimo.

Hoje sua vasta superficie está occupada por posseiros e dividido em numerosas e prosperas fazendas particulares, em que se criam, com animador resultado, milhares de cabeças de gado vaccum, cavallar e lanigero.

Sua antiga séde era o lugar denominado S. Bento, em frente ao Forte de S. Joaquim, onde actualmente existem apenas umas palhoças.

Do mesmo lado, nas margens do Igarapé da Agoa Bôa, mais ou menos a meio caminho entre Boa Vista e essa antiga séde da fazenda, está situado um dos melhores estabelecimentos pastoris do Rio Branco, pertencente ao coronel Motta, no qual foi o arado empregado pela primeira vez e com excellent resultado, no amanho de terras para a lavoura.

Em frente dessa Agua Bôa desagua o Igarapé do Surrão, que servia de limite meridional da antiga Fazenda Nacional de S. José, que era tambem delimitada a noroéste, norte e léste pelos rios Branco e Tacutú, e tinha por séde o povoado de junto do Forte de S. Joaquim, que foi transferido para a Villa de Boa Vista.

Esta fazenda foi extincta em 1841 e annexada á de S. Marcos, e está ha muito entregue, como a de S. Bento, a posseiros que em suas terras mantem boas estancias de criação de gado; sua superficie, calculada com segurança, é de 8.000 kilometros quadrados, pelo menos.

No angulo de terras fechado pela confluencia do Uraricoera e Tacutú, demora a antiga Fazenda

Nacional de S. Marcos, unica que existe das tres, ainda relativamente prospera.

Seus limites são: a léste pelo rio Surumú, ao sul pelo Tacutú e Uraricoera e a oéste pelo rio Parimé. Sua área, avaliada como a das outras pelo minimo, é de 8.000 kilometros quadrados.

A séde da fazenda de S. Marcos está situada no Uraricoera, pouco acima da sua confluencia com o Tacutú, em ponto elevado e excellent.

Os dados que consignamos, sobre estes tres estabelecimentos industriaes da União, foram collidos nas melhores fontes e, entre ellas, nos relatorios do ministerio da fazenda de 1879 e no do dr. José Lustoza da Cunha Paranagua, presidente do Amazonas, apresentado em 1883.

Deste ultimo transcreeveremos o seguinte trecho:

«A área da de S. Marcos é avaliada approximadamente em 380 leguas quadradas, segundo as cartas geographicas do coronel Gama Lobo, Ricardo Franco e Codazzi; a de S. Bento tem 300 leguas quadradas approximadamente, considerando como divisa meridional o paralelo que passa pela cabeceira do rio Canamé. Se incluir-se no territorio da fazenda a floresta que se estende do limite dos campos, na altura da ilha de Maracá até a serra Parima sua extensão superficial será proximamente de mil leguas quadradas.»

A Gama Lobo de Almada, de quem se encontra repetidamente o nome ligado a importantes serviços prestados antigamente á esta longiqua parte do Brasil, cabem ainda a escolha da localidade, a fundação das tres fazendas e o seu primeiro abastecimento de gado, vindo da ilha de Marajó e de Barcellos, então prospera séde da Capitania de S. José do Rio Negro.

Ha, entretanto, uma vaga tradição popular que diz: terem sido essas fazendas fundadas por tres irmãos — José, Marcos e Bento — e mais tarde adjudicados aos bens da Corôa, segundo uns, por terem elles fallecido *ab intestato* e, segundo outros, em consequencia de responsabilidades não cumpridas para com a Fazenda Real.

Antes da antiga séde da Fazenda de S. Bento e della não distante, em terras altas da margem occidental do Rio Branco, surge ás vistas do viajante o bellissimo estabelecimento pastoril denominado Capella, pertencente ao sr. alferes Paulo Cordeiro da Cruz Saldanha, deputado estadual. Vem-lhe o nome de uma pequena e linda capella edificada, no alto do outeiro onde está a casa da fazenda, pelo antigo estancieiro, já fallecido, Sebastião Diniz, em cumprimento de voto que fizera no alto Jauapery, quando em exploração da picada que de Manãos levou até Boa Vista.

Achamo-nos, pois, no ponto em que o Rio Branco, por onde subimos, perde o nome e em frente do afamado Fôrte de S. Joaquim e da confluencia dos rios Uraricoera e Tacutú.

«O forte, a 98 leguas acima da foz do rio Branco», diz o capitão tenente Amazonas, «foi fundado em 1775 por ordem do governador do Estado Francisco Xavier de Mendonça Furtado, de 1756. He hum parallelogramo, de que hum dos lados maiores deita para a rio: elle, assim como o seu opposto, tem no meio hum curto reen-trante recto, onde não pode jogar mais de huma peça. Cada hum dos pequenos faz huma cortina, em cujas extremidades ha dous meios baluartes. De 16 canhoneiras só 10 tem peças, e estas insignificantes, de calibre 6 a 1, das quaes tres foram tomadas aos hespanhoes no posto militar

de S. João Baptista do rio Idume. Em 1842, por ordem do commandante das armas, Francisco Sergio de Oliveira, fizeram-se alguns reparos, que por insignificantes pouco aproveitaram.»

A' sombra de suas baterias existiu outr'ora a povoação de S. Joaquim a que já nos referimos.

Um dos muitos commandantes do Fôrte foi o capitão Silverio José Nery, pai do actual governador do Estado do Amazonas, que alli residiu com sua familia, tendo deixado o commando afim de seguir para a campanha do Paraguay, logo no começo da guerra.

A nossa esquerda, na direcção media de N.O., dirige-se o Uraricoera até o Parimé e dahi em diante, até as vertentes, mais ou menos paralelo ao equador.

Dados por uns como o propio Rio Branco e por outros como seu verdadeiro manancial, tem suas nascentes em varios pontos dos contrâfortes meridiaes da Serra Parima. Dessas ha duas que vem de mais longe. Uma ao norte, que desce das dobras do serro Mashiaty (4<sup>o</sup>— 31' lat. N. e 21<sup>o</sup>— 39' long. O. do Rio de Janeiro), encravado no angulo superior da Serra Parima que dahi segue para leste com o nome de Imereari; e a outra ao sul, que se supõem vir dessa região desconhecida das contravertentes orientaes e oppostos áquellas onde nasce o Orenoco.

O Uraricoera recebe por ambas as margens varios afluentes, sendo os principaes os da margem esquerda denominados Parimé e Majari, antes da grande ilha de Maracá, e o Uraricapará quasi no extremo superior desta.

Da antiga missão hespanhola de S. João de Caya-Caya, fundada no seculo XVII e logo

depois destruida pelos portuguezes, poucas leguas acima da ponta occidental da ilha, começam as cochoeiras, que, tanto no Uraricoera como no Uraricapará, difficultam extraordinariamente suas explorações. Em Caya-Caya termina a região dos campos e começa a floresta.

Pouco acima da bocca do Uraricapará, subindo o Uraricoera, encontra-se a catarata do Urumamy, sobre a qual, assim se exprime o dr. Dionisio Cerqueira, membro da Comissão de limites com a Venezuela: «Fui com as collegas neste mesmo dia examinar a catarata do — Urumamy — no Uraricoera, que fica a uma hora de viagem de canoa do ponto em que estavamos (bocca do Uraricapará). E' esta a catarata que o dr. Lacerda qualifica de horrivel e medonha no — diario de vigem da Comissão portugueza de 1787. Foi dahi que voltou o celebre explorador e governador Lobo de Almada. Reconhecemos que as nossas canoas não poderiam ir além, porque o varadouro é atravez de uma serra muito empinada e extensa, onde as propias ubas dos indios são varadas difficilmente. Todo o Uraricoera despenha-se ahi em grandes saltos e por tres aberturas cuja somma não attinge a largura de 15 metros!»

O Tacutú, afastando-se da sua confluencia, dirige-se para léste até se dividir na proximidade da Serra do Tucano em dous ramos, um, o que segue para o norte toma os nomes de Mahu e mais acima Ireu e o outro, o de sul, conserva o mesmo nome, entretanto que por suas direcções, importancia e volume d'agua, querem muitos que o ramo de norte seja a verdadeira continuação do Tacutú.

Por estes dous ramos segue hoje a nossa linha de fronteiras com a Guyana Inglesa.

O Tacutú é navegavel á lancha a vapor, nas enchentes, da foz á fazenda do Bomsucesso. Até a bocca do Mahu a navegação é mais desimpedida nas boas aguas.

Recebe varios afluentes por ambas as margens, sendo o mais notavel o Surumú que tem por tributario o Cotinga, que foi explorado pelo proprio chefe da Commissão de limites com a republica de Venezuela, o dr. Francisco Xavier Lopes de Araujo, mais tarde barão de Parima, que assim se exprime a este respeito:

«Depois de uma serie de dias passados rudemente subindo e descendo continuamente até a noite, apenas reservando uma hora para descanso, os altissimos serros desse immenso e gigantesco systema de cordilheiras, ora parallelas, ora interceptadas por outras em rumos diversos, pude enfim chegar, depois de atravessar mais de um gráo geographico á nascente principal do Cotinga na serra Roroima, cuja posição determinei como diferentes pontos intermediarios do extenso caminho percorrido, sob o peso da fadiga e perspectiva da fome por se acharem quasi acabados os recursos que levára.

A cordilheira de Pacaraima, nesta zona, é formada de elevadas serras grupadas umas ás outras por contrafortes que a tornam de soberbo aspecto.

A vegetação destas serras nas partes elevadas é de gramineas e nas quebradas existem algumas mattas e ha sempre um igarapé de limpidas aguas e temperatura assaz agradável.

Encontra-se nellas grande quantidade de bellos crystaes de quartzo, e, em uma dellas, é tão notavel esta rocha que denomina-se Serra dos Crystaes.

Em toda esta cordilheira ha malócas de in-

dios brasileiros e venezuelanos. Os Macuxis e Aricunas dominam o alto da cordilheira, os Uapixanas a sua base. . . . Si bem que todas as cartas geographicas considerem o Surumú como rio principal e o Cotingo seu afluente, me parece ser antes este rio o verdadeiro, como mais importante do que aquelle; porque, tendo-o observado até o interior da cordilheira Pacaraima, sempre o encontrei com maior volume de aguas do que o Surumú mesmo acima da confluencia com este. Além disto os indios só conhecem como Surumú o ramo que segue da foz do Cotingo para N.O. e chamam de — Cotin — todo o rio desde suas cabeceiras até o Tacutú. Donde se segue que o actual Surumú, desde a foz do Cotingo até sua confluencia no Tacutú, deve ser considerado, na minha opinião, como o proprio Cotingo.»

As nascentes deste rio, na Serra Roroima estão a 5<sup>o</sup>—09'—50" de latitude N. e 19<sup>o</sup>—43'—20" de longitude O. do Rio de Janeiro e a barra do Mahu a 3<sup>o</sup>—33'—54" de lat. N. e 16<sup>o</sup>—39'—50" de long. O. do mesmo meridiano.

A sete dias de viagem da foz do Mahu, subindo por terra, por ser mais facil e commodo, encontra-se a cachoeira a que chamam os indios Caronam e que suppõem os membros da Commissão que foram levantar o Mahu, ser a mesma de onde voltou a exploração portugueza do seculo XVIII e a qual deram o nome de Urueburú. As coordenadas desta cachoeira são 4<sup>o</sup>—9'—3" de lat. N. e 16<sup>o</sup>—29'—30" de long. O.

Em toda esta região desde o alto Mahu, existem muitas malócas de Macuxis e outros tribus.

\* \* \*

Eis-nos assim chegados ao fim da nossa viagem da foz do Rio Branco á região dos campos.

Apontamos nesse percurso os pontos mais notaveis e todos os accidentes a que, durante elle, tem de estar sujeitos os que o fazem, assim como os meios empregados actualmente para vencel-os.

Demos o tempo medio gasto entre as principais estações da sua navegação, nas condições em que a figuramos, e que vem a ser o seguinte:

De Manaos a foz do Rio Branco . .	35 horas
Da foz do Rio Branco á Santa Maria .	12 „
De Santa Maria ao Carmo . . . . .	16 „
Do Carmo ao Caracaray . . . . .	24 „
De Caracaray a Pancada Grande . .	3 „
Da Pancada Grande a Boa Vista . .	30 „
Da Boa Vista ao Fôrte de S. Joaquim .	8 „

Para descer leva-se menos da metade do tempo consignado.

Do Caracaray subindo pelo Furo do Cojubi gasta-se até Paracuúba doze horas e descendo tres.

Além destas viagens a vapor, fazem-se outras em montarias, canoas ou batelões com grandes difficuldades e demoras, subindo nos remansos a remo quando isso é possível e a *gaucho e forquilha* quasi sempre.

Subir a *gaucho e forquilha* quer dizer — subir as correntezas puxando a embarcação por meio de longos gauchos, que se vão prendendo aos ramos das margens emquanto outros tripulantes, á popa, a empurram com forquilhas apropriadas.

Ainda assim, quando se dispõem de boa e experimentada guarnição de indios para pilotos

e remadores e o tempo corre á feição, a viagem é agradável e pitoresca pelo tom aventureiro da caravana, pelas noites dormidas em redes armadas ao relento nas florestas das margens, e pelas surpresas e prazeres da caça e da pesca, tanto mais apreciáveis quanto são esses os dous principaes recursos da alimentação diaria.

Em montarias subimos o Rio Branco até a fazenda nacional de S. Marcos, com a commissão a nosso cargo, em 1888, e dessa viagem conservamos as mais gratas recordações, apesar de termos nella gasto 38 dias.

No mez de maio do anno passado o sr. dr. Constantino Nery, governador do Estado do Amazonas, foi em excursão ao Alto Rio Branco, com o intuito de avaliar pessoalmente o progresso dessa região, que ha muitos annos não via, e estudar os meios praticos de remover ou attenuar os embaraços da navegação desse rio.

S. exc. fez essa viagem no vapor «Marari» até o Caracaray. Dahi subiu o trecho encachoeirado em canoa até a Bocca da Estrada, com o fim de ver e bem avaliar as difficuldades da navegação, seguindo desse ponto em diante em lancha a vapor, Rio Branco e Tacutú acima, até as primeiras cachoeiras do Mahu.

Na descida, ao regressar á Manãos, passou a cavallo, com os mesmos intuidos, pela estrada do Caracoray.

Com o interesse de engenheiro e de filho do Estado, tudo viu com o olhar perscrutador e cuidadoso de quem de coração desejaria transformar, rapidamente, essas uberrimas paragens, que os seus olhos se dilatavam em todos os sentidos, em rico e farto celleiro do seu torrão natal que tanto disso carece para o seu real progresso.

Profundamente convencido dessa verdade tratou, logo que regressou a Manãos, de mandar estudar o meio mais pratico de vencer o trecho encachoeirado e melhorar a navegação do Rio Branco.

Junto ao Congresso tambem empregou esforços para que se concedesse a estrada de rodagem que pretendiam os herdeiros de Sebastião Diniz, ligando os campos da Serra da Lua, onde existem suas fazendas, á Vista Alegre abaixo das cachoeiras, sem onus algum para a Estado.

E' para esperar que, da culta intelligencia e provado patriotismo do sr. dr. Constantino Nery, nasça para a tão cobiçada quão afamada — *Região dos Campos do Rio Branco* — a nova era de desenvolvimento e progresso, que ha tantos annos ella espera pacientemente.



O VALLE DO RIO BRANCO



SEGUNDA PARTE

## II

Região dos campos. Seu estado economico e social — As fazendas nacionaes — O indio. Sua capacidade de trabalho e producção — O estancieiro e sua educação actual — Dados economicos — O transporte do gado e as invernadas ou depositos — A agricultura — Riquezas naturaes inexploradas — Coordenadas astronomicas.



Como já deixamos consignado, o valle do Rio Branco, desde a barra deste rio até o começo do trecho encachoeirado, é de terras baixas, na generalidade lacustres, com poucas manchas de terrenos altos, e dahi á linha do Mocajay e serra de Araraquara, donde começa a verdadeira zona dos campos livres ou *geraes*, é de terrenos que se vão elevando e como que servindo de transição entre o baixo e o alto Rio Branco.

Na zona palustre nada ha de novo a registrar, com relação as outras regiões analogas do Amazonas.

Mais ou menos abundantes e dilatados se vão encontrando os seringaes, já em parte explorados até o trecho das cachoeiras, e, por todos os lados, as mesmas madeiras e essencias das zonas alagadiças desse vasto e rico Estado.

Nas terras firmes e altas, por todo a extensão do immenso valle, a fertilidade do sólo é extraordinaria, produzindo sem difficuldades, e até algumas especies espontaneamente: algodão, anil, arroz, cacáu, café, tabaco, canna de assucar,

milho, feijão, mandioca, fructas, canella, pimenta, baunilha, carajurú, cominho, cumarú, cupaiba, piaçaba, puxiri, salsa, urucú, etc., sendo o tabaco de notavel qualidade e facil cultivo.

Não é nosso intento nesta narração entrar em detalhados estudos de alta sciencia sobr a geologia, flora, e fauna do valle do Rio Branco.

Em paragens de tanto valor e tão grande rendimento, para explorações industriaes e agricolas de prompta e facil remuneração, trataremos, de preferencia a qualquer outro assumpto, de tornal-as conhecidas por esse lado, afim de despertar e encaminhar a idéa de experimental-as, naquelles que queiram a taes trabalhos se dedicar, quer no paiz quer no estrangeiro.

Bem conhecemos a importancia dos estudos e explorações scientificas, como elementos poderosos do progresso de regiões mal conhecidas, do valor d'aquella que nos occupa, e mesmo como factores necessarios ás emprezas que aconselhamos, mas, não julgamos estar na indole deste trabalho sua explanação.

Ligeiramente passaremos por elles, para tarmos dos dados e esclarecimentos necessarios

a exploração mercantil das riquezas dos campos do Rio Branco.

Comecemos por algumas informações de caracter economico, colhidas com o mais escrupuloso cuidado em boas fontes.

A área dos campos naturaes, francos, contínuos e limpos, apropriados á criação de gado vaccum, cavallar e lanigero, sem preparo nem trabalho especial algum, é limitada — ao sul pelo curso do Mucajay e serra de Araraquara; a oeste e norte por uma linha que, partindo do alto Mucujay e passando pela extremidade oriental da ilha de Maracá, contorne junto as serras os valles do Majari e Parimé e vá, pelo retiro no Surumú, ao Pirára, na nossa divisa com a Guyana Ingleza, sendo essa o seu limite de leste.

A área comprehendida neste perimetro, calculada pelo minimo, é de 35.000 kilometros quadrados que, arredondando cifras, equivale a 1.000 leguas quadradas.

Isto sem contar os campos esparcos, fóra das linhas do contorno que acabamos de indicar, e que poucos não são, até os do Caracaray e Vista Alegre.

Em geral nos bons campos, como os da zona da fronteira do Rio Grande do Sul e os do Estado Oriental e Republica Argentina, cada legua quadrada comporta 2.000 cabeças de gado. Nos inferiores pode-se calcular de 1.000 a 1.500 cabeças.

Para os do Rio Branco, que não estão sujeitos aos rigores das geadas como aquelles, nem as crestações completas do estio como os demais do Amazonas, e que sem ser de primeira ordem como os pampas argentinos, são, entretanto muito bons, demos 1.500 cabeças por legua quadrada e teremos para o povoamento total dos 1.000 leguas quadradas 1.500.000 cabeças.

Nas pastagens excellentes, como aquellas a que nos referimos, a produção annual é de  $\frac{1}{4}$  e nas inferiores de  $\frac{1}{5}$  do gado existente, portanto, calculando pelo peor, teremos para produção annual, no nosso caso, 300.000 crias.

Existiam na região que estudamos, só nas fazendas nacionaes, em 1863, segundo G. Wallis, apenas 10.000 cabeças de gado vaccum, que, em 1883, montavam a 16.000 e em 1892, em todas as fazendas, se achavam elevados a 60.000. Isto sem o menor cuidado, entregue a criação ás leis naturaes, á voracidade das onças, antigamente muito abundantes nessas paragens e a toda a sorte de outros accidentes que ninguem tratava de evitar.

Hoje, já um pouco melhorados as cousas, o resultado é outro.

De um documento official — *Collecta dos gados das fazendas do Rio Branco, mandada organisar em o anno de 1904 pela Intendencia da Boa Vista* — para regularisar a cobrança dos respectivos impostos, documento, portanto, que

só pôde ser increpado por ficar aquem das cifras reaes, tiramos os seguintes apontamentos:

Existem actualmente na região que estudamos 142 fazendas em actividade com um total de 93.835 cabeças de gado vaccum, 3.161 de cavallar, 2.132 de lanigero.

Não entra neste computo a fazenda nacional de S. Marcos, onde devem existir, pelo menos, umas 3.000 cabeças de gado vaccum, segundo boas informações.

Temos assim traçado, por algarismos, o desenvolvimento da industria pastoril nessas uberrimas paragens de 1863 até agora, devendo-se notar que foi justamente nesse anno, que teve começo o periodo de progresso já hoje tão accentuado e promettedor.

Temos assim traçado, sem exageros e praticamente, o caminho que hão de seguir, fatalmente, a industria pastoril do alto Rio Branco e todas as demais della dependentes, taes como — a de lacticinios, de xarqueadas, de preparo de viandas em salgas e conservas grosseiras ou delicadas e a do aproveitamento de todos os residuos e sobras dessas fabricas.

Só a enumeração de taes fontes de riqueza publica e particular, é bastante, a quem conhece as necessidades e consumo de seus productos no Estado do Amazonas, para se convencer do seu alto valor.

Dissemos que os campos, sem ser de primeira ordem, isto é, sem ser iguaes aos melhores e unicos do mundo, os do Rio da Prata, são entretanto de muito boa qualidade e isso é facil de demonstrar.

Em primeiro logar estão situados em um clima bellissimo e *sui generis*. Como já dissemos,

sobre elles nem se produzem os efeitos dos rigorosos invernos do sul da America, que tanto prejudicam e encarecem a produção, nem os das longas estiagens da zona torrida onde estão situados, as quaes queimam e inutilisam por largo tempo os campos de outros pontos do Amazonas, em geral artificiaes.

A temperatura do alto Rio Branco é amena, suave e constante. O que alli chamam inverno é a epoca das chuvas e enchentes. Brisas diarias, frescas e as vezes fortes, dos quadrantes de N. E. e S. O. amenisam continuamente o clima dessa região excepcional.

«A terra é sadia e não assolada por febres e outras molestias semelhantes, que tanto costumam reinar por toda a parte onde ha rios . . . O vento não só purifica o ar como tambem torna-se um poderoso destruidor de uma multidão de insectos incommodos. Por essa razão faltam, por exemplo, *carapanaus*, *piuns*, e uma pequena especie de *mucuins*, que ha no inverno, não chega a ser praga . . . Um objecto essencial e de grande importancia, tanto para o Rio Branco como para o Rio Negro, é a criação de gados, e é sabido de todos que neste rio quanto mais se entra por elle a dentro tanto mais diminuem as florestas e augmentam os campos proprios para criação de gado, que poderia attingir a um enorme desenvolvimento, attenta a grande extensão de suas campinas e a corpulencia que toma o gado nellas creado.» Assim se exprime G. Wallis.

O capitão tenente Amazonas chega a affirmar, quiçá um pouco exageradamente, que — no Rio Branco, superiormente ás cachoeiras, o clima corresponde ao da parte meridional da Europa no Allantico.

Não nos pudemos furtar a citação de uma outra autoridade na materia, pelo muito que estudou os negocios do Amazonas e ao seu progresso se dedicou o já mencionado dr. Parana-guá, que na propria localidade colheu os dados que apresenta e assim se exprime: «As pastagens são excellentes. Os campos produzem grande variedade de grammineas e são cortados em todos os rumos por igarapés de purissimas aguas. Durante o tempo dos grandes calores o gado encontra abrigo á sombra dos meritysaes e das ilhas de matto.

Não obstante estarem as fazendas comprehendidas entre os parallellos de 2.º e 5.º de latitude septentrional, o calor da zona torrida é temperado pelas brisas que sopram constantemente e pela visinhança dos rios. O clima do alto Rio Branco é ameno, as noites frescas e muito agradaveis.

Por falta de vaqueiros sufficientes para o costeo das fazendas, ha grande quantidade de gado bravo, que nunca vem ao curral. Em S. Marcos, apezar da sua grande area, onde talvez existam mais de 8.000 rezes, ha apenas seis vaqueiros, incluindo nesse numero alguns *curumins* que pouco podem fazer por falta de pratica e vigor para o trabalho.»

As pastagens naturaes do alto Rio Branco são, em geral, constituídas de grammineas de pequeno crescimento, que cobrem o solo de um tapete de verdura, curto e continuo, muito semelhante aos pastos dos campos da fronteira meridional do Rio Grande do Sul, considerados de primeira ordem.

Aqui como lá, dividem-se em *pastos seccos* e *pastos humidos*, sem fallamos nos banhados e

alagadiços das grandes baixadas das margens dos rios e igarapés.

Os primeiros extendem-se pelos terrenos altos, onde não chegam as aguas das enchentes, e os segundos pelas canhadas e depressões, que só são transitoriamente alagadas, conservando o pasto sempre verde e fresco mesmo durante os calores extraordinarios do estio, que sem seccar por completo a gramma dos terrenos elevados a torna, em certos pontos, menos apetitosa ao gado.

As savanas do Rio Branco causam, ao viajante que ali aporta pela primeira vez, a mais agradável e surprehendente impressão que dado imaginar.

Depois de longa viagem subindo o rio, ainda hoje penosa, atravez das terras baixas e mattas opprimentes e asphixiantes, sem horisontes, surgem de repente essas campinas sem fim, onde os pulmões respiram pura e fartamente e a vista se extente, como por sobre o dorso de vagas bazeiras de um oceano docemente agitado, só se detendo na coma verde-escuro dos myritys esparcos, a largos intervallos, sobre sua superficie, ou no azul ligeiramente enfumaçado dos serranias longinquas.

Foi nessas encantadoras e excepçoes paragens, providas das melhores aguadas, nas quaes não se conhecem epidemias que dizimem o gado, que em meados do seculo XVII os portuguezes estabeleceram as primeiras e rudimentares feitorias de criação, que se tornaram mas tarde as *Fazendas Nacionaes*, como já vimos.

A maravilhosa produção que, a simples lei da natureza, quasi sem trabalho algum, sem cuidado algum se foi desenvolvendo pelos annos adiante, ao ponto de terem sempre existido nessa região grande numero de bois selvagens e ainda

hoje se reproduzir esse facto, é prova irrecusavel da boa qualidade das pastagens e excellentes condições do clima para a industria pastoril.

Sob qualquer aspecto que se queira tomar o valle do alto Rio Branco é elle, de todo o Amazonas, o que offerece melhores e mais solidas garantias de commodidade de vida, de fortuna relativamente rapida e de comprovada salubridade á colonisação estrangeira.

As terras para criar, que no Rio Grande do Sul e Republicas Platinas custam de 50 a 100 contos de réis a legua quadrada, sem tão alta e segura remuneração para sua produção como aquellas de que tratamos, são adquiridas por preço ainda muito reduzido, por serem na generalidade terras devolutas não legitimadas, e, por pouco custarem, as que se adquirem dos possesros existentes, acima do valor das bemeifeitorias.

Além disso, os vastos pastagens que constituem as fazendas nacionaes hão de voltar em breve ao dominio do Estado do Amazonas e ser entregues á exploração privada, pois estão indevida e illegalmente sob o dominio da União.

O artigo 64 da Constituição da Republica diz, clara e taxativamente — *Pertencem aos Estados as minas e terras devolutas situadas nos seus respectivos territorios, cabendo á União somente a porção do territorio que fôr indispensavel para a DEFEZA DAS FRONTEIRAS, FORTIFICAÇÕES, CONSTRUÇÕES MILITARES E ESTRADAS DE FERRO. OS PROPRIOS NACIONAES que não forem necessarios para o serviço da União passarão ao dominio dos Estados em cujos territorios estiverem situados.*

Para que não houvesse a menor duvida, as unicas excepções feitas a esta disposição nos

arts. 3 e 31, vem explicar quaes são *esses serviços da União*.

Diz o art. 3: *Fica pertencendo à União, no planalto central da Republica, uma zona de 14.000 kilometros quadrados, que será opportunamente demarcada, para nella estabelecer-se a futura Capital Federal, e os pontos do territorio necessarios para a fundação DE ARSENAES OU OUTROS ESTABELECIMENTOS E INSTITUIÇÕES, DE CONVENIENCIA FEDERAL, OS quaes manda submetter á legislação especial o art. 31.*

Diante disto poder-se-a considerar o territorio das *Fazendas Nacionaes* do Rio Branco, que pelos proprios dados officiaes medem mais de 30.000 kilometros quadrados de superficie, *como porção de territorio indispensavel para a defeza das fronteiras, fortificações, construcções militares e estradas de ferro?*...

Poder-se-a considerar como *proprio nacional necessario para a fundação de arsenaes, ou outros estabelecimentos e instituições de conveniencia federal*, a porção do territorio de um Estado Federal, maior do que o reino da Belgica, que mede apenas 27.457 kilometros quadrados de superficie, e equivalente a Hollanda e a Suissa?...

Poder-se-a considerar como dominio da União essa grande extenção de territorio do Amazonas, unica que possui para criação de gado em grande escala, artigo nelle carissimo pelas difficuldades dos longos transportes e da conservação de *stocks* e de que tanto precisa sua população?...

Será por acaso justo que a União continue a conservar tão grande parte dessa fertil e promettedora região, que deixou sempre, durante muitos annos, no mais completo e condemnavel

abandono, nem sequer velando pelos documentos materiaes dos nossos direitos internacionaes?...

O illustrado commentador da Constituição Federal, dr. João Barbalho, depois de apontar o paragrapho unico do art. 64, *que manda entregar aos Estados os proprios nacionaes que não forem necessarios aos serviços da União*, e de mostrar a pessima administração e quasi geral abandono em que ella os havia sempre deixado, com excepção dos que eram occupados com repartições geraes, assim se exprime, a este respeito:

«E ahi está a base para a partilha, prometida desde o acto adicional: do acervo separaram-se para quinhão da União os proprios *necessarios aos seus serviços*; nos outros ficam aquinhoados aos Estados, cabendo a cada um destes os bens que se acharem em seus respectivos territorios, e que não tenham tocado a União pelo facto de serem desnecessarios aos serviços della.

*Ex antecedentibus et consequentibus, optima fit interpretatio.*

O governo federal tem sustentado que os proprios nacionaes são ainda necessarios, no sentido da Constituição para o serviço financeiro da União, podendo ella vendel-os para applicar o producto ás despezas ao seu cargo. (Avs. do ministerio da fazenda, n.º 4 de fevereiro e 25 de 14 de novembro de 1899, e razões de veto á resolução legislativa que transferia aos Estados do Ceará e Matto Grosso diversos proprios nacionaes nelles situados, *Diario do Congresso Nacional* de 2 de novembro de 1895).

Esta singular idéa, porém, com certeza não passou pelo cerebro de nenhum dos membros

do congresso constituinte! Nos annaes respectivos nada ha que auctorise ou recorde este *donner et retenir*...

Por nenhum representante fôra apresentada e haveria sido combatida, si algum tivesse aventurado tão peregrina lembrança.»

Já se vê, portanto, que brevemente voltarão ao seu dono essas terras, de inestimavel valor para o Amazonas e de nenhum para a União, que nunca as aproveitou e nem as aproveitará para os unicos casos previstos na lei, e, fora disso, ninguem poderá imaginar que um Estado moderno e republicano federal como o Brasil, se aventure em especulações mercantis de exploração de gado.

Na sua qualidade de poder supremo da Nação, de entidade electiva e mutavel, a União só poderia agir em taes circumstancias como elemento perturbador, corruptor e anarchisador de todos os principios liberaes que regem a acção de todas as fontes da riqueza publica de um paiz livre, isto é do seu bem estar social.

Um Estado moderno e além disso democratico, a fazer girar o dinheiro que tira do povo pelos impostos, sob uma razão commercial qualquer, para a exploração da industria pastoril no Rio Branco, seria na realidade a mais estupenda das anomalias politicas, seria o rejuvenescimento dos monopolios opprimentes das velhas e emperradas autocracias monarchicas numa republica americana.

Voltando ao seu legitimo dominio, como de direito, serão, naturalmente, divididas as fazendas nacionaes em lotes de terras que, entregues a industria privada de nacionaes e de colonos estrangeiros, escolhidos com decernimento e criterio,

tornarão a região excepcionalmente promissora do alto Rio Branco em farta fonte de riqueza publica e particular.

\* \* \*

Para o trabalho das estancias, ahi como no Rio Grande do Sul e Rio da Prata, encontram-se excellentes *peões* e campeiros entre os indios mansos e mestiços, de que são ricas essas paragens e que se afeiçoam facilmente e de bom grado a esse genero de vida, muito de accordo com os seus habitos atavicos de existencia, não exigindo grandes salarios.

Já que falamos em indios, elemento economico de alto valor no Rio Branco e assumpto sempre grado e, geralmente, revestido pela imaginação de poeticas phantasias e romanticas aventuras, daremos sobre os da região que estudamos ligeira noticia, que bem assignale o valor real desse importante coifficiente de trabalho.

Comecemos pelo *habitat*.

Já vimos que a vasta bacia, onde se acham as bellas savanas do Rio Branco, é limitada: de leste pelo norte até oeste pelos campos e serras onde correm nossas divisas com a Goyana Inglesa e Venezuela; e de leste pelo sul até oeste por parte da fronteira ingleza, linha da serra de Araraquara e margem do Mocajay a encontrar o limite venezuelano na cordilheira Parima. Os campos francos são dilimitados dentro dessa bacia pelas linhas que anteriormente assignalamos.

Quando de um ponto elevado da vertijante planicie, á claridade de limpida manhã de inverno ou ao cahir de uma tarde sem brumas, a vista alcança e percorre o dorso ondulado e verde escuro das interminas florestas que, começando alterosas e compactas dos ultimos contornos dos

campos, sobem silenciosas as encostas da cordilheira e dobram para as vertentes do Orenoco, acóde, naturalmente, ao espirito do homem culto, o desejo ardente de devassar os segredos desses desertos mysteriosos e surprehender a vida selvagem dos seus habitantes, na completa independencia em que a levam da civilização que os cerca e comprime por todos os lados.

E' nessa região impenetravel e desconhecida, tão propicia as mais arrojadas phantasias, que uma lenda a que já nos referimos collocou o seu famoso *El dorado*; é nessa mattaria sombria, cortada por caudalosas correntes e impetuosas cachoeiras, que vivem hoje as tribus indomaveis de todo o valle do Rio Branco, recalçadas para os desertos das cordilheiras que o limitam pelas *barbaridades* da civilização, alli dominando como outr'ora altivas, poderosas e temidas.

E' factó incontestavel, verificado pela pratica e pelo estudo destes assumptos, que, fóra da excepção colhida pelos jesuitas, que se constituíam tutores inteligentes e absolutos das tribus que cathechisavam e isolavam, o contacto dos indios com a civilização lhes tem sido sempre fatal, pois, aquelles que mais facilmente se civilisam mais rapidamente desaparecem e, ao contrario, os que conservam seus habitos, costumes e resistencias á adopção formam o grupo das unicas tribus que progridem.

A região que estudamos nos apresenta prova irrecusavel desta lei, como em rapidas linhas vamos ver.

Em 1725, quando os missionarios carmelitas penetraram pela primeira vez no Rio Branco, eram, as fertes paragens deste Rio, dos seus affluentes e as serras e vastas campinas da sua parte superior, habitadas por grande numero de

tribus e mesmo de poderosas nações indigenas como os Paravianas, Macuxis, Uapixanas e Guayacas que, na amenidade do clima, na abundancia de pescado e caça de toda essa região, encontravam facéis meios de existencia e fortes coifficientes de desenvolvimento ethnographico.

Estamos a affirmar que, em outra alguma parte do globo, se encontrará zona em que os elementos ethnographicos estejam dispostos com tanta exhuberancia, e em tão bem equilibradas condições, para facilitar a evolução physica dos seus habitantes, como no alto valle do Rio Branco.

Em taes circunstancias mesologicas, eram essas paragens, principalmente os campos e florestas que os cercam, a poucos dias das margens do Rio Negro, como um viveiro donde partia a grande arvore genealogica que estendida horisontalmente sobre largas bacias e amplos valles em dada superficie, distribuia seus galhos e ramos em grandes nações, tribus e grupos, conforme seu afastamento do tronco principel.

Sem o conveniente preparo scientifico e moral, sem a fina percepção e alto tino governativo dos jesuitas do Paraguay, que tão bem comprehendiram quanto era preciso trazer o indio ingenuo, sem iniciativa propria e imprevidente, sequestrado e sujeito ao regimen de uma tutela protectora, mas, absoluta até as minimas circunstancias da existencia, os missionarios carmelitas tiveram de assistir á ruina e descalabro de suas missões que, depois de chegarem á relativa prosperidade, em 1798 definharam, profundamente golpeadas pela insurreição da Praia do Sangue.

Só muito mais tarde, pela imposição natural de fortes elementos de progresso que tem em seu seio, foi o alto Rio Branco de novo se re-commendando aos poderes publicos, de modo a

ir lentamente melhorando suas condições de progresso até o ponto em que se acha hoje, modesto embora mas promissor de um futuro certo e auspicioso.

Com o desenvolvimento relativo das missões carmelitas, para o qual a boa fé e ingenuidade dos índios, ainda pouco conhecedores da ambição e manhas dos brancos, eram exploradas sem escrúpulos a bem de interesses materiais, a catechese foi se tornando antes um poderoso factor da dissolução e extinção de tribus, nações e raças, do que de necessaria e salutar adaptação dos aborígenes ao meio civilisado.

Mais de uma insurreição de índios foi provocada pelo inapto e injusto procedimento dos missionarios carmelitas, que assim foram plantando no animo do índio, até então confiante e leal, a retracção, desconfiança e odio que começaram a manifestar, afastando-se para sempre, as tribus mais fortes, dessa civilização que assim lhes queria arrebatar a altivez, independencia e liberdade, tradicionaes em sua raça e nos seus habitos de existencia.

Dahi proveio, como consequencia natural e logica, entre as nações e tribus que com os missionarios e demais elementos de civilização estiveram em contacto, a extinção dos mais fracas e que menos directas dependencias ethnicas mantinham com o tronco principal, enraizado nas barbaras e impenetraveis regiões das cordilheiras; o desaparecimento das mais fortes pelo retorno a vida primitiva; e a lenta transformação de outras que, ainda actualmente, se debatem pela existencia, em um meio improprio em que vão perdendo os seus naturaes elementos de combatividade, sem que a meia ou rudimentar civilização em que vivem, as arme com os equivalentes

factores de resistencia que lhes facilite a transformação ethnographica.

Os *Uyacás* ou Guayacás ou ainda Oyacás, constituem um exemplo da previdencia instinctiva da raça contra a sua degenerencia ou extinção.

Sobresaltados a tempo com os efeitos da civilização que iam presenciando, recuaram para a vida inteiramente selvagem e constituem ainda hoje, nas dobras da cordilheira de Paracaima, poderosa e grande nação indigena, completamente barbara, dos altos sertões das nascentes de Orenoco, no visinho Estado de Venezuela, extendendo seus dominios até a banda brasileira. São elles, diz um dos membros da commissão de limites, a que já nos temos referido, que com os Guaharibos impedem, acima de Esmeralda, o passo aos viajantes e exploradores do alto Orenoco.

Os Manós, a mais numerosa, valente e preponderante nação do Rio Negro, tambem retrocederam enfraquecidos sobre suas origens provaveis e vivem hoje no territorio inglez das cabeceiras do Tacutú e do Ropunuri quando, entretanto, do seu seio partiu, como dos Banibas e dos Barés, a verdadeira aristocracia do valle do Rio Negro, figurando actualmente na sociedade amazonense, como seus descendentes, illustres e distinctas familias.

Os Macuxis, outra importante nação, estiveram outr'ora, em suas ramificações mais baixas, em contacto com as brancos, a cujo serviço se prestavam e ainda hoje se prestam, conservando comtudo suas principaes malócas em estado rudemente selvagem, em terras altas das vertentes do Mahu, Tacutú e Cuano-Cuano a leste e Uraicoera, Majari e zona da ilha do Maracá a oeste.

De toda a familia Macuxi são estas ultimas tribus, as que mais têm prosperado materialmente

sendo hoje as mais numerosas das que tem suas extremidades inferiores dos campos, em relações continuas com a gente civilisada de todo o Rio Branco.

Os Jarecunas, seus visinhos do alto Majari, que falam mais ou menos a mesma lingua, como, aliás, os Crishanas, Porocotós e Jauapery, vivem em analogas circumstancias.

Os Uapichanas, habitantes dos campos, são os que estão em maior contacto com a vida das estancias e, se bem que ainda sejam nação numerosa, em consequencia das vastas fontes donde dimanaram e da excellencia do meio em que vivem, têm diminuido muito e já não contam com os elementos ethnicos de resistencia de que dispunham seus antepassados, podendo ser considerados como decadentes e em via de dissolução.

Além destes, continuam ainda nas regiões do alto Rio Branco, mais ou menos fortes: os Maracanãs e Chrisanás, habitantes bravios da zona alta das visinhanças da ilha de Maracá; os Porocotós da bacia do Uraricapará; os Macús da serra de Andaúari; e os Jauapery das vertentes do Uraricoeira.

Existem, provavelmente, nas encostas inexploradas das cordilheiras de Parima e Pacaraima, muitas outras tribus cuja existencia ainda não foi indicada, talvez por serem pouco numerosos ou desconhecidas, vivendo nas mesmas condições de selvageria.

São tribus decadentes e quasi extinctas: os Aturais das cabeceiras do Tacutú; os Caripúnas da serra de Macarapan; os Pauxianas e os Barauanas das margens do Coratirimani.

Desappareceram da região, sem que haja certeza se retrogradaram a vida selvagem ou se se

extinguiram : os Paravianas, nação outr'ora poderosa, que ligou seu nome ao Rio Branco ; os Amaribás das vertentes do Tacutú e Repunuri ; os Tucurupis e os Acarapis das margens do Parimé ; os Arimas do Majary ; os Quinhãos do Caya-caya ; os Aoaquis do Caíamé ; os Quimarrás, Tapicaris e Saporás das margens do Mocajay ; os Chaperós, os Guajurós e outros.

Os índios, constituindo grupos independentes, desde a nação poderosa dominadora de vasta região onde planta suas malócas, até a malóca isolada de numero de habitantes reduzido pela perseguição dos brancos ou dos outros índios ; adoptando nessas divisões e subdivisões nomes diferentes e linguas as vezes completamente modificadas pelos varios contactos e cruzamentos, tornam-se bem difíceis de estudar e de classificar com segurança.

Para prova do que avançamos, ainda uma vez transcreveremos o que diz o dr. Dionisio Cerqueira, em seu relatório da Commissão de limites com a Venezuela.

«No dia 21 as 10 horas chegamos ao igarapé Uaiparú (no Uraricapará), onde existe uma malóca de índios Aoaquis, camaradas do tuixáua Purucotó. Receberam-nos bem, dando-nos com a sua franqueza peculiar os productos de suas roças e recebendo muitos brindes. Disseram que fomos os primeiros brancos que chegaram até aquelle logar. Conduzimos para cima o tuixáua Cuniké e dous índios — Capiuá e Aruquai. A malóca dos Aoaquis é uma grande casa cylindrica com uma só abertura e coroada por um tecto conico muito alto. Ahi mora toda a tribu que compõe-se de 18 pessoas. E' o que resta desta nação perseguida e dizimada por seus terribes inimigos e ferozes Maracanãs. A malóca

é uma praça com uma pallçada interior onde se vêm dispostos sobre os giráos os arcos sempre tezos e grande numero de flechas.»

Temos, pois, como acabamos de ver, nas regiões do valle e serras do alto Rio Branco, toda a escala da vida indigena actual do Amazonas, desde o indio manso até ás tribus indomaveis, ferozes e talvez anthropophagas.

Que bello campo de estudos ethnologicos offerecerá, a porção ainda hoje impenetravel dessas paragens, quando puder ser devassada pela sciencia, é bem facil de imaginar !

Sobre a indole do indio, seu character intimo e seus habitos, com relação aos brancos e ao meio civilisado que o vai envolvendo e apertando num circulo de ferro, varias opiniões existem, dentre as quaes destacaremos algumas de maior importancia.

Segundo mr. Coudreau (*Voyage a travers les Guyanes et l'Amazonie*), o indio é de um egoismo extremo, só igualado a sua extrema imprevidencia. Cada um cuida de si, a vida é difficil, desgraçado daquelle que não sabe se prover do necessario, eis a sua lei.

Supporta estoicamente todas as privações e jámais se queixa. Desconhece a piedade como a dor moral e os desgostos. E' bastante indifferente á morte. Sua aptidão para dissimular é na realidade assombrosa. E' capaz de ruminar um projecto mezes inteiros sem deixar perceber a minima cousa áquelles que o cercam. Nunca diz de antemão o que predente fazer. Age sem prevenir e quando é obrigado a falar, se é por exemplo vosso serviçal, mesmo para as cousas mais extraordinarias, só vos advertirá no ultimo momento. São estas, talvez, qualidades louvaveis

em tempo de guerra, mas defeitos anti-sociaes em estado de paz.

Ajuntemos que os índios são vingativos. Assassnam-se entre si friamente, quasi sempre a traição. Os bons tratamentos, os bons pagamentos, os actos de humanidade não tem acção sobre elles. Encaram tudo isso como fraqueza da parte do branco. São entretanto muito sensiveis ás demonstrações de força ; esse o seu unico ponto fraco. São serios.

Seria uma singular illusão imaginar-se que os índios nos consideram como seus superiores. Nossa civilisação os deslumbra, mas não provoca sua admiração. Para elles somos seres diferentes porém inferiores.

O indio não tem necessidade de nós, entretanto que nós a temos delle. Para o que nos serve termos casas de pedra, vestuarios complicados e bizarros instrumentos, quando, o sentimento que lhes inspiramos, a par delles, com toda a nossa superioridade, é o de uma commisação desdenhosa. Quem habita, comtudo, demoradamente entre elles acaba por se impôr e até por dominal-os.»

Já não pensa do mesmo modo, um outro explorador — o conde E. Stradelli — que entre os indigenas do Amazonas tem feito longas e demoradas excursões e valiosos estudos.

Com o criterio de quem nesses trabalhos já empregou 27 annos de sua existencia, informamos o illustre viajante :

O indio, preparado por educação e por herança para a lucta com a natureza que o cerca e da qual deve tirar todos os recursos de que carece, não experimenta diante della o acanhamento e as difficuldades do homem civilisado e ao ver este, no meio desses embaraços, acabou

nhado pela sua ineptia, sente por elle verdadeira compaixão.

De resto, o mesmo succede comnosco, trocados os papeis e trazido o indio para o meio civilisado.

Increpam o pobre selvicola de ser desconfiado, egoista, traiçoeiro, desprendido de afeições e indolente.

Taes accusações são filhas do preconceito profundo da nossa superioridade e do esquecimento do modo porque foram esses seres por nós tratados, em todos os tempos, como bestas feras ou animaes de jugo, quando não eram e não são, antes do contacto com o branco, mais do que grandes crianças confiantes e ingenuas.

A historia do indio, o antigo possuidor do continente americano, tem sido por toda a parte a mesma. Espoliados brutalmente dos seus territorios, despojados pela força ou pela perfidia da liberdade eram trazidos ao mais rude e vil dos captiveiros, e se contra elle se insurgiam eram trucidados com requintes de barbaridade.

Atavicamente ariscos, reservados e habituosos a se suprirem de tudo quanto carecem, uma vez reconhecida por elles a má fé e ferocidade dos homens civilisados, assim manifestada, foram retrocedendo da confiança nelles depositada, para a prevenção prudente e cauta e até para a franca hostilidade, com que muitas tribus os recebem agora.

A aberração humana que nos faz julgar, os actos dos outros contrarios aos nossos interesses, de um modo diferente daquelle por que julgamos os mesmos actos quando por nós ou pelos nossos praticados, é que nos faz tambem julgar o indio como um ser abjecto, desconfiado, egoista, traiçoeiro, desprendido de afeições e indolente

por não se prestar a nos servir em tudo com a docilidade de um escravo e a fidelidade de um cão.

O indio afeiçoa-se, entretanto, facil e dedicadamente áquelle em quem reconhece um amigo leal e bom, sem o preconceito de quem seja o mais forte. Se é o branco, o indio naturalmente se colloca sob o seu amparo, deixando-o até pensar em seu lugar, se o não é, invertem-se os papeis, e é o selvicola, astucioso e valente, que lhe dispensa protecção e cuidados como succedeu, mais de uma vez, com o proprio explorador mr. Coudreau, quando entre elles passou longos mezes enfermo, segundo elle mesmo se refere.

Consideram-no traiçoeiro porque, ordinariamente mal armado, procura pôr do seu lado antes do ataque todas as garantias de victoria e porque não se atira, de peito descoberto e mal apetrechado, contra os reflex de repetição dos brancos resguardados pelos troncos dos arvores ou pelas trincheiras. Sempre o mesmo systema de julgamento de dous peços e duas medidas.

A sua propria indolencia é relativa.

Se consideramos que as raças indigenas da America do Sul, tem percorrido os seculos firmando certas leis ativicas, mediante as quaes são relativamente nomadas e aventureiras nos limites dos territorios, e tiram todos os recursos de que carecem das produções expontaneas da natureza que os cerca, com o minimo esforço possivel, é de justiça reconheçamos e toleremos que, no estado natural ou proximo delle, o indio não dê valor a propriedade individual, não uze de culturas demoradas e seja poupadno no emprego de suas forças corporaes, capital unico, a custa do qual tem de manter e defender sua existencia e a da sua prole.

Mas, apezar disso, o indio trabalha e trabalha bastante, mesmo entre nós, quando dirigido com intelligencia e carinho, em serviços adequados as suas aptidões atavicas.

Prova palpitante desta affirmação encontra-se na historia de todas as missões do Brasil e do Paraguay, e o podem attestar os proprios fazendeiros do alto Rio Branco, onde elles são um elemento economico de grande valor, como de resto em todo o Aamazonas.

E' preciso ter vivido longamente com elles na liberdade da sua vida agreste, para bem conhecel-os.

Um dos escriptores em quem maior patriotismo e grande estudo encontramos, ao tratar destas cousas do alto Amazonas, é o capitão tenente Lourenço da Silva Araujo e Amazonas, no seu *Diccionario topographico, historico e descriptivo*, dessa região, publicado em 1852.

Sua opinião sobre a indole e caracter dos indios resume-se nos seguintes trechos de sua obra:

«São tão docéis, generosos e compassivos para com os amigos, quanto crueis e inexoraveis para com os inimigos, que sobre perseguil-os e matal-os comem-nos em triumpho.

Se não apaixonados pela guerra, são tão susceptiveis que a mais insignificante causa a ella os determina. Em attenção a certo direito, que admittem, não hostilisam sem previa e formal declaração de guerra, que consiste em quebrar o ramo dos arbustos, cravar settas nos troncos das arvores e no chão do territorio inimigo. Suas armas são o arco e flexas, tamarana, harabatana, coidorú, clava, murucú e estolica. Hoje uzam tambem da clavina, que no Alto Amazonas adquirem dos Hollandezes e Inglezes pela Guiana.

Seus ataques são por aggressão imprevista e emboscada.

... São soffredores e alegres em seus trabalhos, pela importancia que a elles sempre costumam dar, nos quaes sõem desenvolver-se com habilidade não vulgar. Nelles usam do *Ipadú* que he o pó a que reduzem as folhas de hum arbusto, do qual enchem as bochechas, e vão engolindo á proporção que se vai desfazendo com a saliva. Seu effeito he anti-narcotico e preserva da prostração e canção.

... Cada nação falla sua gíria, e he muito raro achar-se alguma que com outra se assimilhe: o que só se dá nos rios Jupará e Juruá: porém todas as nações que se relacionam com os estabelecimentos christãos fallam a lingua geral ou tupica.

São em grande parte anthropophagos; não tanto pelo vicio de comer carne humana, como por vingança de seus inimigos prisioneiros de guerra; porém os Maiurunas são anthropophagos em tal excesso, a não poderem justificar-se com a sua mesma selvageria.

... Atribue-se-lhes uma grande vocação para a marinha; o que parece poder-se explicar pelo empenho de, como a classe mais desvalida, impellir-os á profissão mais ardua e da negação de nossa sociedade; porque são os unicos ou quasi os unicos, que se tem obrigado a sel-o. São increpados de pouco sinceros; entretanto que bem feliz o Indigena, que de dez individuos a quem tenha servido achou hum que lhe pagasse: e não he estranho na Comarca que alguma vez de huma embarcação se lhes tenha pago com a pontaria de huma espingarda. Apercebe-se ainda em toda a Provincia excessiva tendencia, se não para a escravidão, incontestavelmente para

certo juz ao gozo do serviço do Indigena (o que parece que para a escravidão só lhe falta o nome), e tanto esta precedencia se disputa, que se della se prescinde, pouco incommodo resta as autoridades a todos os demais respeitois.

Assim opprimidos e aviltados, observa-se-lhes hum fundo de desconfiança e de despeito. Seu rosto sombrio em lugar de alegre, como lhe he natural, raramente se expressa satisfatoriamente, a não ser ao resultado do seu trabalho, a que soem dar particular importancia; mas se alguem se lhes dirige affavel, principalmente fallando-lhes em lingua geral (o que elles entendem descer ao seu nivel), aquelle rosto até então anuviado se expande; sua expressão, aminando-se, deixa aperceber pelo movimento ainda convulso dos seus musculos, que seu peito se allivia de huma oppressão afflictiva e dilacerante. Em tal expressão tem-se, como ante os olhos, o coração do Indigena, em toda a sua ingenuidade.

O Indigena civilisado he modesto e grave em seu porte e assim comporta-se em suas festas e regozijos. São muito facéis de contentar a respeito de vestuario. Em dias de serviço, usam calça e camisa de ordinario riscado ou grosso algodão; e nos festivos, calça e camisa finas, suspensorio e chapeo de palha ou pello: e assim vão a igreja, passeio e vão ao puracé.

... Dados como fica dito, ao trabalho da extracção de drogas, á agricultura, á pesca e á manipulação, nada aproveitão em beneficio de sua situação, por sua indifferença, assim pela fortuna como pela consideração: o que parece poder-se explicar, já pelo muito que ainda tem de genuinos, já pelo tedio, senão desprezo e mesmo odio, que lhes deve merecer huma so-

cidade, de cujos vicios tantos são increpados, como victimas, e onde o lugar e a companhia que se lhes aponta he a dos escravos.»

Eliséé Reclus, em sua *Geographia ethnographica e estatística dos Estados Unidos do Brasil*, (\*) referindo-se ao indio manso, mediador plastico da transformação ethnographica das raças indigenas do Amazonas, verdadeiro traço de união entre o mestiço e a raça pura, assim se manifesta:

«Os Indigenas ribeirinhos, que outr'ora se haviam agrupado sob a direcção dos missionarios jesuitas, acham-se hoje confundidos em uma população homogenea fallando a lingua geral, que lhes foi ensinado com o cathecismo, e substituindo a pouco e pouco este idioma pelo portuguez dos traficantes. Dá-se-lhes o nome generico de Tapuios, que parece ter sido outr'ora o de uma horda de Tupinambás, que emigrou do Brasil oriental no seculo XVI para as margens do Amazonas; mas esta tribu primitiva desde muito desapareceu ou pelo menos fundiu-se na multidão anonyma das populações hybridas. O nome que têm os Tapuios — chamados tambem *Caboclos* — não envolve nenhuma idéa de precedencia especial, posto que elles se liguem provavelmente pela maior parte ao tronco tupi, cujos varios dialectos se pareciam com o que os jesuitas methodicamente transcreveram.

... Os cruzamentos continuos vão fazendo entrar cada vez mais os Tapuios na raça mestiça de branco, vermelho e preto, onde debalde tendaria alguem reconhecer os elementos originaes. De ordinario os mestiços são chamados

(\*) Tradução e breves notas de B. F. Ramis Galvão — Rio de Janeiro — 1900.

*mamelucos* — nome reservado ao principio para os filhos de branco e cabocla. A's vezes tambem o typo é tão bem caracterizado, que se destaca ao primeiro lancear de olhos: tal é o *cafuzo*, filho de negro com cabola, que se distingue por uma enorme cabelleira eriçada, de cabellos rijos e pretos. Nos mestiços indo-negros parece que é o typo africano que se attenúa primeiro: o caracter mais flexivel do negro não pôde lutar com o do caboclo tenaz. Em geral pôde-se dizer que a população cruzada amazoneense ganhou quanto a belleza physica, graça, elegancia natural e intelligencia. Reservados e taciturnos, mas brandos polidos, hospitaleiros, os tapuios gostam do retiro; afastam-se das cidades em vez de procural-as.

... Os Tapuios cultivam um pouco a terra junto de suas choças e com os seus barcos — *cobertas*, *batelões*, *montarias*, *ubás*, *igáras* e *igaritês* — foram, antes da introdução do vapor no Amazonas, os intermediarios de todo o commercio local e do serviço de transporte dos passageiros. Marinheiros de incomparavel destreza, arriscam-se ao meio da corrente e sabem sempre sustentar com a pá ou com o remo o equilibrio incerto de sua embarcação; sentem-se alli no seu elemento, e qando não têm ceremonias a guardar com algum estrangeiro altivo ou algum funcionario temido, cantam alegres, acompanhando o canto com a cadencia dos remos. Entretanto é geral a queixa contra a extrema preguiça dos Tapuios, e outr'ora o americano Herndon, com aquella crueza de linguagem tão commum aos escravistas, citou com complacencia «a opinião de homens inteligentes que vêem na força o meio mais simples de acabar com os Indios, incapazes de se tornarem cidadãos ou es-

cravos e que não valem nem o simples logar que occupam». Mas tambem que meios empregavam para os civilizar? Em muitos districtos eram ou ainda são obrigados a engajar-se como *trabalhadores* por tempo mais ou menos longo: dividem-n'os em esquadras, passam-lhes revistas como a soldados, enclausuram-n'os em acampamentos, sob pena de cadeia ou de sentarem praça. Os negociantes ou *regatões* incitam-n'os a embriaguez para enganar-os mais facilmente, comprando por preço vil o trabalho de muitos annos. Por isso os Indios que escapam á acção do governo ou ás extorções dos traficantes gosam com delicia o direito da ociosidade. E nas margens do Amazonas podem «viver da preguiça». ... Si, porém, o Tapuio quer cobrir os filhos de missanga, si quer dar á sua mulher vestidos de sêda ou joias, si tem necessidade de luxo, é claro, acaba por entrar na faina incessante do trabalho.

... Além dos Tapuios, com as suas cem tribus confundidas, e dos mamelucos que se unem aos brancos em proporção crescente, mantêm-se sempre longe do rio principal, á margem dos affluentes, numerosas hortas aborigenes, ainda sem mescla de sangue estrangeiro, e não tendo quasi relação alguma com os filhos do Velho Mundo, brancos ou pretos.

... Na população total da Amazonia, avaliada em 150.000 individuos, o numero de Indios selvagens entra talvez por metade. Dentre elles, os que vivem nas savanas sem abrigo, de dia á luz do sól, de noite ao brilho scintillante de milhares de estrellas, tem a intelligencia mais clara, o espirito mais firme, o trato mais benevolo do que os caçadores ou os que se em-

brenham nas mattas, obrigados a continua vigilancia com receio de emboscadas.»

Pelos dados ethnographicos que deixamos consignados, bem facil se torna avaliar economicamente a potencia de trabalho util com que o elemento indigena pôde entrar para as explorações industriaes, commerciaes e agricolas da uberrima região do alto Rio Branco e a indole desses serviços.

Nessa avaliação não se deve esquecer que o valle desse rio nunca foi devassado em grande escala pelo seringueiro e pelo regatão, os dous principaes elementos do abastardamento do character do indio, do seu odio pelo branco e do seu afastamento para o coração das selvas.

Campeiros, *peões*, camaradas, timoneiros, remadores, batedores de matto, rastejadores, caçadores e pescadores de primeira ordem dão, tambem, nessas paragens, quando dirigidos com intelligencia e carinho, regulares agricultores e excellentes operarios para certos trabalhos affins as suas condições hereditarias de existencia, como a construcção de embarcações, o córte e folquejamento de madeiras, a cobertura de casas e mesmo a sua edificacão quando singella e rustica.

Mediante um salario relativamente modico, alimentacão e roupa tambem de pouco custo, um pouco de tolerancia para certos pendores atavicos, como as caçadas e pescarias, sem os quaes se lhes nota logo profunda nostalgia, e trato affectuoso e justiceiro, são os melhores e mais commodos auxiliares de que dispõem os habitantes do alto Rio Branco para os labores a que se entregam.

\* \* \*

O grande progresso, trazido ao Estado do Amazonas pela vulgarização das suas riquezas naturaes e consequente exploração em alta escala dos seus preciosos productos, tem modificado de muito os habitos de existencia em geral e, principalmente, na capital, onde a população adventicia ou forasteira já é extraordinária, como de resto em todos os emporios commerciaes analogos.

Em consequencia desse phenomeno social, já vai desaparecendo, quanto a alimentação, o predomínio, anteriormente quasi exclusivo, do peixe, do *jabá* (carne secca), da tartaruga e da farinha d'agua, para dar logar ao regimen mais racional, hygienico e são — da carne, pão, vinho, legumes e cereaes.

Diante desses progressos fataes, inevitaveis, os habitantes do alto Rio Branco, que sabem bellamente ser essa zona a unica capaz, em todo o Estado, de fornecer á Manáos, com abundancia e sem interrupção, os principaes generos de que carece, modificaram de muito a primitiva orientação de sua actividade e pretenções.

Os estancieiros, hoje, já não são os mesmos de outr'ora — malandros, rutineiros e sem aspirações.

Actualmente têm noção clara das cousas. Sabem, por exemplo, que a par do desenvolvimento da industria da criação de gado vaccum e cavallar ha de vir a dos muares, que começam a ser empregados, em grande escala, nos seringaes que permitem esse commodo meio de transporte.

Prevêm, com muito bons fundamentos logicos, que, parallelamente a essas, ha de vir forçosamente a criação de carneiros, porcos e aves, com o intuito de, illudindo a diffiuldade de

transporte de animaes vivos, transformal-os em xarque, carnes afiambradas, conservas delicadas e productos de *charcuterie*, por meio de fabricas montadas na propria localidade e prevêm ainda que, um dos mais futuros elementos de riqueza dessas regiões, será o fabrico de lacticinios, artigos de facil execução e de tão elevado preço neste Estado, onde a manteiga importada paga de direitos quasi 50 % do seu valor.

Não ha mais, alli, estancieiro que ignore — que se o alto Rio Branco alcançasse fornecer ao grande consumo de todo o Amazonas, sómente metade do xarque, da banha de porco, do toucinho, das carnes salgadas e da manteiga que elle importa, seria a zona pastoril mais firmemente rica de todo o norte brasileiro.

O que, sobre este importante assumpto, diz o governador do Estado em sua ultima mensagem, são hoje verdades por todos reconhecidas.

«Devemos sempre ter em vista,» recommenda s. exc., «que longe vão os tempos em que se acreditava que os nossos productos jámais poderiam encontrar fortes competidores ou soffrer diminuição em sua quantidade, e attender á crescente produção da gomma de maniçoba nos outros Estados da Republica e de outras similares na Africa, Asia e America Central, que começa a nos fazer competencia, constituindo, deste modo, grande ameaço á valorisação do nosso primeiro genero de exportação. Assim, a protecção que se dispensar á agricultura em nosso Estado será, quando nada, uma medida preventiva e asseguradora do nosso futuro».

Accrescenta s. exc., referindo-se ao particular que nos occupa: «Tive, ha poucos dias occasiões de me extasiar ante a magestosa belleza e fer-

tilidade dos campos naturaes do Rio Branco, verdadeiros oceanos de verdura, ricas pastagens, onde o gado, apesar de descuradas as leis de zootechnia, tem grandes desenvolvimento e adquire enormes proporções.

Para que se possa avaliar a uberdade dos campos daquela região, basta dizer que, não se occupando os criadores do Rio Branco do cruzamento das diversas raças; e recommendando as sementes dos gados existentes a importação inicial dos tempos coloniaes, não raro á encontrarem-se specimens de proporções admiraveis, no gado vaccum, como tive occasião do ver na minha viagem áquella zona.

Apezar da tendencia para o enfraquecimento da raça, por falta de cruzamento e selecção, contam-se alli cerca de 50.000 cabeças de gado vaccum e 2.000 de cavallar, além de outras especies, em condições de se desenvolver e abastecer não só este como outros Estados, si não regatearmos esforços, já fundando colonias, procurando instruir os criadores, ensinando-lhes os principios modernos de zootechnia em escolas praticas, já facilitando as condições de transporte, subvencionando uma regular linha de navegação e curando de suas estradas.

Urge, pois, que lanceis vossas vistas para a agricultura e criação, futura riqueza nossa, meditando sobre as medidas apresentadas na primeira parte desta mensagem e votando as que vossa alta sabedoria entender mais proveitosas.»

No meio de todas estas excepcionaes condições de progresso certo, o que mais impressiona e afflige, os que nelle confiam cegamente, é ainda a questão do transporte, cujas diffiuldades já deixamos apontados e, felizmente, não são in-

superaveis, desde que haja decisão firme e firme tenacidade em removel-as.

Nas circunstancias actuaes, os habitantes do alto Rio Branco, só podem contar realmente com franca navegação a vapor, para conducção mais rapida e mais facil do gado, durante os 3 a 4 mezes do anno em que o Cojubi deixa passar as lanchas livremente.

Quanto a nós, as difficuldades que apresenta o transporte de gado do Rio Branco ao fornecimento uniforme de boa carne a Manãos, só podem ser completamente resolvidas pelo estabelecimento de *invernadas* ou depositos, em terrenos marginaes do Rio Negro, afastados dessa capital de 12 horas de viagem no maximo.

Escolhidos os pontos convenientes e feitos os postos, nelles seriam mantidos pelos fazendeiros ou por intermediarios, *stocks* de bois, carneiros e porcos, necessarios ao consumo regular da capital durante os 8 mezes de vazante, em que não podem descer franco e facilmente o rio.

O consumo medio annual de Manãos é de 10.800 bois, entrando para a formação desse total: 5.000 do baixo Amazonas, 5.000 do Rio Branco e o resto do Rio da Prata, America do Norte, Ceará, etc.; segundo informações do superintendente municipal dessa capital.

Nestas condições, sendo a media mensal do Rio Branco de 417, temos para o total de 8 mezes de estiagem 3.336 ou sejam para arredondar o *stock* 4.000 bois.

Podendo, cada legua quadrada de campos artificiaes, comportar 1.500 rezes, serão precisas 3 leguas quadradas de invernadas que, preparadas e cercadas de arame não farpado, como no Rio Grande do Sul e Rio da Prata, a razão de

130 contos cada legua, darão o total de 390 contos ou, digamos, 400 contos de réis.

Accrescente-se a isso — que o estabelecimento e custeio dessas invernadas deve ser entregue á iniciativa particular, fornecendo o Estado gratuitamente as terras necessarias, uma parte do capital e uma subvenção equitativa e não elevada, durante os primeiros annos, e teremos o total de onus officiaes.

Essas concessões deverão ter como condição principal — a organização em uma parte limitada de sua área, de estabelecimentos pastoris modelos, para a conservação e reproducção de especimens de raças escolhidas, que dêem as sementes aperfeiçoadas aos criadores do Estado, e para o ensaio, aclimação e mesmo cultivo de plantas forraginosas.

Desse modo os invernados ou depositos de gado, dispostos entre o Rio Branco e Manãos, em pontos apropriados e á proporção que as circunstancias os fossem exigindo, dariam como resultado, no fim de 3 annos, ser o gado fornecido para o consumo em excellentes condições, devendo chegar aos mercados de seu destino em melhores carnes e a mais baixo preço do que qualquer outro.

No Rio Grande do Sul os estancieros, das margens das lagoas dos Patos e Merim que não tem campos, apropriados, resguardam o gado, na estação fria, em invernadas de pastagens naturaes, que o recebem de 3 a 4 mil réis por cabeça durante a estadia de seis mezes. Aqui em pastos artificiaes e noutras condições, pois que no mercado de Manãos não pode chegar carne de fóra do Estado a menos de 1.000 réis o kilo, essas quotas serão naturalmente maiores. Actualmente os bois no Rio Branco são vendi-

dos nas estancias á razão de 50 a 60 mil réis cada um pesando na media 150 kilos.

O resultado que tiraria o governo com essas medidas de protecção seria extraordinario, pois, além do melhoramento immediato da alimentação publica, baze principal das commodidades da vida e da hygiene das grandes cidades, trazia um grande augmento da renda publica pelo augmento da producção de uma zona que, hoje, apesar da sua boa vontade, em nada ou quasi nada concorre para o progresso do Estado.

E não se diga que o consumo de carne fresca no mercado de Manãos, o primeiro que serviria de méta aos ensaios de fornecimentos do Rio Branco, dentro das medidas que lembramos, seja insufficiente ou de tardia expansão.

Esse consumo tem actualmente duas phases distinctas durante o anno.

A primeira, a da fartura, vai de meados de maio a meados de setembro; e a segunda, a da escassez, comprehende os 8 mezes restantes. Em qualquer dellas o gado regula, em pé, no porto, de 1.000 a 1.200 réis o kilo de carne, e a retalho nos açougues — 2.000 réis até o meio dia e 1.500 depois dessa hora.

E' na segunda phase, que combina com a abundancia de pescado, que a massa da população se entrega, quasi exclusivamente, a alimentação pelo peixe, por ser o seu custo um pouco inferior ao da carne, sendo que nas qualidades mais finas lhe é bem superior.

Esses altos preços do primeiro genero de alimentação publica são consequencia das difficuldades de transporte dos animaes vivos, da pequena producção estadual e da falta de *stocks*.

Haja carne em abundancia, bôa e barata, que o consumo augmentará logo rapidamente

até atingir sua equação normal, em uma cidade de cerca de 50.000 habitantes como Manãos.

Os melhoramentos da navegação do Rio Branco, mandados estudar pelo governador do Estado dr. Constantino Nery, e as medidas por elle aconselhadas em sua mensagem ao Congresso Estadual, é incontestavel que trarão grandes beneficios á região dos campos, facilitando seu abastecimento, diminuindo o preço dos transportes e animando o desenvolvimento da industria pastoril, das que lhe são dependentes e da agricultura.

Para a grande expansão, porém, dessas industrias, é preciso que as invernadas a que nos referimos sejam estabelecidas, com promptidão e criterio, tendo sobretudo em vista o bem estar do povo e o augmento da renda estadual, que caminhará fatalmente ao lado do progresso que auguramos para a zona dos campos do alto Rio Branco.

Seria isso transformação economica de tão subido apreço, na vida social do Estado do Amazonas e nas suas relações economo-financeiras, que não haveria quem regateasse justas homenagens ao governo que tão alto e productivo empreendimento levasse a cabo.

\* \* \*

Sob o ponto de vista das explorações agricolas, tão errada e condemnavelmente sacrificadas, em todo o Estado, aos lucros rapidos e avultados da industria quasi exclusiva da extracção da borracha, é ainda essa privilegiada zona, a que melhor se presta a maior variedade de remuneradoras culturas.

E' preciso ter em vista a pujança vegetativa com que nesse meio nasce, cresce e produz, com extraordinario rendimento, tudo quanto se

planta convenientemente, para se fazer idéa justa da uberidade do sólo, da suavidade do clima e das riquezas naturaes dessas paragens.

Quer se adopte o systema de cultura *extensa* para as grandes explorações, systema sempre aconselhado e vantajoso desde que se disponha de terras ricas e abundantes; quer se empregue o *intenso* para as especies finas e delicadas, mais caras por isso que dependem de cuidados peculiares, como por exemplo os repolhos, ervilhas, laranjas, figos, uvas, átas, etc. que alli devem produzir perfeitamente, em qualquer desses casos os resultados serão seguros e muito remuneradores.

O milho, o feijão, o arroz e a mandioca, generos essenciaes á alimentação brasileira e plantações pouco trabalhosas, attendendo-se a facilidade de empregar nellas o braço indigena, já muito habituado ao serviço das *roças*, e a boa qualidade das terras, que dispensam pesados trabalhos preparatorios, serão mantimentos de farta producção e facil collocação no Estado que os importa em grande escala.

O cultivo e preparo do fumo, cuja qualidade é notavel e gosa de merecido conceito, é outra futura e importante industria. Este artigo já foi cultivado no Rio Branco com excellentes resultados e boa vantagem no mercado de Manãos, onde o pagavam a 90 mil réis e mais a arroba.

O cacau, o café, o algodão e a canna de assucar, são outros tantos elementos de riqueza a explorar em grande, a vista da bella producção alcançada alli em pequenas lavouras.

A uva, quanto a nós, que a sua cultura no Estado do Rio e Capital Federal temos dedicado estudo e pratica, afigura-se-nos cultivo adaptavel e facil, desde que se escolham com decernimento

as variedades a adaptar, á vista da excellencia do clima e das especiaes condições da uberidade do sólo.

Entre as americanas e nunca entre as europeas, cremos que não erraria quem procurasse — variedades de producção prematura, ou muito tardia, para evitar o effeito das chuvas que lhes é sempre prejudicial.

Como das mais resistentes, entre as que plantamos e conservamos dando magnificos resultados e exigindo, relativamente, poucos cuidados, aconselhamos a *Jefferson* e a *Gæthe*, deliciosas uvas de mesa, côr de roza a primeira e branca a segunda, amadurecendo aquella em Novembro e esta em Fevereiro. Ambas prestam-se admiravelmente ao transporte, conservando quasi todas as suas qualidades de sabor e belleza.

Além destas, outras podem ser experimentadas. O que se deve, como meio garantidor de bons resultados economicos, é firmar a escolha em duas a tres variedades sómente.

Para bem apreciar o valor agricola dessa região, é necessario não perder de vista as circunstancias especiaes em que ella se apresenta a taes explorações.

Como é geralmente sabido, o Estado do Amazonas importa annualmente extraordinario volume de generos alimenticios de primeira necessidade, que se pagam a altos preços pela pesada sobrecarga de impostos e transportes que elles trazem.

Basta lembrar que um repolho, que custa na ilha da Madeira cerca de 200 réis é vendido em Manãos por 3\$000, com lucro talvez menor do que um do Rio Branco que fosse vendido a 800 réis; basta ter em vista as demais circunstancias que enumeramos, para se concluir com acerto quanto será remuneradora e segura a col-

locação dos productos agricolas da região que nos occupa no proprio mercado da capital.

Além disso, os campos, cobertos de farta camada de terra uberrima que, em alguns pontos, é annualmente refertilisada pelas enchentes, como acontece nas margens do Nilo, dispensam em geral o trabalho preparatorio de derrubadas e queimadas, podendo ser facilmente amanhados pelo arado e outras machinas ruraes apropriadas e que tanto barateam as culturas.

Outra não pequena e inestimavel vantagem é a de poder vir por agua, por essas *estradas que caminham*, até a capital, toda a producção dessa zona privilegiada, empregando-se, para isso, desde a montaria do modesto lavrador até os barcos a vapor com camaras frigorificas das grandes emprezas.

Com o desenvolvimento das industrias de criação de gado e annexas, não só as explorações agricolas de grande expansão, como as da horticultura e fructicultura, que a par dellas hão de forçosamente se estabelecer, terão, quasi de graça, os adubos e estrumes de que tanto carecem para seu completo resultado.

Dos residuos dos animaes e das xarqueadas e fabricas dos varios productos da industria pastoril, prepara hoje a industria moderna adubos de primeira ordem, muito bem pagos no commercio, e que constituirão, mais um outro valioso factor de progresso local e de renda, nos ricos campos do alto Rio Branco.

Com todos estes elementos de progresso certo, não só fornecidos por suas riquezas naturaes como pela sua posição especial e unica, no centro de um Estado que importa quasi tudo quanto carece para sua alimentação com pesadissimos onus, serão elles, com um pouco de

bôa vontade e perseverante esforço, um celleiro altamente remunerador e farto, situado a 3 ou menos dias de Manãos, desde que a navegação seja facilitada e regularisada.

E' de notavel e logica consequencia que, uma vez encetados os melhoramentos da zona em questão, mórmente se se tratar, desde logo, de facilitar-lhe criteriosamente a colonisação, o seu progresso caminhará normalmente, só exigindo auxilios regulares e perseverantes durante um certo numero de annos, pois a renda publica local compensará em pouco tempo as despezas feitas.

Antes de concluir queremos ainda, a guisa de simples informação, archivar alguns recursos mais dessa parte do vasto e rico territorio amazonense.

A caça e a pesca, de resultados assombrosos em todo o Rio Branco, exploradas industrialmente, serão outras tantas fontes de riqueza que se deve tomar em consideração.

Seus productos, quer grosseiramente salgados quer reduzidos á finas conservas em latas ou barris, são de facil transporte por agua, mesmo nas actuaes condições de navegação e podem se conservar por muito tempo armazenadas.

No reino vegetal, dizem os competentes que existem em abundancia, no estado silvestre, a salsa parrilha, a copahyba, a quina, a baunilha, o cumarí, o cravo, o breu vegetal, o castanheiro, a piassaba e muitos outros preciosos especimens da rica flora amazonense, já muito procurados como elementos therapeuticos ou industriaes.

No sólo, affirmam já se haver verificado a presenca em grande escala de pedras calcareaes e, em alguns lagos da serra de Pacaraima, de

sal gemma, além de crystaes de rocha, brancos e azues e silex vermelho e branco.

As tradições consignam a existencia de ouro e pedras preciosas em alguns pontos dessa região, crenças estas que não encontram contestação na natureza geologica das serras que a cercam e mesmo no proprio sólo de alluvião de que são, em geral, formados os valles.

Achamos até muitos pontos de simelhança entre alguns valles do Rio Branco e o de Muzo, na Colombia, situado em região analoga, onde existem vastas e famosas jazidas de esmeraldas, cuja riqueza é notoria desde muitos seculos.

Mal estudada e portanto pouco conhecida, é ainda hoje, sob o ponto de vista mineralogico, a região do alto Rio Branco; entretanto, tudo faz suppor que existam alli, no seio da terra e sob a crosta das cordilheiras, muitas riquezas occultas.

Talvez que não esteja demasiadamente afastado o dia em que a estrada de ferro, rasgando os territorios amazonense e inglez, de Manãos á Georgetown, se torne a verdadeira arteria do progresso real e vertiginoso da alta Amazonia, e, atravessando os privilegiados campos do Rio Branco, ponto forçado da sua directriz, os transforme em uma região excepcional de bellissimas cidades de ameno clima, de industrias especiaes, de população e costumes diferentes, cravada phenomenalmente no seio das vastas planices florestaes e alagadiças do maior estado da republica brasileira.

A urgente necessidade de procurar um porto mais proximo dos centros commerciaes estrangeiros, e de livrar-se de um entreposto que tanto o opprime com caprichosas e descabidas exigencias e enumeras difficuldades, como Belém, leva-

rá muito breve o Amazonas, a cuidar seriamente desse principal elemento do seu progresso e, sobretudo, da sua pujança como entidade commercial e política.

Para aquelles que conhecem suas riquezas e sabem quanto ellas estão em começo de exploração; quanto ha ainda de seringaes e territorios virgens e desconhecidos; e como progride a plantação da seringueira nas zonas em que as antigas se vão extenuando; para aquelles que conhecem a variedade de productos da mais

alta estima e valor que encerram suas florestas, e que, de anno para anno, as industrias europeas e americanas vem anciosamente procurar em seu seio; para aquelles que tudo isso avaliam duvidamente, é indiscutivel e insophismavel a grandeza e força que em pouco tempo elle revelará.

Para confirmar ainda mais esta previsão temos o modo peculiar porque nesse Estado se produz o progresso.

Ao contrario do que succede por toda a parte, em vez de se ir desenvolvendo lentamente,

avança em marcha irregular, acompanhando os saltos prodigiosos com que os productos do seu sólo vão sendo aproveitados pelas industrias.

Quem o viu ha dez annos e o vê hoje, não acredita absolutamente que os melhoramentos que apresenta, em frisante desaccordo com os do decenio anterior, sejam obra de tão pouco tempo.

Bem se pode dizer, com relação ao Estado do Amazonas — que tudo nelle é phenomenal, desde sua natureza até a sua evolução social.



## Coordenadas astronomicas

(Comissão de Limites com a Venezuela)

	Latitude					Longitude Meridiano do Rio de Janeiro				
	1°	24'	0'	0	S.	18°	48'	56'	0	O.
Carvoeiro . . . . .	1	46	5	0	N.	17	31	2	7	„
Vista-Alegre . . . . .	3	1	45	7	„	17	16	37	5	„
Forte de S. Joaquim . . . . .	4	31	0	2	„	21	39	0	0	„
Serro Mashiatí . . . . .	3	52	23	3	„	19	44	27	0	„
Serro Piashany . . . . .	5	9	50	0	„	17	43	20	0	„
Serro Roroima . . . . .	3	19	58	3	„	18	41	47	4	„
Uraricapará . . . . .	3	46	4	0	„	19	12	8	0	„
Cachoeira Amaná . . . . .	3	52	41	0	„	19	22	24	0	„
Serro do Observatorio . . . . .	3	25	33	0	„	17	52	36	0	„
Missões . . . . .	3	21	46	0	„	17	7	29	7	„
Foz do Surumú . . . . .	3	33	54	0	„	16	39	50	0	„
Foz do Mahu . . . . .	4	9	4	0	„	16	27	30	3	„
Cachoeira Caronan . . . . .	4	22	25	0	„	16	27	30	4	„
Foz do Uquiripá . . . . .	3	53	47	0	„	16	25	1	0	„
Passo do Anamarú . . . . .										

Este album contem 85 vistas originaes tiradas por GEORGE HUEBNER, socio da *Photographia Allemã* de G. HUEBNER & AMARAL, Avenida Eduardo Ribeiro n.º 11, Manáos, e da *Photographia Fidanza* no Belém do Pará, á Rua Conselheiro João Alfredo.

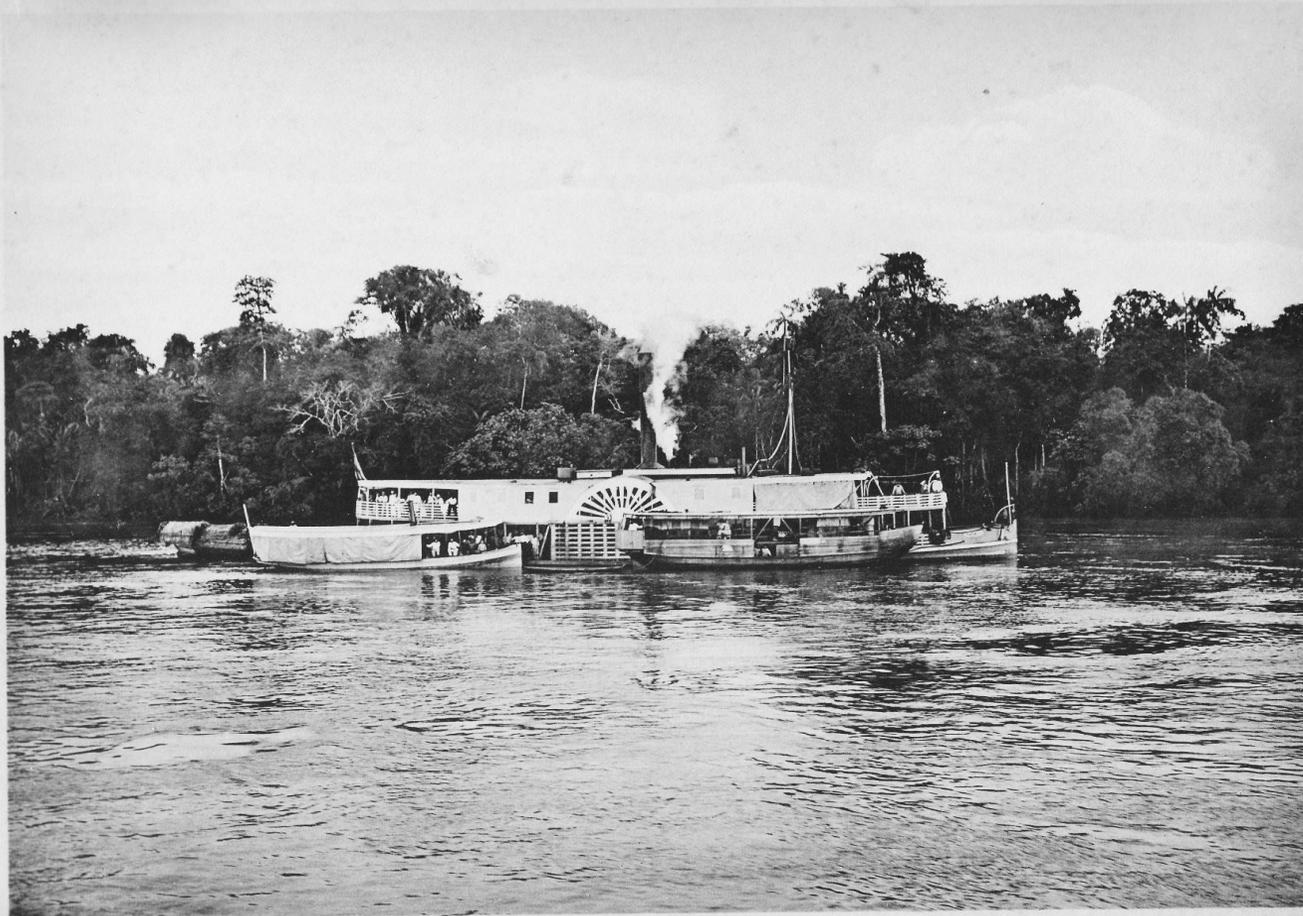




Porto da Villa de Ayrão — Rio Negro.



Villa de Ayrão — Rio Negro.



O vapor «Marary», subindo o rio.



Vapor «Ajuricaba» ao encontro do Governador e da comitiva.



Santa Maria — Casa de Thury.



Seringal «Água Bôa» no Baixo Rio Branco.



Subida de batelão a *Gaúcho e Forquilha* — N.º 1.



Subida de batelão a *Gaúcho e Forquilha* — N.º 2.



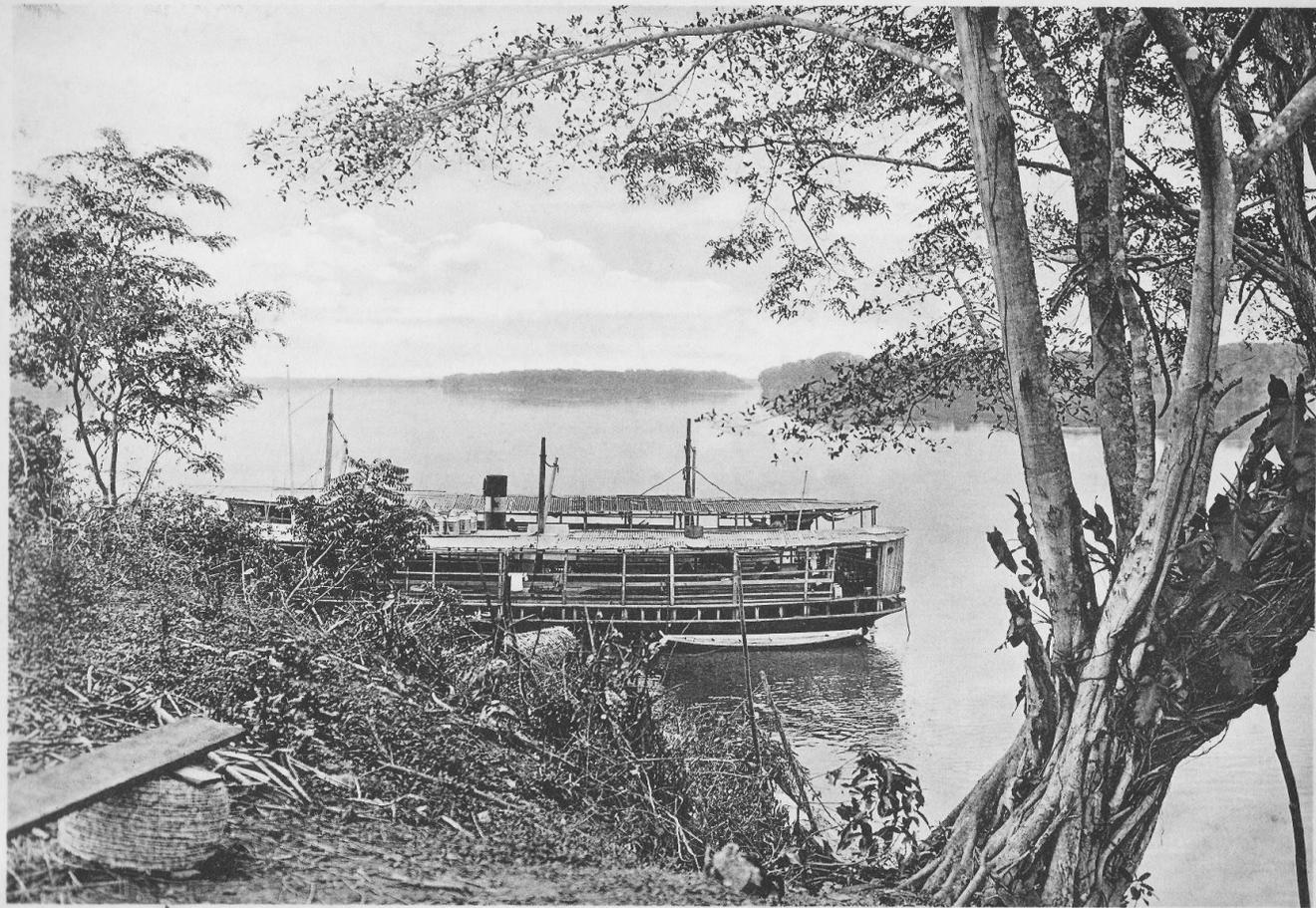
Montaria descendo o rio.



Seringal «Carneiro».



Grupo dos Excursionistas em Caracaray.



Porto de Caracaray com a ilha do mesmo nome.



Porto do Caracaray com a lancha «Cauré».



Embarque de gado em Caracaray.



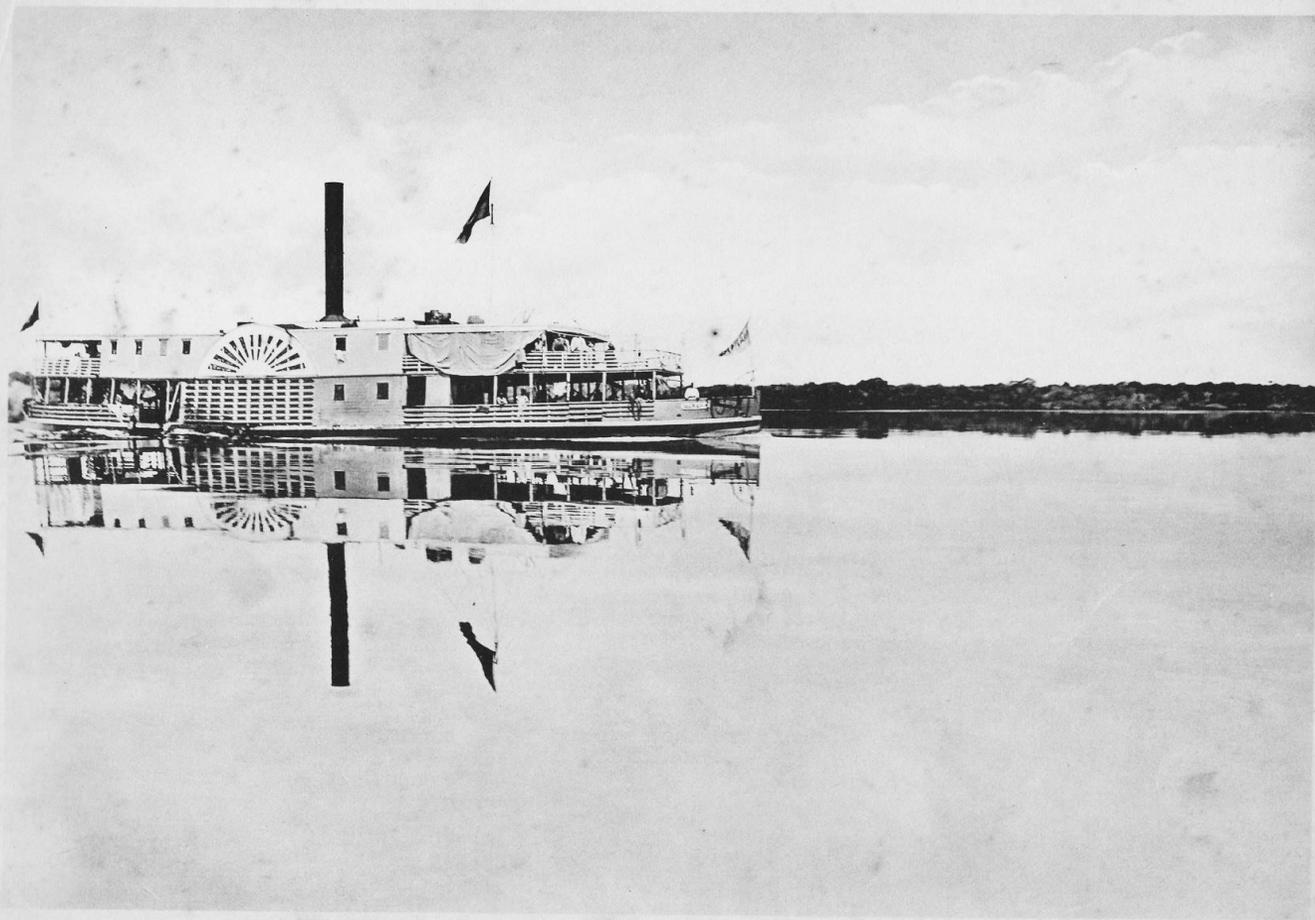
Gado para embarcar no curral de Caracaray.



O vapor «Marary» em Caracaray, com o Governador á bordo.



Despedida do Governador do vapor «Marary» em Caracaray.



Vapor « Marary », embaixo de Caracaray.



Parte da Cachoeira grande.



Parte da Cachoeira grande.



Passagem na Cachoeira grande — Almoço no Lage de Onças.



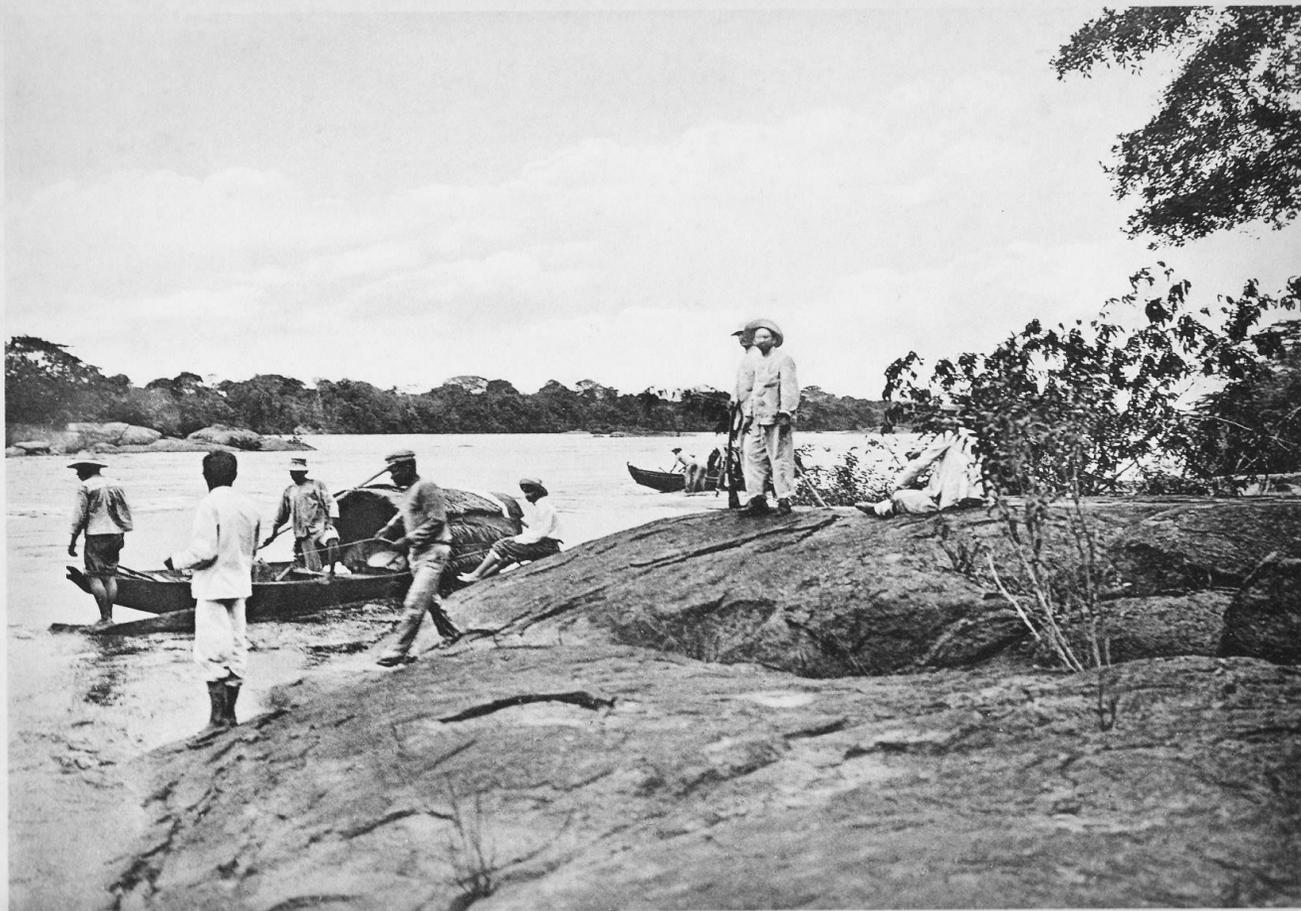
Passagem na Cachoeira grande — Sucurijú — N.º 1.



Passagem na Cachoeira grande — Sucurijú — N.º 2.



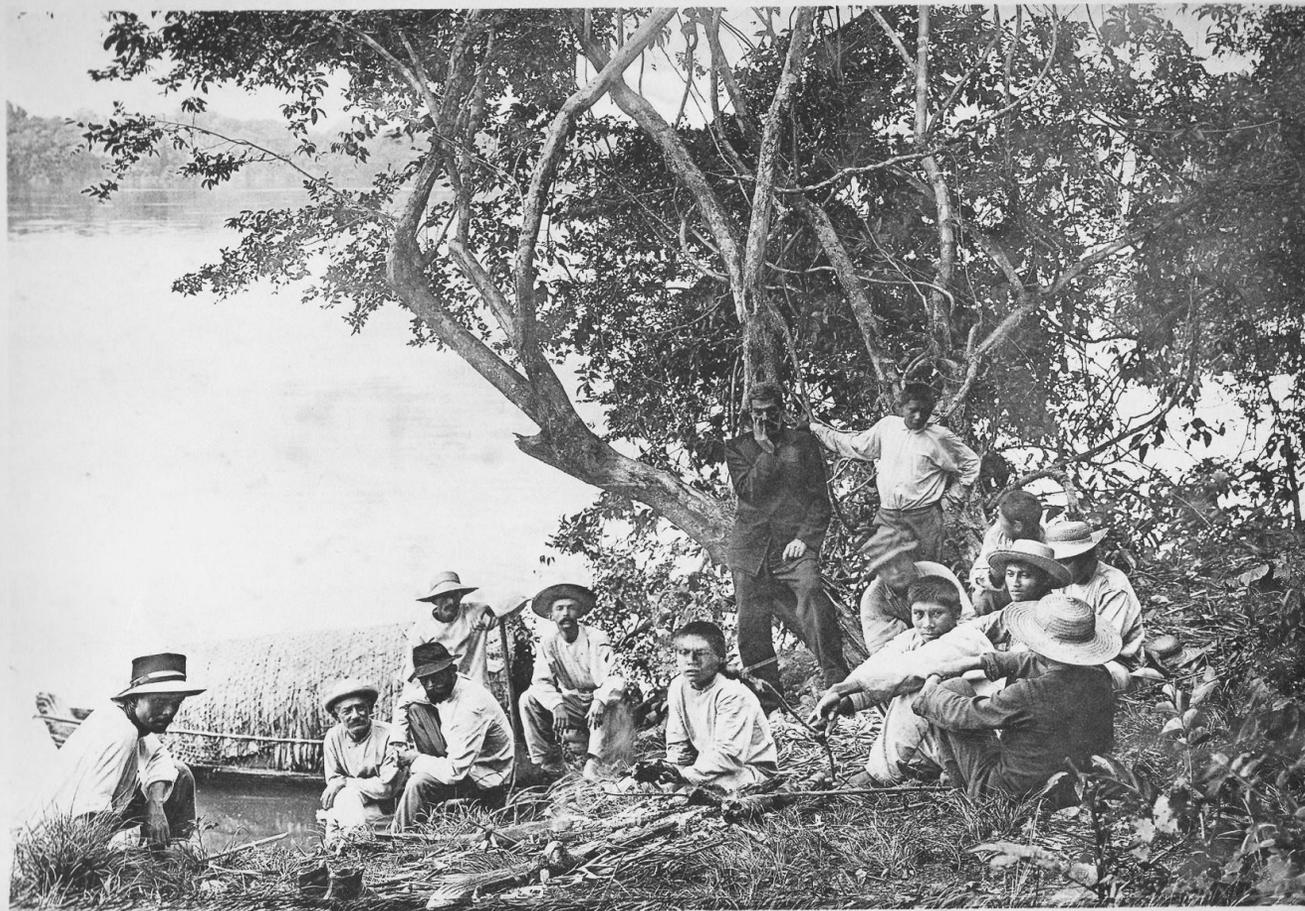
Passagem na Cachoeira grande.



Passagem na Cachoeira grande.



Parte da Cachoeira grande.



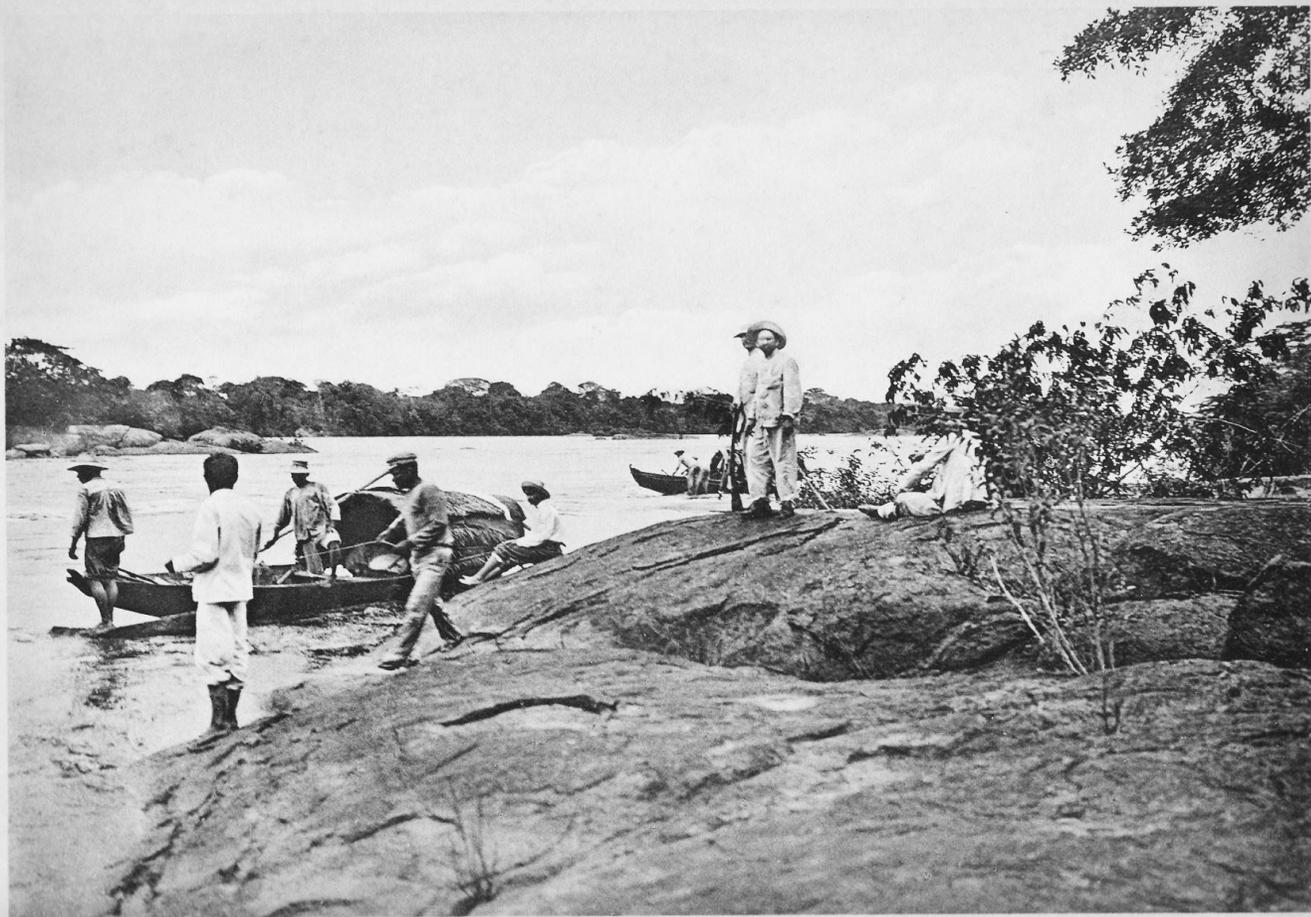
Passagem na Cachoeira grande — Almoço no Lage de Onças.



Passagem na Cachoeira grande — Sucurijú — N.º 1.



Passagem na Cachoeira grande — Sucurijú — N.º 2.



Passagem na Cachoeira grande.



Passagem na Cachoeira grande — Cotovello.



Passagem na Cachoeira grande — o Governador subindo com os praticos.



Porto da Bocca da Estrada.



Porto da Bocca da Estrada.



Antigo Barracão de Sebastião Diniz na Bocca da Estrada.



A lancha «Florida».



Embarcações chegando no Porto de Cima do Varadouro «Bem-Querer».



Chegada das embarcações no Porto de Cima no Bem-Querer.



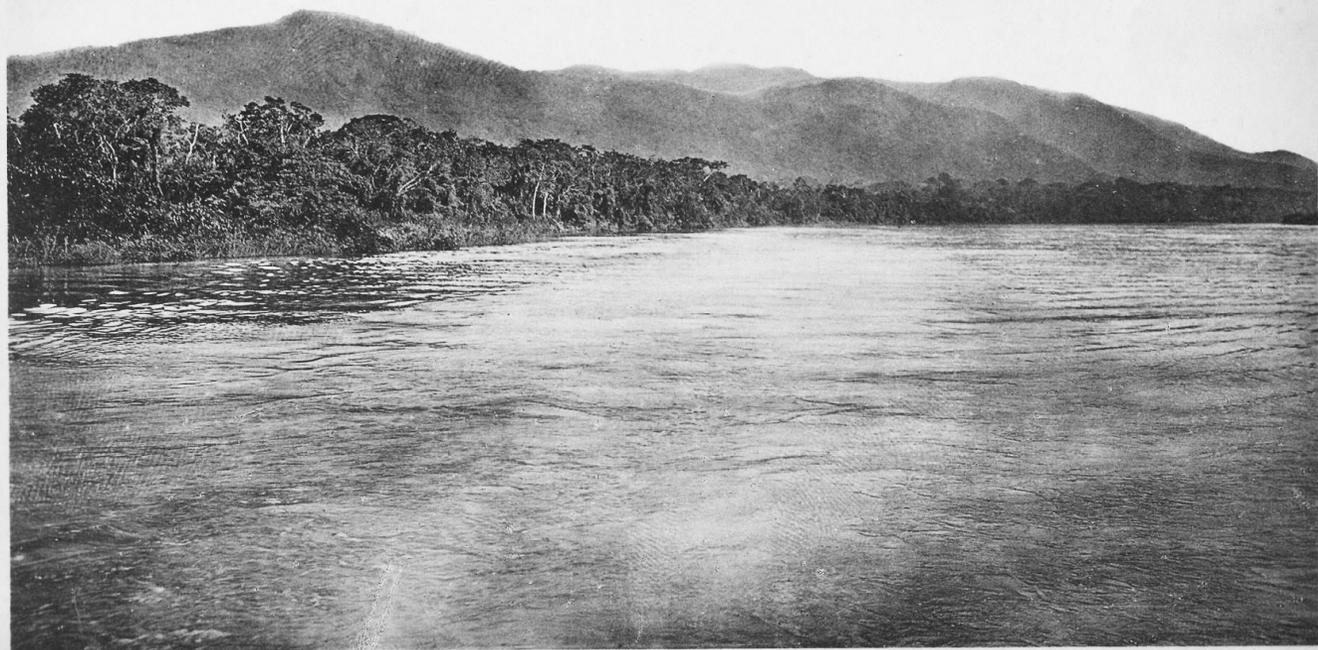
Varadouro «Bem-Querer» — Porto de Baixo.



Varadouro do «Bem-Querer» — Porto de Cima.



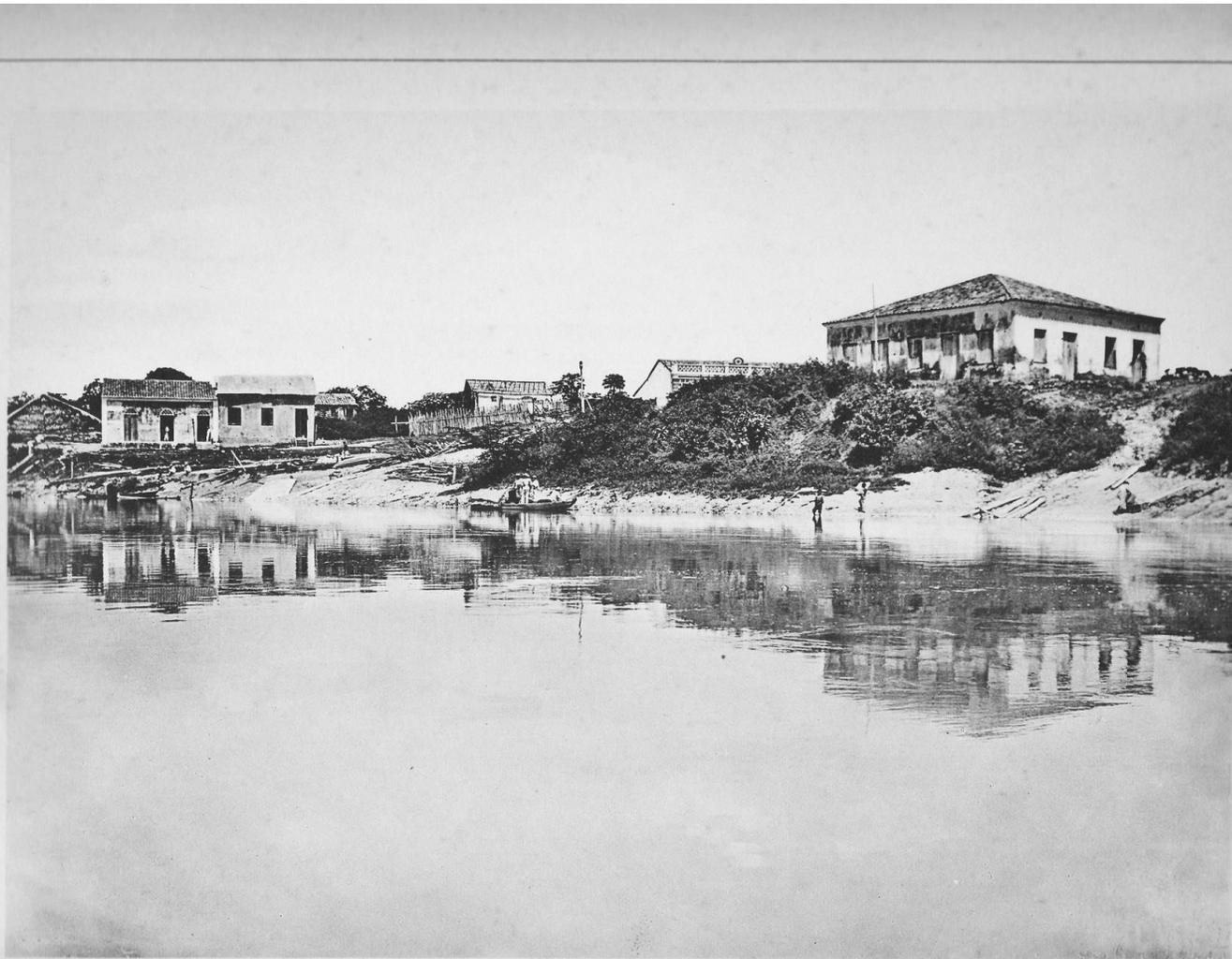
Varadouro do « Bem-Querer ».



Serra de Araraquara.



Serra de Araraquara — O vapor largando reboque.



Porto da Villa de Boa Vista.



Praça com igreja em Boa Vista.



Fazenda «Água Boa» do Coronel Motta.



Campos da Fazenda «Água Boa» do Coronel Motta.



Emprego do arado na Fazenda «Água Boa» do Coronel Motta.



« Capella ».



Fazenda «Capella».



Grupo geral na «Capella».



Passeio a cavallo nos campos da «Capella».



Confluencia do Uraricoera com o Tacutú formando o rio Branco — No fundo o Forte de S. Joaquim.



Ruínas do Forte de São Joaquim — Lado do rio.



Aquartelamento da guarnição de S. Joaquim.



Porto da Fortaleza de São Joaquim.



Ruínas do Forte de S. Joaquim — Lado Sul.



Ruínas do Forte de São Joaquim — Lado sudeste.



Ruínas do Forte de S. Joaquim — Interior.



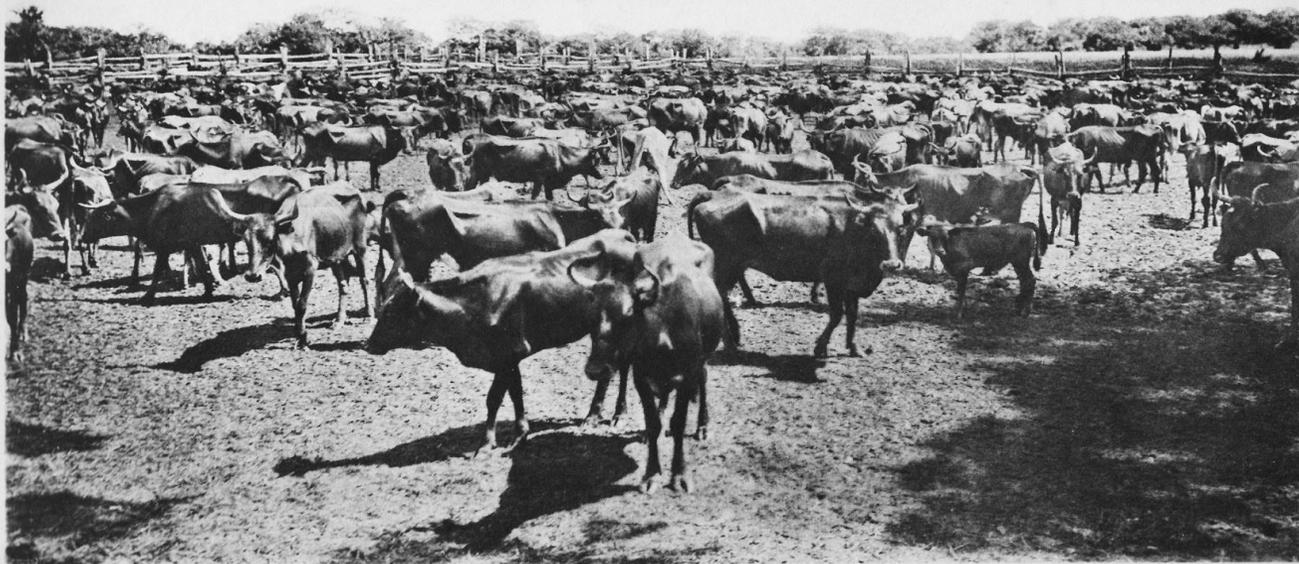
Porto da Fazenda Nacional de S. Marcos.



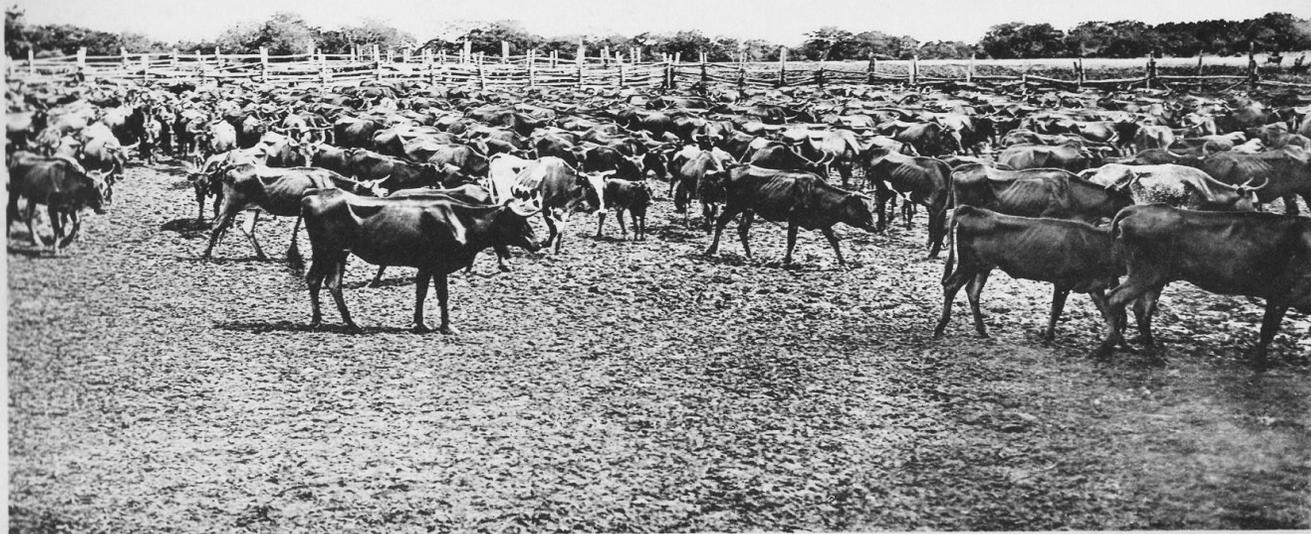
Casa do Administrador na Fazenda Nacional S. Marcos.



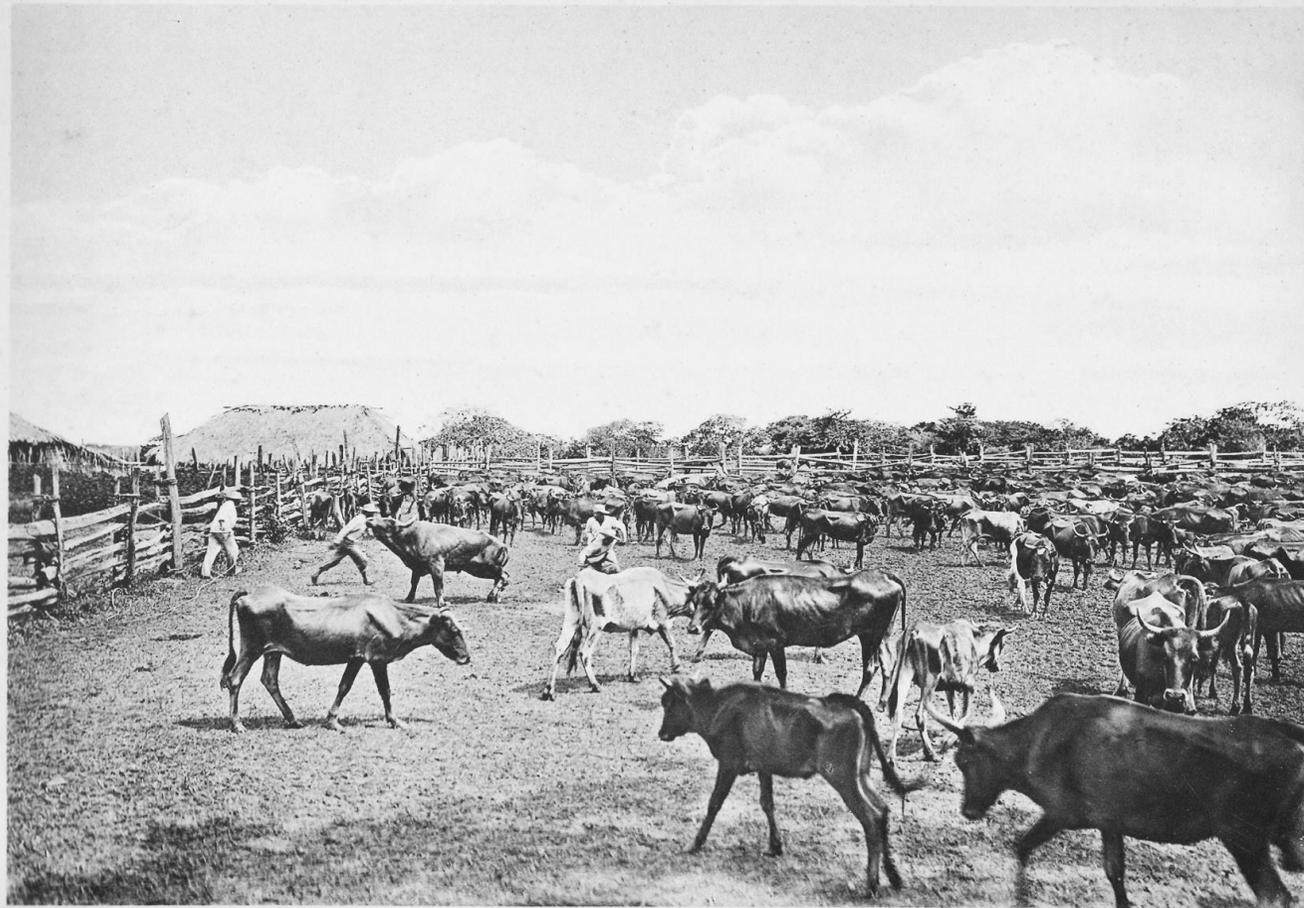
Indios Uapixanas na Fazenda Nacional de S. Marcos.



Gado no curral da Fazenda Nacional de S. Marcos.



Castração de gado na Fazenda Nacional de S. Marcos — N.º 1.



Castração de gado na Fazenda Nacional de S. Marcos — N.º 2.



Castração de gado na Fazenda Nacional de S. Marcos — N.º 3.



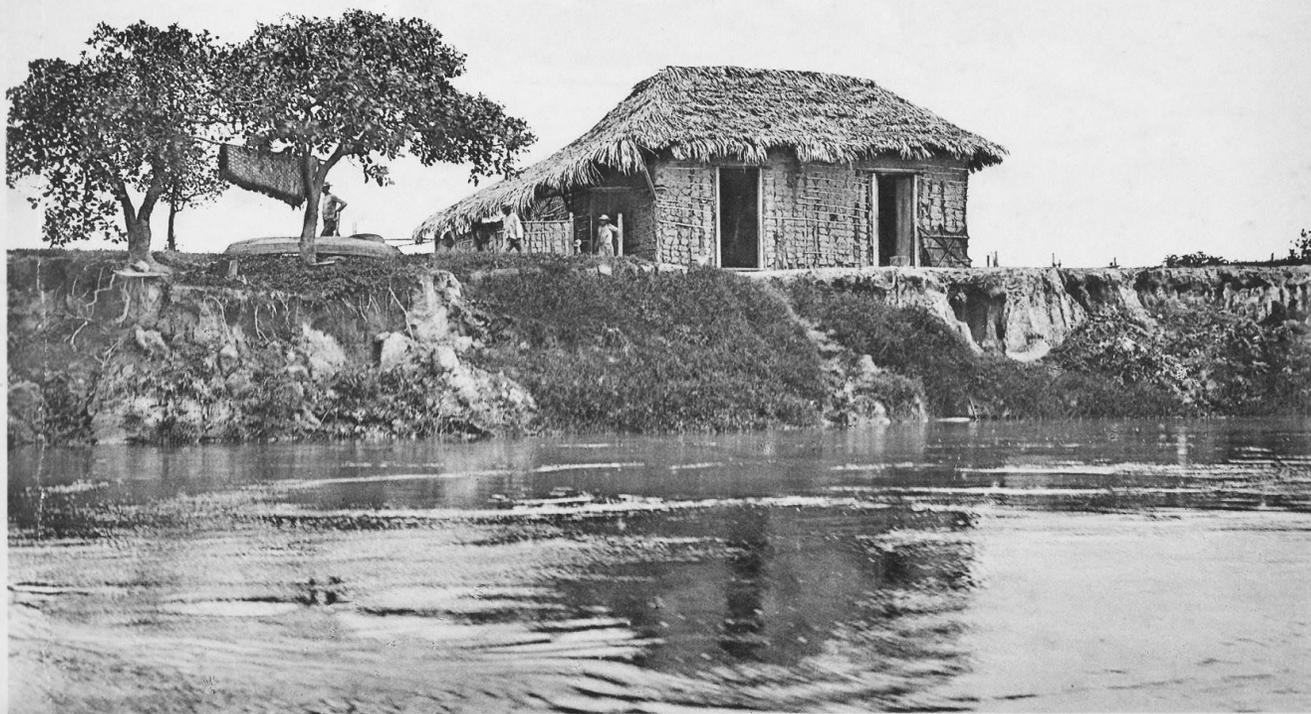
Castração de gado na Fazenda Nacional de S. Marcos — N.º 4.



Typo de boi na Fazenda «Tipucú».



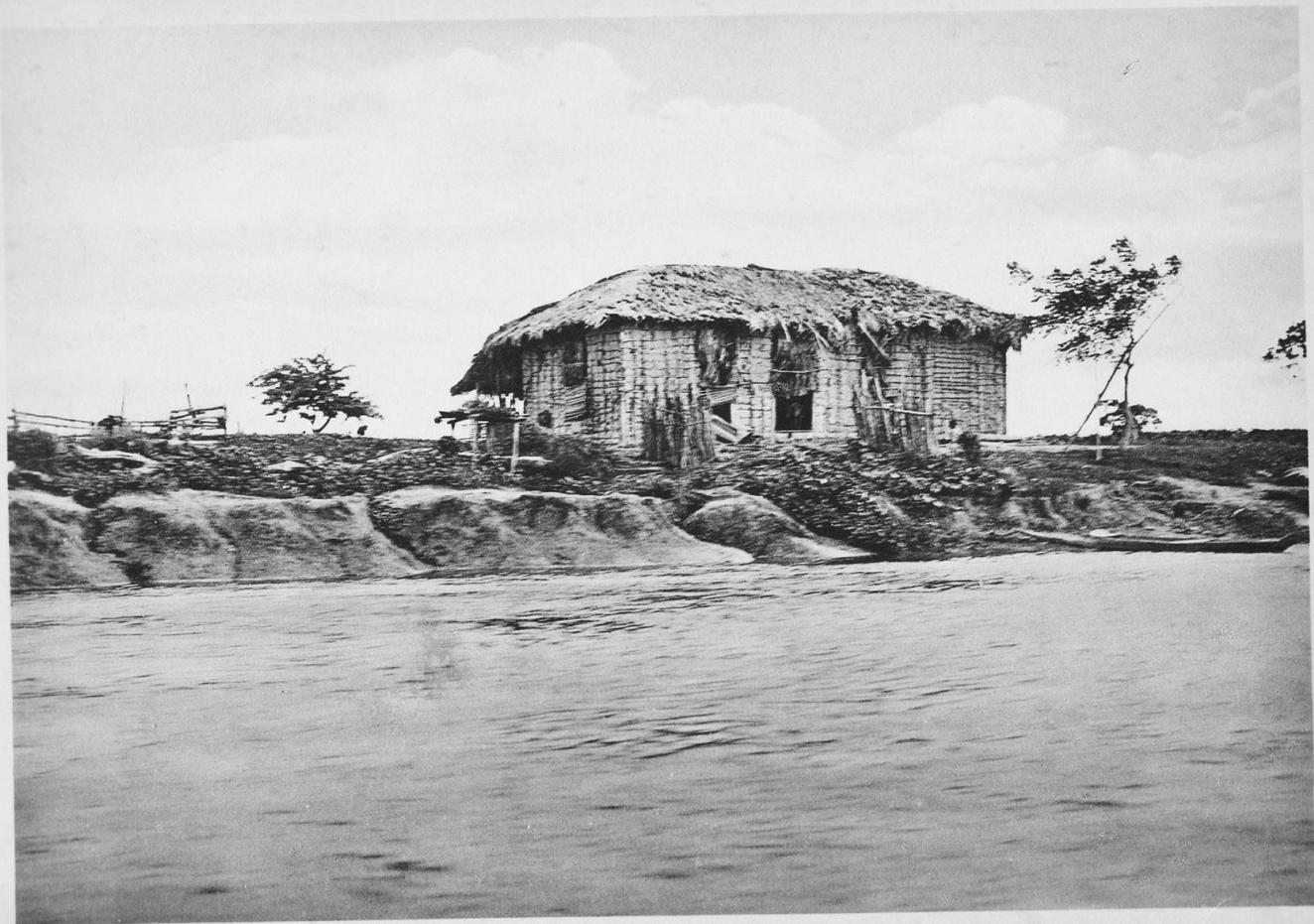
Fazenda «Graciosa» — Rio Uraricoera.



Fazenda «São Benedicto» — Rio Tacutú.



Nos campos da Fazenda «S. Benedicto» — Rio Tacutú.



Fazenda • S. Antonio • — Rio Tacutú.



Porto da Fazenda «Maravilha» -- Rio Tacutú.



Campos da Fazenda «Maravilha» — Rio Tacutú.



Caça de Veado no rio Tacutú.



Bocca do Mahú e fronteira da Guyana Ingleza.



Grupo na fronteira da Guyana Ingleza — Governador com comitiva.



Fazenda «Nazareth» — Rio Uraricoera.



Uma boiada na Fazenda Caracaray — Rio Uraricoera.



Fazenda «Urupirupe» — Rio Uraricoera — (Vista tirada da serra do mesmo nome).



Fazenda Urupirupe com o serro do mesmo nome — Rio Uraricoera.



Cachoeira acima da Missão de S. João de Caya-Caya — Rio Uraricoera — N.º 1.



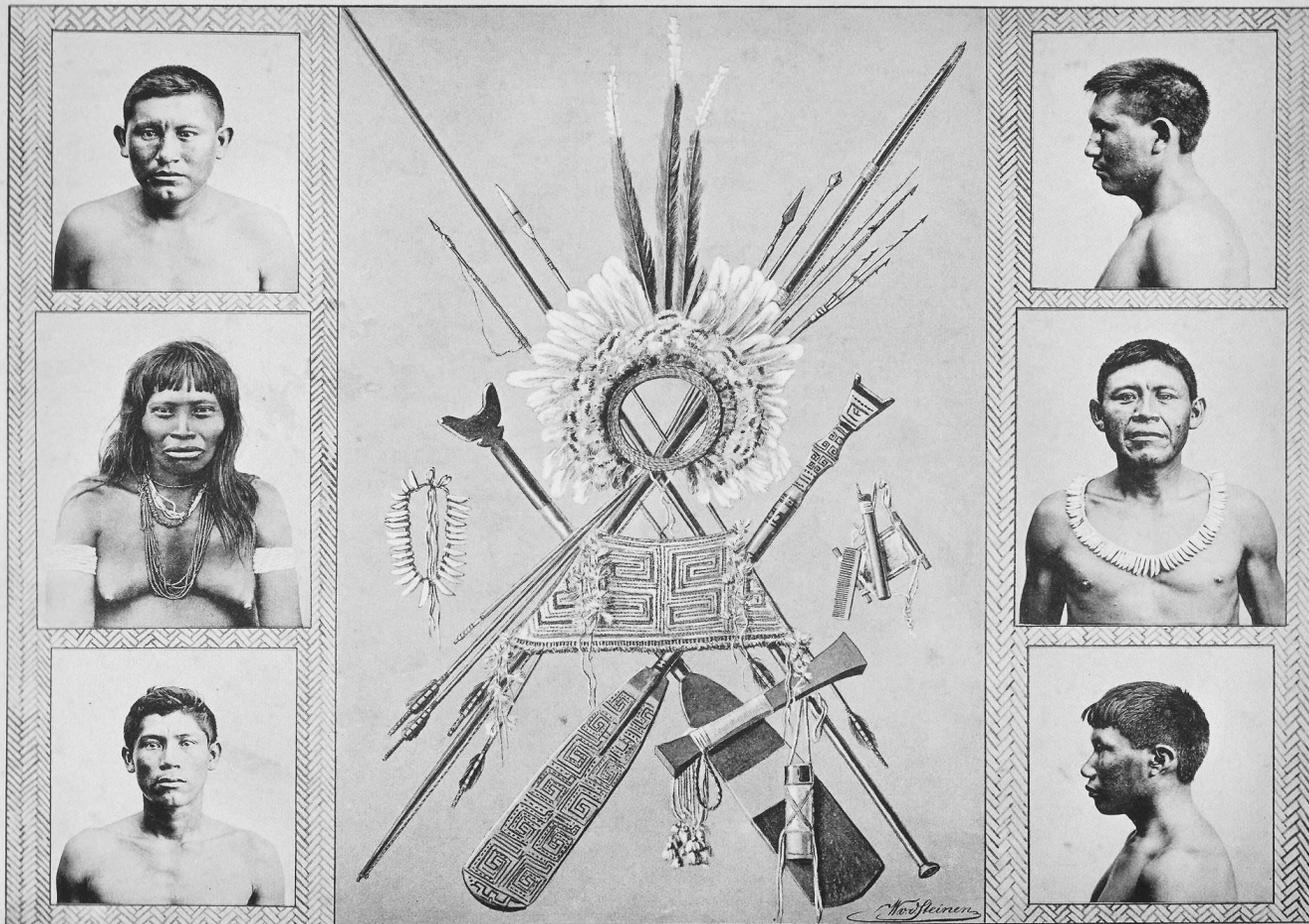
Cachoeira acima da Missão de S. João de Caya-Caya — Rio Uraricoera — N.º 2.



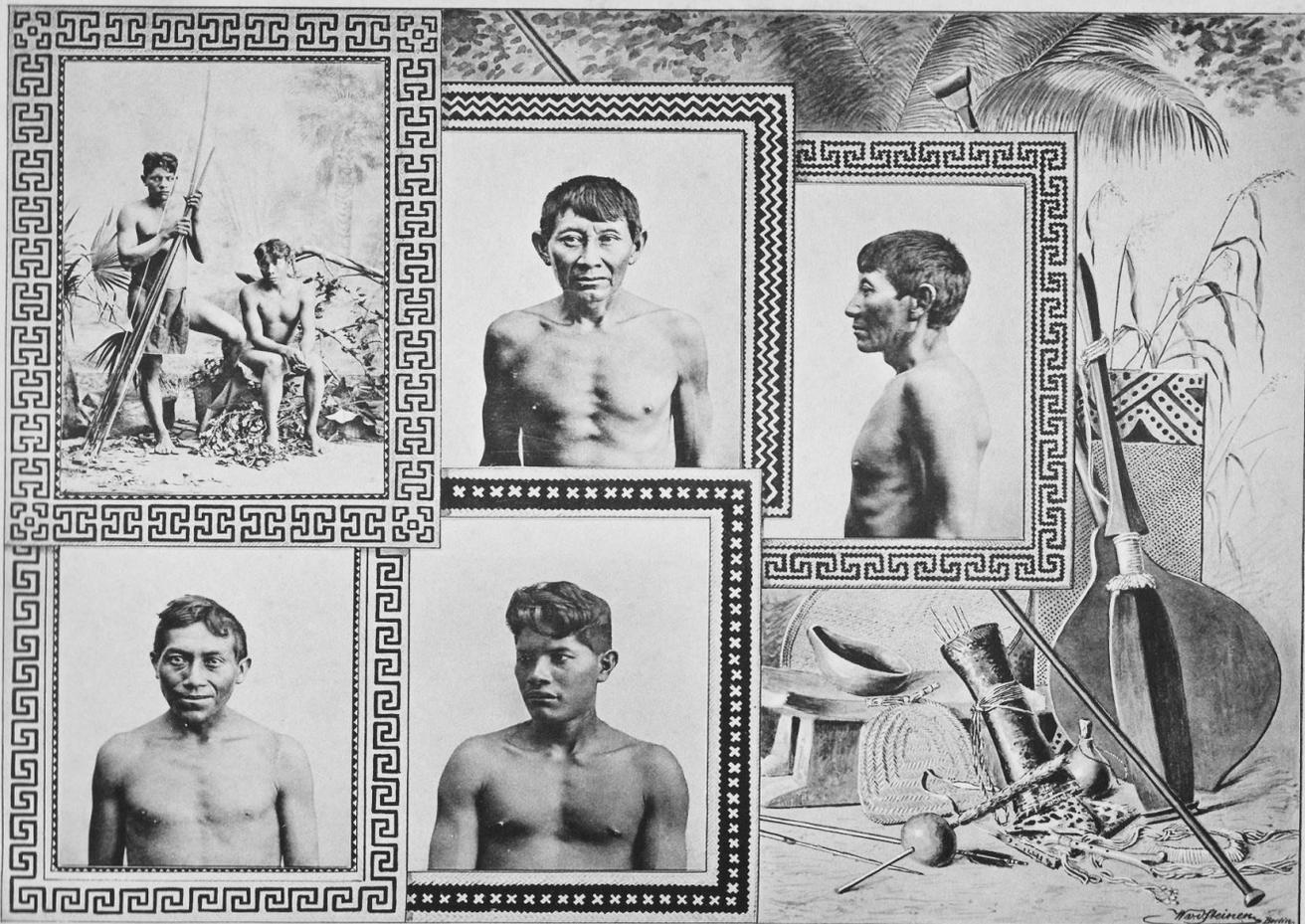
Typo de Vaqueiro.



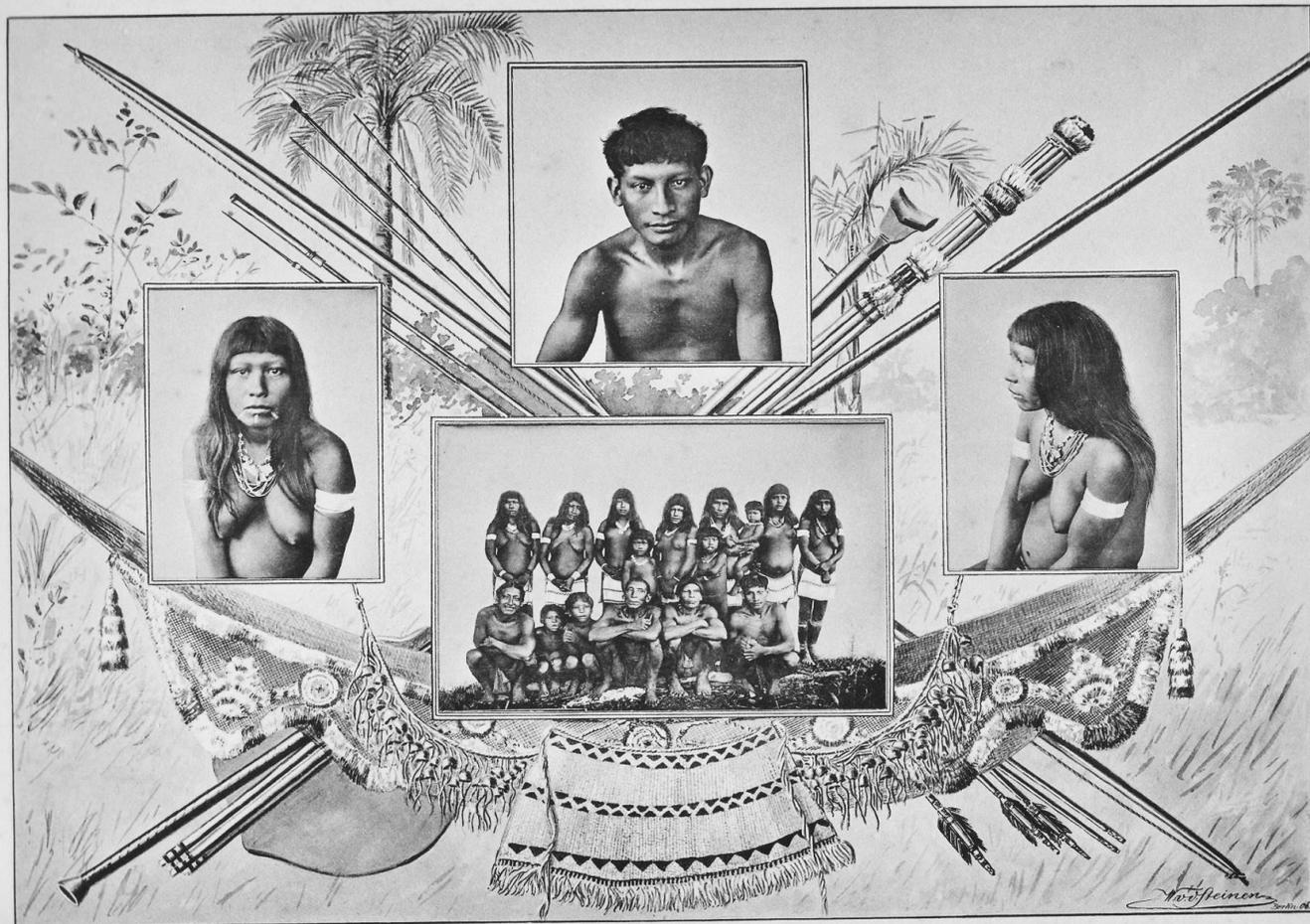
Índios Macuxis e Uapixanas com o Tuixáua Macuxi Ildefonso.



Indios Macuxis.



Indios Uapixanas.



Indios Pauzianas.

**PHOTOGRAPHIA ALLENÃ**

AV. ED. RIBEIRA Nº 11

MANAÓS

CAIXA POSTAL 147

AMAZONAS

**PHOTOGRAPHIA FIANZA**

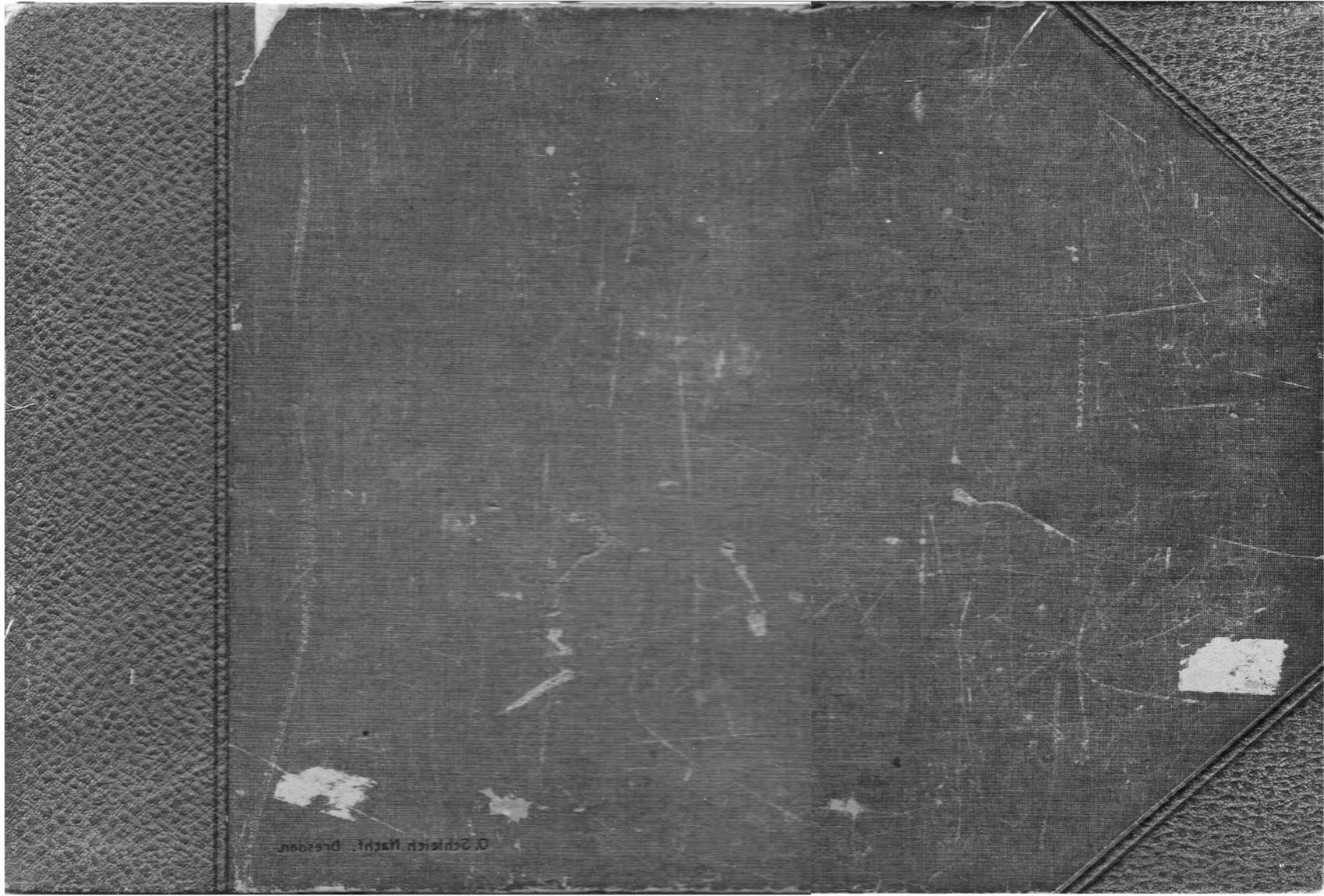
RUA CONS. JOÃO ALFREDO

CAIXA POSTAL 187

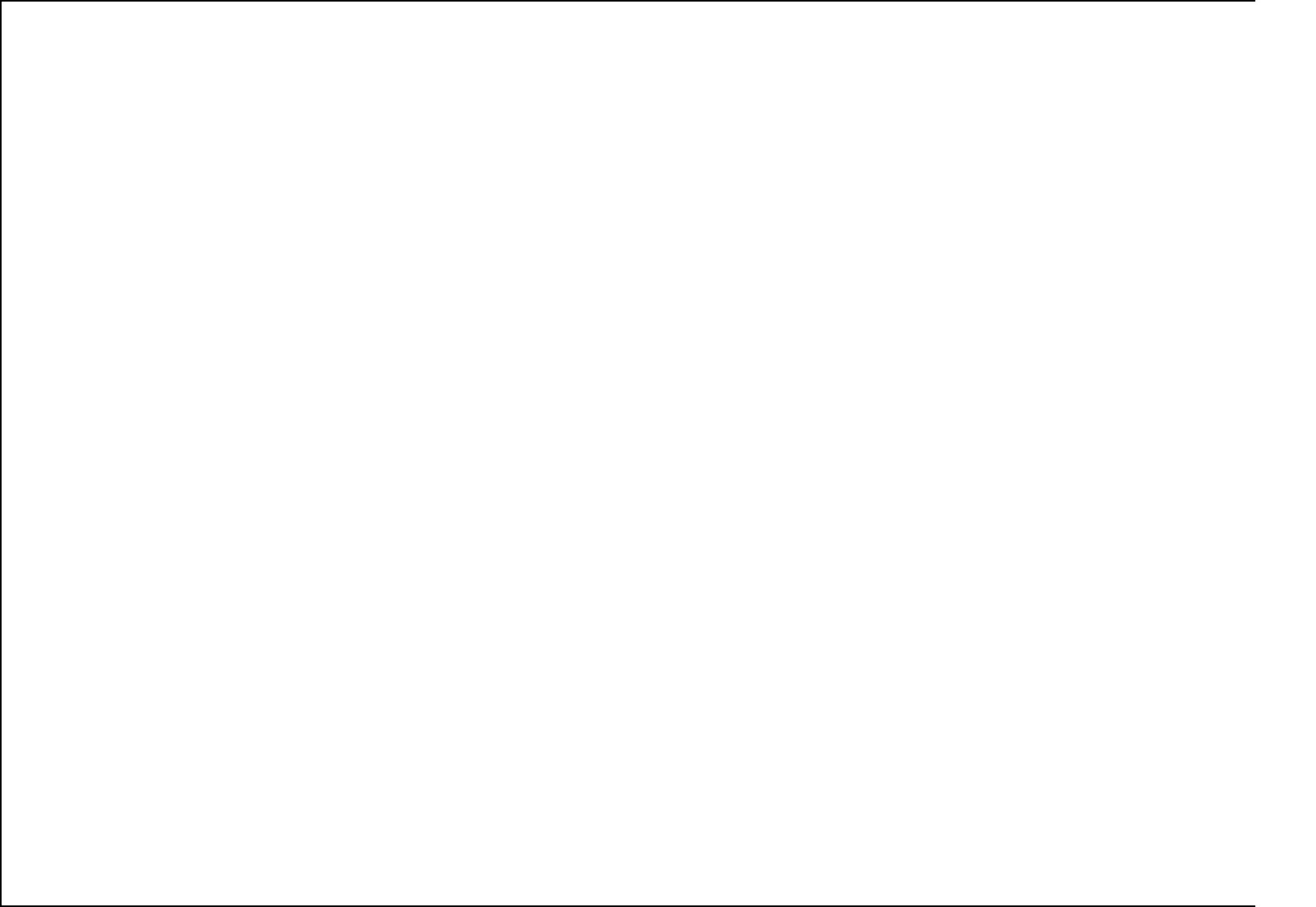
BELEM PARÁ

G. HUEBNER & AMARAL

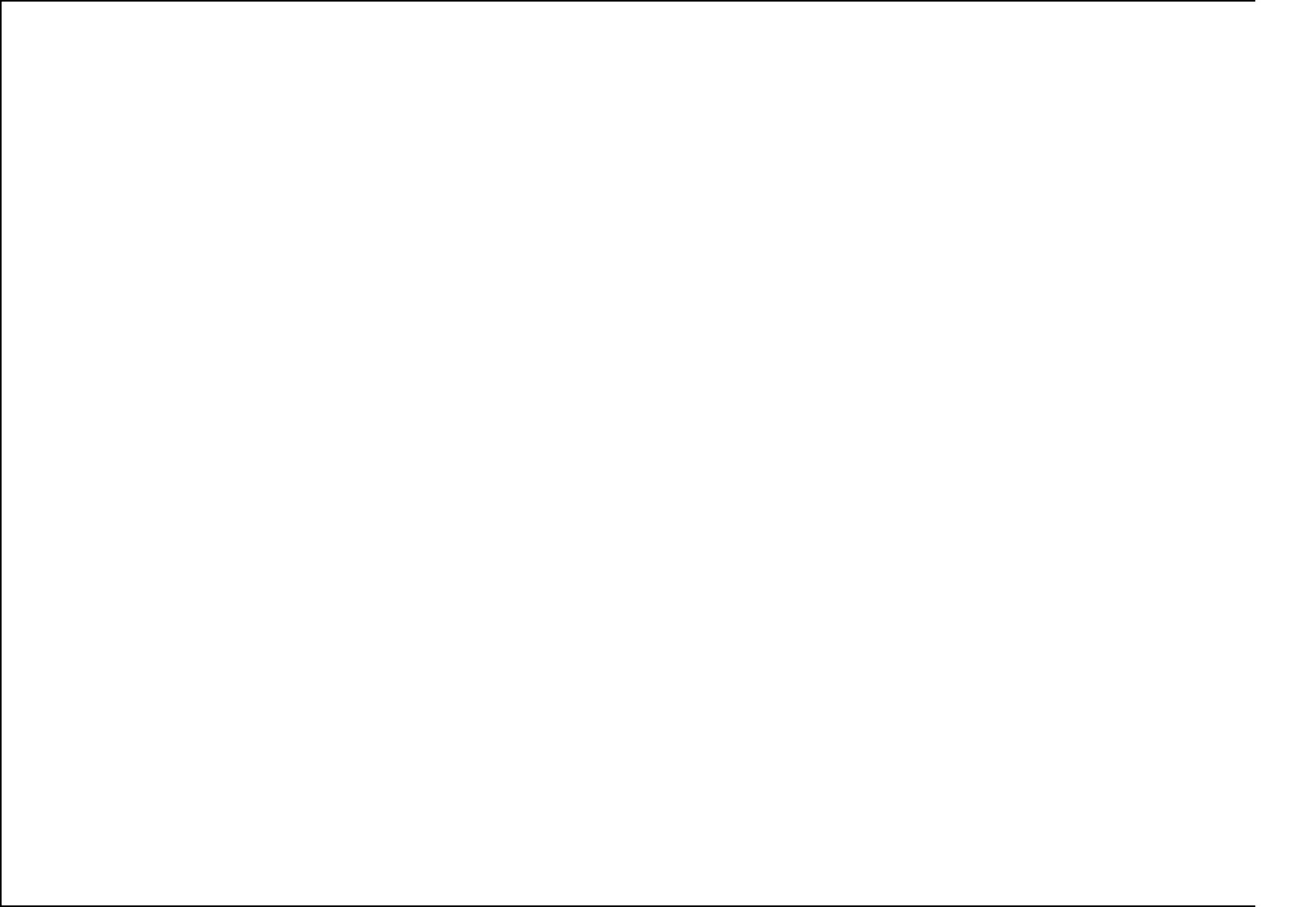
©. Jose 06.



O. Schleich Nachf. Dresden.



# Estudios críticos



Diferença e repetição :  
um álbum europeu e uma paisagem brasileira nos paradoxos da República e da imagem fotográfica

Maurício Zouein  
Andréa Casa Nova Maia

*"Nos mesmos rios entramos e não entramos, somos e não somos. Não cruzarás o mesmo rio duas vezes, porque outras são as águas que correm nele."*

Heráclito de Éfeso

## Diferença e repetição:

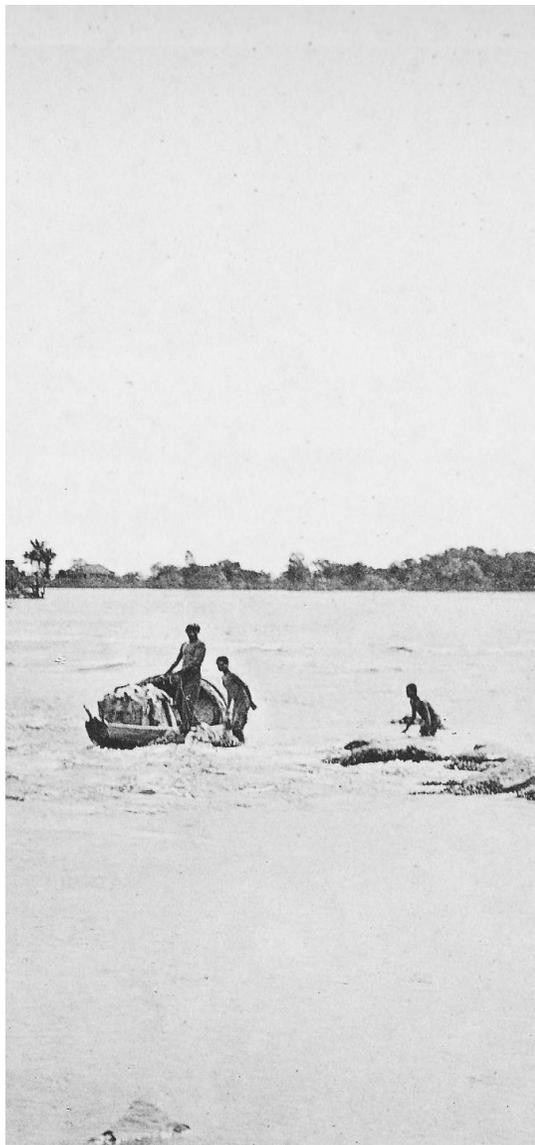
um álbum europeu e uma paisagem brasileira nos paradoxos da República e da imagem fotográfica

O que é um rio? Como fechar os olhos para ver uma paisagem que é atravessada pelas águas de um rio branco? O álbum testemunha uma descoberta de outro Brasil. Não mais reproduz o visível, mas torna visível para o mundo os antes sem-imagem, os até então excluídos tanto da visibilidade dominante como da vida social e política. Sertanejos, população ribeirinha, administradores em fazendas de gado que, em 1904, ainda são estrangeiros em seu próprio país e que o fotógrafo agora dá a ver em outras paragens.

O álbum é um arquivo, é uma coleção de imagens que conta a história de uma paisagem onde imperam a água e o gado. Fotografar um rio e suas margens não se limita em reproduzir o movimento das águas, dos barcos a vapor, os ribeirinhos ou cenas de ruínas e poucas capelas, ou casas do período colonial. O rio existe materialmente, pode-se percorrer seu espaço, estudar sua trajetória, conhecer quem por ele navega. Mas, esse rio material só é acessível ao olhar, ou à fotografia, através de pontos e ângulos de tomada que são imateriais. Cada percurso pelo rio desenvolve uma infinidade de visões efêmeras, que se desfazem com o subir e descer das águas, que mudam com a perspectiva escolhida, que variam com os pontos de vista.



Reboque do vapor próximo a serra do Araraquara  
Fotografia de George Huebner 1904



Por isso, não se pode banhar-se nas mesmas águas por duas vezes. O rio é o movimento. Um mesmo rio (material) contém tantos rios (virtuais) quanto forem seus pontos de vista, as visadas, as perspectivas, os percursos. Apesar da edição do Álbum terminar apenas em 1906 as fotografias variam entre 1894, resultado da primeira viagem de Huebner ao Vale do Rio Branco, e 1904 quando fez parte da comitiva de Constantino Nery na condição de fotógrafo da expedição. Por isso, a epígrafe de Heráclito de Éfeso fala dos sujeitos históricos e da natureza em movimento. O rio e a fotografia estão em movimento.

Cachoeira acima da Missão de S. João de Caya-Caya  
Fotografia de George Huebner 1904

O álbum constrói-se na operação de corte e recorte, na montagem a serviço de um discurso sobre o Brasil. Discurso construído por um governador, por um engenheiro, por um fotógrafo e uma editora alemã. Como veremos, o próprio projeto gráfico inverte as imagens reproduzidas no álbum. Grafia europeia em diferença com paisagens de uma natureza ainda quase intocada e tão abatida. Ruínas de uma época. O mato, o rio, e a natureza que precisavam se aproximar do centro de poder, precisavam se civilizar. Na contramão de outros álbuns, um álbum sobre o norte do país que pouco fala do exótico, mas que explora ao máximo a pecuária, a existência das fazendas e o poder dos coronéis. Os índios também aparecem, porém, em outro registro, contornados por molduras gregas e germânicas.

O olhar é dinâmico. Procura, busca e investiga, mas também é generoso e cúmplice quando nada se mostra de interesse do espectador. Quando nada, aparentemente, acontece. Ou melhor, imperceptivelmente acontece. São paisagens, cenários, gestos, pessoas que nos são impostas diariamente ao olhar. Constantemente. A repetição furta à capacidade da admiração, apreciação, de percebermos a nuance, a degradação, os tons, a transformação as diferenças.

Fotografia que recria mais do que reproduz um momento para quem a contempla. A dinamicidade do olhar e a criatividade da interpretação encontram-se na imaginação. Obviamente mais intrincado que um simples encontro. Complexo itinerário que nos faz de forma fluídica, idílica criar histórias e nelas encontrarmos uma verdade diferente a cada momento de contemplação. Como o rio, a imagem é construída na diferença e na repetição.



Reboque na passagem da cachoeira grande/ Sucurijú  
Fotografia de George Huebner 1904

A edição oficial de 1906 d'O Valle do Rio Branco – Estado do Amazonas de Jacques Ourique, apresenta logo na segunda página as intenções do então governador do Estado: “promover o povoamento e progresso do alto Rio Branco”. Temos aqui um engenheiro, Ourique, que está a cargo desta empreitada junto com os editores Huebner e Amaral, que trataram de ilustrar com “vistas dos pontos mais interessantes”, além de um mapa de Stradelli, que completaria a incumbência de mostrar a riqueza e corroborar no “processo civilizatório” empreendido pelo governo da recém inaugurada República . A proclamação ocorrera em 1889 e, passados poucos anos, já no século XX, o país ainda estava consolidando o novo regime republicano e aprendendo a lidar com o federalismo. Era necessário materializar a imagem de uma República progressista, moderna, liberal. Tanto que a primeira imagem que temos acesso ao folhear as páginas do livro é justamente a fotografia do Dr. A. Constantino Nery, o líder republicano naquelas paragens tão distantes da Capital Federal, o Rio de Janeiro, que na mesma época da publicação do álbum, acabara de passar por uma grande reforma urbana aos moldes da Paris de Haussmann, tendo sido completamente transformada em seu traçado para que a arquitetura e suas largas novas avenidas refletissem os ideais positivistas republicanos de civilização e progresso.





Dr. Antônio Constantino Nery  
Governador do Estado do Amazonas  
Fotografia de George Huebner

A parte textual do álbum reflete esse discurso de progresso, pois traça um detalhado perfil da região, trazendo dados contemporâneos à época sobre a geografia e a necessidade de abertura de estradas e melhoria da navegação fluvial, mas também apresenta em minúcias a economia e as fazendas, o índio, o estancieiro, o transporte, a agricultura, chegando até a fornecer coordenadas astronômicas.

Cabe destacar aqui como o texto constrói uma narrativa em sintonia com os ditames da República. Em vários momentos, o texto cita inclusive trechos da Constituição. Era necessário povoar aquela região. A República deveria povoar o território e demarcar melhor as fronteiras.

Ao nos depararmos com as imagens fotográficas que traduzem o conceito republicano de esforço do civilizar encontramos a perspectiva do fotógrafo. No Vale do Rio Branco o sol recém assumia seu lugar no céu azul e sem nuvens. Debruçado às margens do rio, cujo nome deu origem ao Vale, molhando o rosto para refrescar-se do calor no extremo norte, Huebner olha seu reflexo por sobre as pequenas ondas. Era um breve momento de reflexão. Os preparativos para mais um dia de trabalho se repetiam num ritual cuidadoso ao manusear o equipamento pesado. Por um momento Huebner desviou o olhar do reflexo na água para o “Vapor Marary”. A comitiva do governador Constantino Nery estava a arrumar as provisões para seguirem viagem nas canoas. O fotógrafo pediu para todos se colocarem em volta do Governador que estava sentado na rede armada no segundo andar do Vapor. A fotografia consta no Álbum com o nome: O vapor Marary em Caracaray, Rio Branco.

Antônio Constantino Nery nasceu em Coari (AM) no dia 08 de dezembro de 1859. Formado pela Escola Militar do Rio de Janeiro, foi oficial do Exército e chegou ao posto de major de engenheiros.. Participou da Campanha de Canudos e escreveu o livro “A quarta expedição contra canudos: cem léguas através do sertão, de Aracaju e Queimadas, via Canudos”, publicado no Pará em 1898 pela Tipografia Pinto Barbosa & Cia. Constantino foi Senador da República por dois mandatos: o primeiro de 1901 a 1902 e o segundo de 1903 a 1904. A Constituição do Estado do Amazonas não permitia a sucessão de parentes próximos no governo. Numa manobra política, Silvério Nery, Governador do Amazonas desde 1900, renunciou ao cargo em 1903 faltando um ano para o término do mandato. Foi tempo suficiente para Constantino poder se candidatar à vaga antes ocupada pelo irmão, ganhar o pleito e ser empossado em 23 de julho de 1904.

O Amazonas, particularmente Manaus, vivia o auge da *Belle Époque*. A exploração da borracha rendia um estilo de vida onde se procurava em quase tudo imitar a cultura europeia. Os prédios, praças, ruas e bondes representavam as obras do governo sustentadas pelos impostos do comércio cujas vendas de roupas, perfumarias e acessórios até as bebidas, charutos e cigarrilhas eram signo do bom gosto europeu que consumia a cultura local. Por sua vez as exportações se traduziam no predomínio da borracha. Quase oitenta por cento da carne bovina consumida em Manaus era fornecida por parte das criações nos lavrados do alto Rio Branco. Constantino Nery, percebendo a importância daquele Vale, se empenhou em divulgar a capacidade que o governo amazonense possuía em levar o progresso para aquelas paragens. Para tal empreitada convidou o Major Jacques Ourique (1848-1932) para produzir um estudo sobre o “Valle do Rio Branco”.





Rio Branco

Indio Macuxi

G. Huebner & Anstalt, Photographia Alema Manaus 4635

Alfredo Ernesto Jacques Ourique entrou para o Exército em 1864. Combateu os paraguaios entre 1867 e 1870. A Guerra do Paraguai lhe rendeu a condecoração da Ordem do Cavaleiro da Rosa em 1868 e a promoção a 2º Tenente por atos de bravura em 1869. Ao término da Guerra, Ourique passou a cursar engenharia militar entre os anos de 1871 e 1876. Recebeu a promoção de Major em 1875. Sete anos mais tarde lançou com seus colegas, o Major Antônio Vicente Ribeiro Guimarães e o Capitão Francisco Agostinho de Mello Souza Menezes, a Revista do Exército Brasileiro, o que pode explicar o convite de Constantino Nery, também engenheiro militar, para acompanhar a comitiva ao “Valle do Rio Branco” em 1904. Ourique atuou ativamente no movimento republicano: 1889 - Secretário de Deodoro da Fonseca; em, 1890 - eleito deputado ao Congresso Constituinte pelo Distrito Federal e em 1891 - nomeado por Floriano Peixoto à comandante militar na Bahia. Porém, integrou o movimento que pretendia realizar as eleições para presidência da República contra a permanência de Floriano. Conseqüentemente, em 1892, foi condenado ao desterro na Amazônia. Aceitando o convite do então governador do Amazonas, Constantino Nery, Ourique viajou em 1904 com a comitiva para dar a conhecer um dos lugares mais remotos do Brasil... O Vale do Rio Branco. Somente o texto de Ourique não bastava para divulgar o lugar onde Nery queria provar a capacidade de civilizar. Era preciso produzir imagens e dar ao povo a capacidade de se imaginar numa nova frente de trabalho. Para tal foi convidado George Huebner (1862-1935).

Cartão postal de 1904 cuja fotografia foi produzida em 1894/95. O índio Macuxi / arma e indumentária para a caça a onça. O cenário foi construído no quintal do estúdio *Fotografia Alemã*

O fotógrafo Huebner havia passado por Manaus em duas ocasiões. A primeira em 1885 quando estava a caminho do Peru para realizar fotografias das etnias *campa*, *caxibo*, *cunivo*, *mayonisha*, entre outras. A segunda foi em 1894 quando viajou para a fronteira do Brasil com a Venezuela, na região do Alto Orinoco, passando pelo Rio Branco com o propósito de coletar amostras de orquídeas e produzir fotografias das paisagens e retratos. O fotógrafo e orquidófilo voltou para Dresden, onde nasceu, com cerca de 60 imagens das paisagens e de indígenas identificados como Pauxiana. Mas pouco ficou em sua terra natal. Voltou para o Brasil e se estabeleceu na cidade de Manaus em 1898, após uma breve estadia no Pará onde trabalhou com Felipe Augusto Fidanza (1847-1903), outro fotógrafo renomado na Amazônia entre os séculos XIX e XX.



George Huebner (em pé a esquerda) na parte dos fundos da Fotografia Alemã. 1904/1905.  
Fonte: Acervo de Marburg – Alemanha.

Huebner inaugura o estúdio “Photographia Allemã” em 1899, localizado bem a frente do Palácio do Governo numa época em que a borracha sustentava e proporcionava transformações culturais, sociais, políticas e econômicas na capital do Amazonas. O fotógrafo se vê em meio a uma necessidade social pela informação: retratos, cartões de visita, anúncios publicitários e álbuns para particulares ou para o governo. Dentre os álbuns produzidos encontramos o “Valle do Rio Branco” produzido para relatar a viagem de Constantino Nery e comitiva ao extremo norte do País.



Editado por Felipe Augusto Fidanza em 1902, capa revestida de tecido vermelho, com o título escrito em letras douradas e possui 189 páginas. George Huebner trabalhou como fotógrafo para Fidanza durante a produção do Álbum.

Na Amazônia os álbuns oficiais, entre os séculos XIX e XX, foram editados com o interesse dos governantes locais em registrar o desenvolvimento que propiciaram aos seus estados. Fosse ao cenário urbano ou rural, as ações governamentais deveriam ser expostas para a Nação. O fotógrafo, a câmera fotográfica e a fotografia cumpriam seus papéis, registravam, documentavam e construíam a imagem do extremo norte do Brasil. Em Roraima, no início do séc. XX, a maior fonte de renda era o gado de corte e as seringueiras pouco existiam na região. As comunidades indígenas cultivavam e caçavam seus alimentos. Os não índios se preocupavam com terras, fazendas e gado.

As fotografias na Amazônia, que antes dependiam da qualidade do estúdio, dos equipamentos que davam suporte a câmera, das claraboias responsáveis pela iluminação, dos cenários pintados com diversas paisagens ou dos tecidos geralmente importados, passaram a revelar o cotidiano de indígenas e negros que viviam em lugares inóspitos. As pessoas, as cidades, as florestas, os rios, as plantas, os animais e o pôr do sol passaram a ser fotografados por exploradores, pesquisadores, viajantes e fotógrafos profissionais contratados por governos locais.

Em 1867 o ateliê Fidanza & Cia. situava-se no centro comercial da cidade de Belém. Primeiro no Largo das Mercês nº6, depois mudou-se para a Travessa Santo Antonio nº21 e, por fim, em 1890, na Rua Conselheiro João Alfredo nº22. Fidanza destacou-se nas *carte de visite* e nas *cartes cabinet*. A primeira consistia de uma fotografia revelada por meio de impressão albumina e colada em um cartão de papel com gramatura elevada medindo 10 cm x 6,5 cm. A segunda possuía um tamanho pouco maior 13 cm x 8,5 cm.

Com 85 pranchas fotográficas o álbum “Valle do Rio Branco” possui 131 páginas, com o texto de Jacques Ourique e um mapa do também fotógrafo Ermanno Stradelli. Huebner recebeu a Medalha de Ouro na exposição nacional de 1908 no Rio de Janeiro.

As pranchas fotográficas dividem-se em:

30 fotografias mostrando o Rio Branco e sua navegabilidade

15 fotografias dos gados em diversas fazendas;

13 fotografias de fazendas

09 fotografias com a comitiva e moradores da região

07 fotografias do Forte São Joaquim

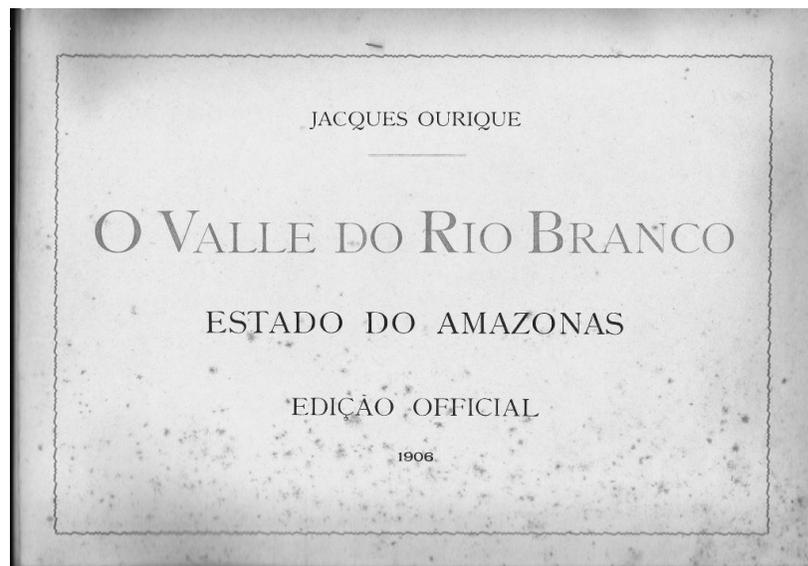
04 fotografias com indígenas

02 fotografias de seringais

02 fotografias do centro de Boa Vista

02 fotografias da fronteira com a “Guyana Inglesa”

01 fotografia com boiadeiro



N.º de ordem	N.º de exemplar	Quantidade e designação
1081	21	1 quadro do Monsenhor Francisco Benedicto da Fonseca Coutinho—1903;
1082	21	1 dito do Dr. Antonio Constantino Nery—1904;
1083	21	1 dito do Coronel Raymundo Affonso de Carvalho—1907;
1083-A	21	1 dito (1 <sup>m</sup> ,40×1 <sup>m</sup> ,00) contendo photographias do mesmo expositor;
1084	53	1 dito (1 <sup>m</sup> ,10×0 <sup>m</sup> ,88) que serve de mostruario a 15 vistas photographicas dos festejos do <i>Carnaval</i> de 1908, na avenida Eduardo Ribeiro em Manáos; encerra estas vistas uma grande moldura de <i>pão precioso</i> do Amazonas;
1085	53	1 dito, idem, idem;
1085-A	52	1 dito grande (1 <sup>m</sup> ,10×1 <sup>m</sup> ,90) emoldurado em madeira do Estado; contém diversas vistas photographicas da "Tabacaria Cubana," de propriedade de José Gonçalves Bastos, em Manáos, assim como a do diploma que o mesmo Sr. mereceu na Exposição Universal de S. Luiz—1904
1086	31	(Grupos diversos): 300 exemplares de <i>Album do Amazonas</i> , edição da photographia F. A. Fidanza, de Manáos, mandado organizar, em 1892, na administração do sr. dr. Silverio José Nery; contém vistas panoramicas da capital e seus suburbios e algumas do interior do Estado. Compõe-se de 120 paginas, além 72 de texto, em separado no final do livro; faz uma ligeira descrição do Estado, em tres idiomas: portuguez, francez e inglez.
1087	31	300 ditos d' <i>O Valle do Rio Branco</i> , edição de 1907; mandado executar por interme-

198

N.º de ordem	N.º de exemplar	Quantidade e designação
1088	31	12 colleções do <i>Archivo do Amazonas</i> , revista destinada a tornar conhecidos os documentos sobre geographia e historia do Amazonas, existentes no Archivo Publico do Estado; publicação dirigida pelo Sr. Major Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha e começada na administração do Sr. Dr. Antonio Constantino Nery.
1089	31	20 exemplares dos <i>Annaes de Berredo</i> (2 volumes); contém a transcripção das chronicas deste autor sobre historia do Amazonas, organizados pelo Sr. Bertino de Miranda Lima e mandados imprimir ás expensas do Governo do Estado.
1090	11	1 dito do <i>Album do Rio Acre</i> , edição de luxo, de que é autor o Sr. Dr. Emilio Falção. Contém vistas panoramicas das principaes localidades da região do rio Acre e retratos dos personagens mais distinctos daquela localidade. Edição de 1906—1907.
1091	31	20 ditos do <i>Catalogo do Amazonas na Exposição de S. Luiz</i> (1904), organizado por Bernardo de Azevedo da Silva Ramos e Manoel Francisco da Cunha Junior; contém a relação das amostras e productos com que o Estado e diversos expositores amazonenses concorreram aquelle certamen universal. E escripto nos dois idiomas: portuguez e inglez.
1092	31	20 ditos <i>Climatologia Medica do Estado do Amazonas</i> , composta de 119 paginas, edi-

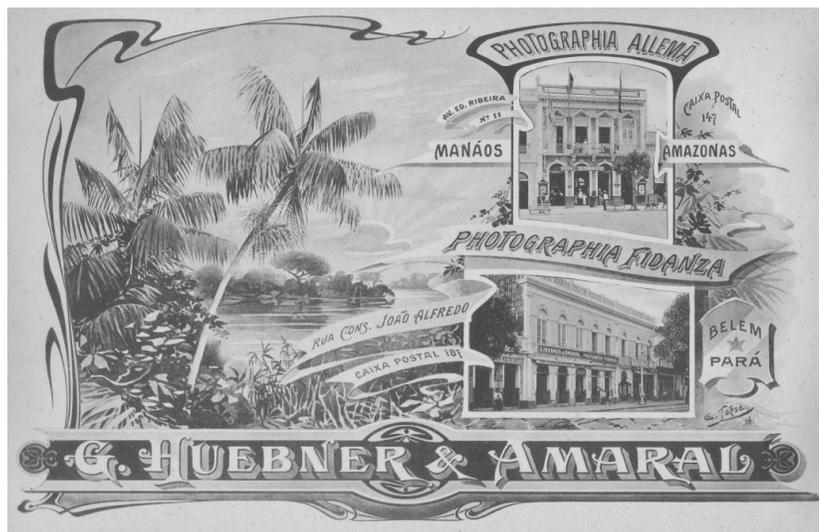
199

Fonte: Museu Amazônico. Fotografia de Andreas Valentim

O "Valle do Rio Branco" acompanha a série de produções de álbuns cuja finalidade era mostrar a capacidade de civilizar, da riqueza arquitetônica, do progresso e do exótico. Porém, contra a correnteza anunciatória das benesses da exploração da borracha surge um álbum que destaca a cultura bovina.

As fotografias do álbum estão nas cores preto & branco, o que as faz interpretar o visível em tons de cinza e levam aqueles que as admiram, a ter as cores por supostas, demonstrando claramente de que forma as teorias da ótica e da fotoquímica estão em sua origem. Esse comentário nos faz pensar nas confusões entre o real e o imaginário.

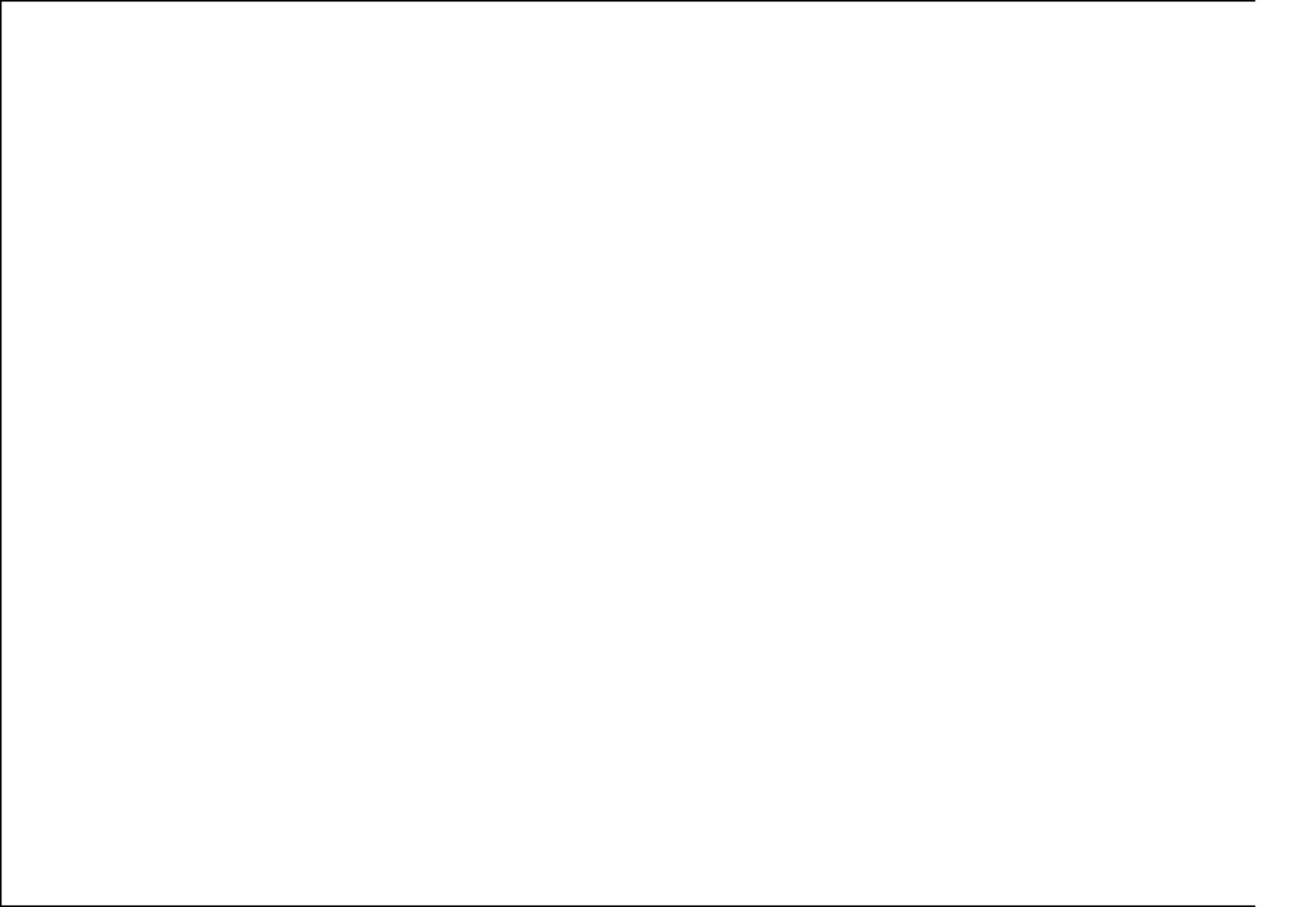
As preocupações de Huebner não se restringiam apenas aos equipamentos de captação da imagem. A criatividade e a capacidade de um homem culto foram demonstradas na diagramação do álbum Valle do Rio Branco. O projeto gráfico denota um antagonismo entre o que as imagens nos revelam e seu entorno – molduras – e enquadramentos de diferentes tipologias demonstram o domínio de técnicas gráficas de um *art nouveau* germânico ou como era conhecido: Movimento *Jugendstil*. que recebeu influências de Paul Gauguin (1848 – 1903), Van Gogh (1853 – 1890), Georges Seurat (1859 – 1891) e pintores franceses denominados *Nabis*.



A narrativa fotográfica proposta por Huebner no Álbum Vale do Rio Branco chama atenção com a propositura do fotógrafo na construção de histórias em ordem cronológica. As fotografias divulgam o lugar, mas também a relação do governador com os habitantes desse lugar. O leitor do álbum acompanha a viagem do governador que posava ao lado de fazendeiros e peões na beira de rios e ruínas de um forte. O governador encarnava o símbolo de um desbravador. Queria ele se colocar como um herói da República?

Mas o fotógrafo ainda nos reservava uma surpresa. Nas últimas páginas do Álbum, encontramos as imagens fotográficas daqueles que contribuíam para o progresso e civilização na Amazônia brasileira. O primeiro em destaque é o Vaqueiro. O estranhamento acontece se pensarmos que o contexto de 1904 era enaltecer o seringueiro e seu esforço em meio à floresta Amazônica. Porém, era projeto do governo de Constantino Nery incentivar a cultura do gado de corte no interior do Amazonas. Basta recorrer ao número de Imagens fotográficas relacionadas a fazendas e a qualidade do gado dispostas no Álbum. Em seguida o fotógrafo presta uma homenagem às comunidades indígenas que habitavam a região do Vale do Rio Branco. Fosse para mostrar um pretense herói republicano, as fazendas e a qualidade do gado nelas conduzidos pelo vaqueiro ou homenagear a cultura indígena, o fato é que Huebner foi o primeiro a fazer um registro fotográfico de forma sistemática no então “Valle do Rio Branco”.

Aos pesquisadores entregamos esta fonte e ao povo da Amazônia esta memória.



O valor simbólico da fotografia:  
entre margens a imagem da fronteira

Maurício Zouein  
Américo Alves de Lyra Júnior

Agradeço a ajuda inestimável dos professores  
Dr. Carlos Alberto Marinho Cirino  
Dra. Gioconda Santos e Souza Martinez  
Dr. Jefferson Fernandes do Nascimento  
Dr. Vladimir de Souza

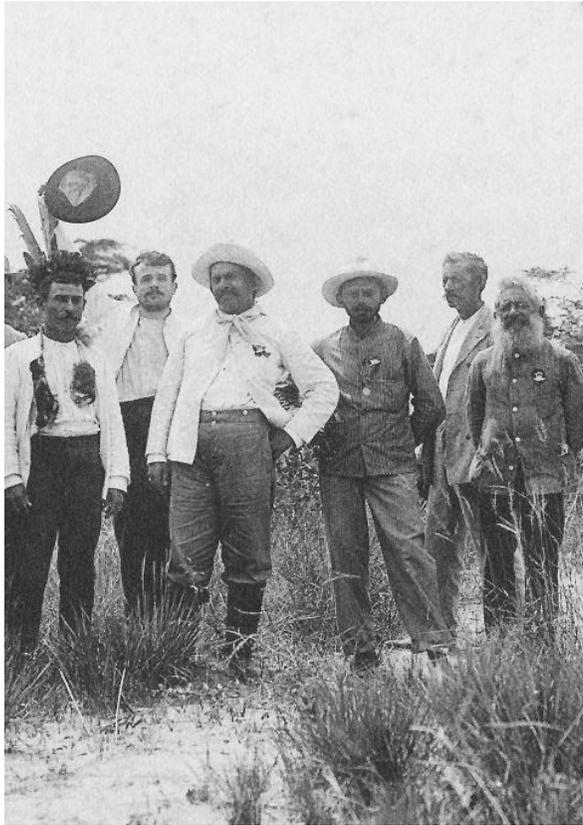
A imagem ao lado mostra uma comitiva formada por autoridades brasileiras e guyanenses, então fotografadas às margens do rio Maú, cujo um dos afluentes é o rio Pirara, no ano de 1904. A imagem sugere algo de cerimonioso, o que não poderia ser diferente, dadas as condições oficiais do encontro. A foto guarda elementos contextuais, de fundo político e também de relações internacionais que envolvem o clima, os discursos e, talvez, os horizontes vislumbrados pelos membros daquele séquito.

A data em tela encerra a questão de litígio fronteiriço entre a debutante República Brasileira e o Império Britânico, a qual se deu em desfavor dos sul-americanos, com o arbítrio do rei italiano Vítor Emanuel III. O monarca europeu entendeu que dos 33.200 quilômetros quadrados em disputa, 13.570 pertenciam aos brasileiros e 19.630 eram propriedades da Coroa Inglesa. A partir dessa informação, pode-se seguir duas estratégias discursivas que valorizam a foto em destaque como registro histórico e, ao mesmo tempo, indicam enquanto realidade política e socialmente construída, a perda de um importante acesso ao mar do Caribe, de uma maior proximidade do país com a América do Norte e o fortalecimento de disputas étnicas em simbiose com as fundiárias na região.

## O valor simbólico da fotografia entre margens a imagem da fronteira.



Grupo na fronteira da Guyana Inglesa – Governador com comitiva  
Fotografia de George Huebner 1904



Detalhe do Grupo na fronteira da Guayana Inglesa – O Governador com a mão na cintura. Ao lado, apontando para o horizonte, esta o fotógrafo.  
Fotografia de George Huebner 1904

A primeira trama que se poderia desenvolver diz respeito às considerações tangenciais de Manuel de Oliveira Lima sobre a Questão do Pirara. Para ele, o pouco interesse público com a Amazônia e a vaidade dos principais agentes diplomáticos brasileiros prejudicaram as negociações relativas ao conflito. As críticas eram endereçadas a Joaquim Nabuco e a José Maria da Silva Paranhos Júnior, o barão do Rio Branco, autoridades e ícones da diplomacia nacional, que teriam aqueles quais desvios de personalidade. Além do que, a assimetria de poder entre o Rio de Janeiro e Londres era muito acentuada para favorecer os interesses dos primeiros.

Mas, optou-se por um outro enredo e discurso, os quais ganharam na consensualidade da literatura sobre o assunto e perderam no fascínio da polêmica. Escolheu-se, assim, o itinerário dos fatos a partir do começo da discórdia na terceira década do século XIX e os legados do desenvolvimento desse tema no período atual. E, em tempo, justificou-se a alternativa em função da natureza do artigo, que é indicador de reflexões sobre o contexto histórico da foto.

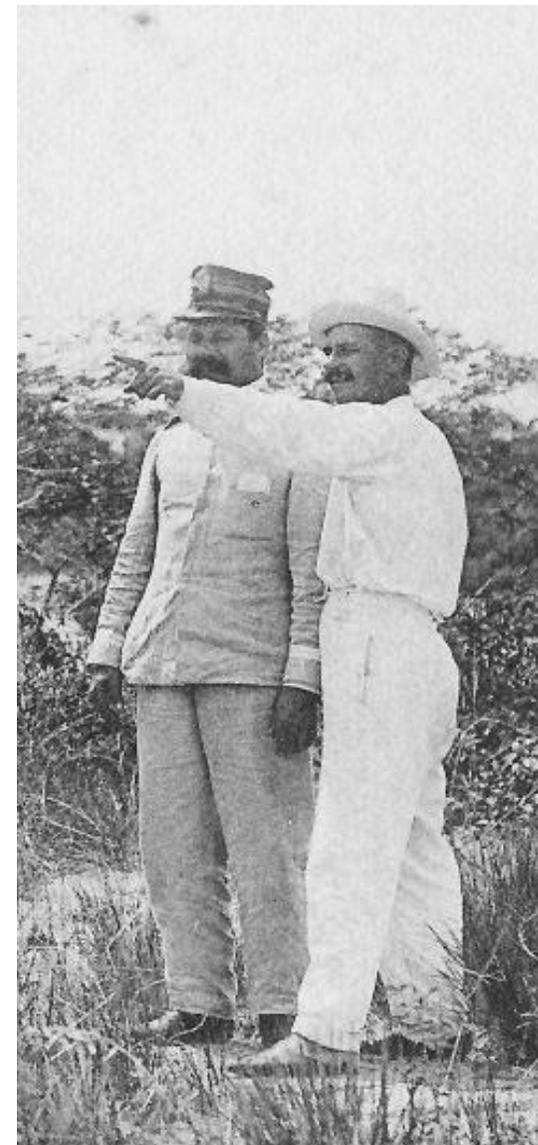
A Questão do Pirara surgiu na primeira metade do século XIX, mais precisamente na década de 1830, e se relacionava a formação de fronteiras. O assunto está fortemente ligado à figura do explorador saxão Roberto Hermann Schomburgk. Ele sugeriu um novo traçado para a então Guiana Inglesa, depois de pesquisas e visitas à colônia britânica na América do Sul. A proposta desse pioneiro ficou conhecida como *Schomburgk line*, a qual adentrava territórios do Brasil e Venezuela, tendo sido imediata e inesperadamente adotada como limite oficial pelo governo da nação europeia.

A adoção desses limites por parte dos britânicos gerou suposições das mais diversas, ainda mais quando as explicações dos principais atores foram evasivas e as fontes de investigação deixam dúvidas quanto aos interesses envolvidos na questão. Como sugere José Theodoro Mascarenhas Menck (2009, p. 26), a colônia inglesa tinha pouca importância econômica. O Ministro de Estrangeiros à época, lorde Salisbury, teria dito a um advogado brasileiro que o território do seu país na América do Sul era uma área sem uma única vaca.

Mesmo com o desprezo do burocrata e nobre britânico, o assunto evoluiu até o ano de 1904 quando a diplomacia brasileira, como visto, foi derrotada pelos interesses ingleses. No entanto, não fica claro como o futuro *sir* Schomburgk logrou encetar uma contenda territorial internacional sem alusão a dúvidas geográficas e limites imemoriais. Ressalta-se ainda que ele era apenas um desbravador vinculado a uma sociedade científica privada.

O que está certo, porém, é a eficiência do estratagema usado por Schomburgk para conseguir aliados e fortalecer suas ambições. O discurso com que inaugurou sua empresa, ao instituir a Questão do Pirara, é basicamente uma denúncia contra os brasileiros. O pioneiro afirmava que índios macuxis eram escravizados e se fazia mister a incorporação da região aos domínios britânicos. Com isso, ele convenceu o parlamentar e presidente da Sociedade Protetora dos Aborígenes, Thomas Fowell Buxton, a se envolver na querela.

Esse expediente deixou herança no período presente. A *Schomburgk line*, que fundamentou a Questão do Pirara, está no fundo dos problemas de limites entre Guyana e Venezuela ou do mal estar da primeira com o Suriname sobre contratempos relativos a linhas marítimas. No caso particular do Brasil, o elemento étnico foi retomado por setores da sociedade civil, já no século XXI, para assentar críticas à demarcação da Reserva indígena Raposa Serra do Sol, a qual também provocou divisão interna com os Yanomami quando da definição em ilhas. Resta imaginar se os olhares dos atores daquele registro histórico vislumbravam seu tempo presente e futuro como prenhe de tantas contradições e possibilidades.



George Huebener (chapéu branco)  
com representante da Guyana  
Fotografia de George Huebner 1904

A fotografia intitulada “Grupo na fronteira da Guyana Inglesa – Governador com comitiva” exhibe o único representante da recém República brasileira na fronteira internacional com a, até então, colônia da Inglaterra. A consonância entre a narrativa visual e o contexto temporal da produção fotográfica incide em tensões signílicas de poderes. A fotografia em questão corresponde a uma ferramenta de construção da condição científica da memória. Por meio daqueles que foram fotografados e do que fotografou, encontramos a narrativa visual profunda e poética que surpreende na manifestação do esforço de civilizar. Tal imagem revela a fronteira internacional do Brasil com a Colônia inglesa no Vale do rio Branco no último ano de litígio. Sente-se, nos fotografados, a diretriz da prática política. Pela escolha e composição da cena, percebe-se que o direcionamento estabelecido por parte do fotógrafo . Huebner aparece ao lado de um membro da comitiva inglesa apontando para o lado brasileiro da fronteira. De todas as imagens do álbum esta é a única que o fotógrafo fez questão de aparecer.

Mais de 110 anos ocultaram o valor simbólico desta imagem. De forma inédita revelamos para o leitor a história do contexto em que a fotografia foi produzida . Quantos segredos ainda se conservam escondidos por entre as páginas do Álbum Vale do Rio Branco?



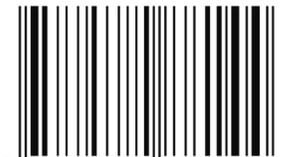
Grupo na fronteira da Guyana Inglesa — Governador com comitiva.

O Governador do Amazonas Antônio Constantino Nery (1859-1924) contrata o fotógrafo George Huebner para subir o Rio Branco, a bordo do Vapor Mararyr em 1904, junto com o engenheiro militar Alfredo Ernesto Jacques Ourique (1848-1932), e documentarem a vida ribeirinha, as grandes fazendas nacionais do Rio Branco, “São Marcos” e “São Bento”, origem da maior parte da carne que abastecia Manaus, as ruínas do forte São Joaquim, a fronteira do Brasil com a Guiana Inglesa, as paisagens naturais e a população indígena.

O Álbum “Valle do Rio Branco” foi editado em Dresden na Alemanha ficando pronto em 1906, porém foi divulgado apenas em 1908 na Exposição Nacional no Rio de Janeiro.



ISBN 858288144-6



9 788582 881446